

ANTÔNIO ROBERTO GIRALDES

Mestres e Heróis: Mitohermenêutica da Formação da  
Identidade de Professores

Dissertação apresentada à  
Faculdade de Educação da  
Universidade de São Paulo para  
obtenção do título de Mestre em  
Educação

Área de Concentração:  
Cultura, Organização e Educação

Orientadora: Professora Doutora  
Katia Rubio

São Paulo  
2011

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

---

37  
G516m      Giraldes, Antônio Roberto  
              Mestres e heróis : mitohermenêutica da formação da identidade de  
              professores / Antônio Roberto Giraldes ; orientação Katia Rubio  
              São Paulo : s.n., 2011.  
              132 p. : il. fotos.

              Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em  
              Educação. Área de Concentração : Cultura, Organização e Educação)  
              - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

              1 .Educação 2. História oral 3. Imaginário 4. Herói 5. Mestre I.  
              Rubio, Katia, orient.

---

Nome: GIRALDES, Antônio Roberto

Título: Mestres e Heróis: Mitohermenêutica da Formação de Identidade de Professores

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Educação da Universidade de São Paulo  
para obtenção do título de Mestre em  
Educação

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

## **Dedicatória**

Este trabalho é dedicado ao Mestre Lama Michel Rinpoche

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Katia Rubio, por toda amizade, confiança e acolhimento.

Ao Professor Doutor Marcos Ferreira, pelas histórias e orientações.

Ao Professor Doutor Rogério de Almeida, pela atenção e respeito.

À Professora Doutora Lúcia Isaltina Clemente Leão pelas sensíveis dicas.

Aos Professores entrevistados, pela sincera disponibilidade e interesse.

A Lisângela Peruzzo, pela revisão do texto, pelo companheirismo, pelas dicas e discussões.

A Yara Maria Vasconcellos Giralde, pela maternidade, por todas as histórias contadas em minha infância, que ajudaram a construir minha história.

A Antônio Eduardo Giralde e Clóvis Giralde Júnior, pela fraternidade, pela silenciosa cumplicidade.

A Kelly Mendes Lima, pelo companheirismo, por todas as dicas.

A Letícia Lopes de Carvalho, por fazer parte de minha história.

A todos os Professores, colegas de profissão, que este trabalho possa contribuir em nosso ofício sacro.

A todos os meus alunos, que, no decorrer desses anos, ensinam-me cotidianamente não somente o que é ser professor, mas, principalmente, caminhos para nos tornarmos pessoas melhores.

## RESUMO

GIRALDES, A.R. **Mestres e Heróis: Mitohermenêutica da Formação da Identidade de Professores.** 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011

A crise que se abate hoje no magistério engendra-se tanto nos baixos salários e na precária infraestrutura educacional, como na carga identitária do próprio professor, que enfrenta grandes dificuldades em encontrar seu lugar não somente dentro da sala de aula, mas na própria sociedade. Uma das formas de reconstrução dessa identidade encontra-se no resgate de sua condição de professor, no reencontro de sua essência. O complexo mítico mestre/herói/aprendiz pode presentificar-se no trajeto de imagens desse professor, desde os processos primários arquetípicos até as idiossincrasias dos indivíduos, pois o fazer profissional, muitas vezes, exercita nossa memória intuitiva trazendo as origens de nossa profissão e de nossa ontologia. O objetivo deste trabalho foi estabelecer uma discussão sobre as formas pelas quais esse trajeto de imagens é incorporado no cotidiano do professor, uma vez que o resgate dessa memória é um grande passo para a reconstrução de uma identidade quase perdida. Para tanto, foram coletadas três histórias de vida de professores de cursinho pré-vestibular, já que as histórias de vida são um dos amálgamas produtivos para esse encontro com um passado distante. O que se observou nessas narrativas foi como, a partir da prática em sala de aula, esse saber profissional mítico é atualizado e revivido pelos professores durante as suas aulas, seus comentários, seus enfrentamentos diante dos problemas da profissão, enfim, a forma com que percebem a si mesmos e a sua identidade profissional.

Palavras-chave: Educação, História Oral, Imaginário, Herói, Mestre.

## ABSTRACT

GIRALDES, A.R. **Masters and Heroes: Identity Teacher's Training Mitohermenêutica**. 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011

The crisis in today's teaching is engendered in both low wages and poor educational infrastructure, as in the teacher's own identity charge, which is facing great difficulties in finding their place not only inside the classroom but in society itself. One way of reconstructing this identity lies in the rescue of their status as professor, in the reunion of their essence. The complex mythic master / hero / apprentice can be made present in the path of images of this teacher, since the primary processes archetypal to the idiosyncrasies of individuals, because the professional way often practices our memory bringing the origins of our profession and our ontology. The aim of this study was to establish a discussion on the ways in which this path is embedded in the daily images of the teacher, since the recovery of this memory is a big step for the reconstruction of an identity almost lost. To this end, we collected the life histories of three teachers from Preparatory Course, since the life stories are an amalgam of production for this encounter with a distant past. What was observed was how these narratives, from the practice in the classroom, this legendary professional knowledge is updated and revived by the teachers during their lessons, their comments, their confrontations on the problems of the profession, at least, the way perceive themselves and their professional identity.

Keywords: Education, Oral History, Imaginary, Heroes, Master.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	12
<b>3</b>	<b>OBJETO</b> .....	18
<b>4</b>	<b>MÉTODO</b> .....	22
<b>5</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO</b> .....	29
5.1	SIGNO E SÍMBOLO .....	29
5.2	IMAGENS ARQUETÍPICAS E MITO .....	36
5.3	MITO E HERMENÊUTICA .....	43
5.4	HERÓI .....	45
5.5	MESTRE .....	50
<b>6</b>	<b>INTERPRETAÇÕES</b> .....	61
6.1	NARRATIVA A .....	61
6.1.1	RESUMO .....	61
6.1.2	O FILHO DO CARTEIRO .....	63
6.1.3	O RELÓGIO E FAETONTE .....	67
6.1.4	INICIAÇÃO .....	71
6.1.5	DOM QUIXOTE .....	77
6.2	NARRATIVA B .....	80
6.2.1	RESUMO .....	80
6.2.2	QUIRON .....	81
6.2.3	A CRIANÇA QUE CRIA .....	82
6.2.4	FOGO .....	86
6.2.5	HYBRIS .....	89
6.3	NARRATIVA C .....	91
6.3.1	RESUMO .....	91
6.3.2	ACIDENTE .....	92
6.3.3	TERNO E AVENTAL .....	96



6.3.4 O FIO E A PORTA.....	099
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>103</b>
<b>8 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>108</b>
<b>9 ANEXOS.....</b>	<b>115</b>
9.1 TERMO DE CONSENTIMENTO.....	115
9.2 NARRATIVA A.....	116
9.3 NARRATIVA B.....	123
9.4 NARRATIVA C.....	127

## 1. INTRODUÇÃO

Embora existam infinitos métodos, planejamentos e filosofias pedagógicas; poucos poderão negar que um dos fatores mais importantes para uma boa educação é o cerne de todo o processo educacional: o professor. Grande parte do momento da aula, com suas variantes e imprevistos, quem resolve é a experiência do professor e não o conhecimento do método aplicado por ele.

No entanto, as Faculdades de Educação em geral e suas Pedagogias, muitas vezes, parecem distantes do dia a dia desse professor. Isso sempre foi algo debatido, comentado por mim e meus colegas em conversas no ambiente de trabalho. Entre as mazelas e lamentações que dizemos e escutamos, vejo, nas entrelinhas, pedidos silenciosos e sufocados:

- Estamos sozinhos! Esses métodos todos que aprendemos não resolvem nossos problemas, aprendemos “comendo giz”, na tentativa e erro, na experiência.

Encontramos, dessa forma, os professores mais velhos, solitários e espertos, depois de tantos anos sofridos e os mais novos, solitários e apavorados, desesperados tentando aplicar métodos, que os alunos relutam em aceitar.

Em uma das minhas andanças, refletindo sobre meu mestrado e essa questão levantada; **imaginei** se haveria a possibilidade de se reproduzir em algum trabalho teórico a experiência de vida dos mais velhos para os mais novos.

Parecia óbvio que não, inicialmente teoria e experiência eram incompatíveis.

Pensei, então, em como isso ocorre, em como os mais velhos passam suas experiências de vida para os mais novos.

Veio-me então a seguinte **imagem**:



O avô, o neto e o mar. Mãos dadas para o pequeno não cair na areia fofa, mas mãos dadas também para orientação do caminho, ambos com os olhares para o mar, como se caminhassem para algum lugar que não tem fim. A única referência do pequeno é a mão do mais velho, e o pequeno atende, e o pequeno segue.

Parece que a experiência é passada quando existe algum laço de afeto, pois há uma relação de interdependência entre afeto e confiança: eu confio em você e assim posso absorver sua experiência como se fosse minha, posso ir bem mais longe com a ajuda da sua experiência.

Como estabelecer uma relação de afeto entre mim e o leitor?

Onde está o afeto entre os professores mais velhos e os mais novos?

Se os professores mais novos aprenderem que precisam trabalhar o afeto, como estabelecer uma relação de afeto com um aluno, sem cair em outros tipos de proximidade, como o de ordem sexual, que transcendem o limite da relação de aprendizagem?

Pensei que não seria tarefa fácil.

Eis então: encontrei três pessoas que seguraram minhas mãos e me mostraram o caminho para o mar.

A primeira foi a Professora Katia Rubio. Ela me disse sorrindo:

- Histórias de vida ...

Se o trabalho contasse histórias de vida, a experiência seria passada e todos nós haveríamos de somar às nossas experiências, as experiências dos outros.

A segunda pessoa foi o Professor Marcos Ferreira, que não foi tão direto, disse-me muitas frases enigmáticas, daquelas que você fica pensando o dia inteiro e apresentou-me alguns livros para ler. No meio deles, encontrei a segunda ponte:

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://pequenacoisadesconhecida.blogspot.com/2010/04/av-e-neto.html>

- Razão sensível ...

Ali estava a incorporação sadia e mais clara do afeto nas relações educacionais, que, com o passar do tempo e a profissionalização do ensino, tornou-se algo escondido e até ridicularizado.

Os mitos surgiram como amálgama entre a sensibilidade e a experiência. Para moldar essa argila resistente às minhas mãos, tive as mãos de uma terceira pessoa: Professor Rogério de Almeida, uma espécie de disciplinador de pensamentos.

Daí surgiram as experiências, os professores, as histórias e o trabalho.

Sei perfeitamente que meu trabalho é um sussurro em meio à avalanche acadêmica de produções científicas e reflexões sobre o assunto, mas, antes de qualquer coisa, é um sussurro sincero. Aprendi com meus alunos que a sinceridade é um fio finíssimo, quase imperceptível, mas inquebrável. É ela que mantém os alicerces firmes em meio aos terremotos da vida.

## 2. JUSTIFICATIVA

*O que for a profundidade do teu ser, assim será teu desejo.  
O que for o teu desejo, assim será tua vontade.  
O que for a tua vontade, assim serão teus atos.  
O que forem teus atos, assim será teu destino.<sup>2</sup>*

Hoje, órgãos internacionais de mensuração colocam a Educação brasileira como uma das piores do mundo<sup>3</sup>. A estrutura sociocultural e educacional do Brasil construiu-se sob uma série de entraves não resolvidos e fossilizados em sua história, problemas esses que vão desde preconceito e desequilíbrio social à má assimilação do multiculturalismo e à imposição de padrões etnocêntricos por parte de determinados grupos da elite.

Como caminhos para solução, já se procurou democratizar o acesso ao ensino, aumentando-se o número de escolas públicas; já se repensou nos motivos da evasão escolar e repetência, propondo-se a progressão continuada na aprendizagem em ciclos; já se iniciou um processo longo de accountability<sup>4</sup>, baseado em índices para se quantificar melhor o processo de aprendizagem. Enfim, há inúmeras ferramentas e, no meio delas, um arsenal de estudos vinculados a índices de produtividade, à adaptabilidade social e à capacitação em competências, eixos cognitivos e matrizes de estudo para se demonstrar o fracasso ou o sucesso educacional.

Não é nossa intenção, em momento algum, desprestigiar o mérito dessas análises e procedimentos que, de um ponto de vista prático, direcionam as políticas públicas nas escolhas pedagógicas e didáticas. Pensamos, aqui, em somar outros referenciais ainda não tão valorizados em nossa Educação, imaginando um enfoque direcionado à **educação de sensibilidade**<sup>5</sup>, uma Educação voltada às experiências simbólicas como construtoras da **essência** do indivíduo, faceta esquecida em meio ao discurso científico tradicional.

---

<sup>2</sup> Brihadaranyaka Upanishad IV 4.5

<sup>3</sup> Referimo-nos à posição brasileira no PISA de 2006 in: INEP, 2010.

<sup>4</sup> *O termo accountability tem sido traduzido como transparência, responsabilização, rendição de contas e outros.* Trata-se de um sistema de exames padronizados de caráter universal com ampla divulgação de resultados. (FERNANDES et alli, 2009, p.1.)

<sup>5</sup> *O pólo sensível da mesma razão sensível configura a experiência estética do estar-no-mundo e suas imagens e símbolos, a busca constante de constituir sentido à existência.* (FERREIRA SANTOS, 2005-A, p. 48).

Para ilustrarmos melhor nosso ponto de vista, optamos por contar uma pequena **história**:

*Imaginemos uma reunião pedagógica em alguma escola particular ou pública. Pensemos nas discussões ocorridas diante das intermináveis questões interpretativas do ENEM<sup>6</sup>, ou de questões de matemática ou física, cujas falhas estão muito mais na compreensão do texto que no conhecimento do conteúdo propriamente dito.*

*Possivelmente alguém dirá:*

*- Precisamos **treinar** interpretação de texto, vamos **obrigá**-los a fazer milhares de provas sobre esse assunto. Ai ficarão bons!*

*Outro especialista talvez diga:*

*- O problema está na pouca leitura deles. Vamos incentivá-los fazendo concursos de leitura, levando-os a museus, pedindo relatórios; assim, trabalharemos com a produção e recepção de textos.*

*Algum professor inovador dá outra ideia:*

*- Façamos um programa motivacional neurolinguístico, isso chamará o aluno para o processo educacional, o que falta para eles é **motivação**.*

*No meio dessa reunião, um silencioso e decano professor apenas observa as inúmeras teorias e técnicas: construtivismo, reiteração cíclica de conteúdos, multimídia, lousas interativas, clickers, ensino a distância. Ao ser indagado pelos colegas, responde:*

*- **Não passamos de Gepettos forjando infelizes Pinóquios.***

*Como assim? Ninguém entendera a frase desse último Professor!*

*Mas eis que o professor mais jovem diz:*

---

<sup>6</sup> Referimo-nos ao Exame Nacional do Ensino Médio in: INEP, 2010.

*-Eu sei o que o senhor quer dizer. Estamos nos preocupando tanto com o método que nos esquecemos de nossa essência. Precisamos nos lembrar de nós mesmos, assim não trataremos os alunos como bonecos de madeira a serem lapidados por ferramentas que são trocadas com o passar do tempo. Ao nos conhecermos melhor, passaremos a conhecer melhor o outro e o Pinóquio se tornará um menino.*

*O professor decano sorriu.*

Os problemas e entraves pelos quais passa a Educação em geral talvez não estejam somente no método ou conteúdo de trabalho, mas no universo externo ao método: relação entre os sujeitos participantes dele, que, de acordo com a visão que possuem de si mesmos e do mundo, interpretam o método de forma totalmente diferente e improdutiva, por mais objetivo e **racional** que ele seja.

A educação, de maneira geral e escolarizante, continua se pautando, exclusivamente, sobre uma base racional, e como mais um aparato burocrático-estatal, assim se submete às práticas de racionalização (lógica econômica de dispensar um mínimo de energia obtendo um máximo de resultado). Creio que a razão de sua constante crise, em termos antropológicos, seja, precisamente, esta.<sup>7</sup>

A crise citada atrás está na aplicação dessa base racional, que não deve ser um fim em si mesma, mas deve possuir **sensibilidade** e **vivência**, elementos perdidos pelo modelo tradicional de produção de conhecimento. Encontramos hoje uma Educação baseada na Ciência e na Tecnologia, procuramos formar apenas cientistas pensadores e operários especializados no gerenciamento ou execução dos trabalhos para o sistema de produção em voga. Em geral, isso não inclui a **identidade** e a **alteridade**, muito pelo contrário, constrói uma Educação apenas tecnológica e vazia.

---

<sup>7</sup> FERREIRA SANTOS, 2005, p.71

E quais são os recursos necessários para eliminação da alteridade? São, precisamente, aqueles equipamentos ditos **civilizacionais**: a escola etnocêntrica e elitista (mesmo que massiva) com seu **furor pedagógico**; o contratualismo francês (**racionalidade do contrato social**) com seu **furor gestor**; e a apologia da **ciência** (experimental e aristotélica) com seu furor **epistemológico**.<sup>8</sup>

Essa **relação com o outro** tende a ser esquecida pelas teorias e pelos gerenciamentos da Educação de hoje. Possuímos uma **riqueza** de conteúdos e uma **pobreza** nas relações entre as pessoas. Assistimos a alunos e professores perdidos no meio da sala de aula, tentando desesperadamente um ponto de encontro, algo em comum; tropeçando nas cadeiras, lousas, livros, apostilas, sistemas didáticos, inspetores, pedagogos, pais, vestibulares.

Quando, finalmente, depois de uma longa busca, seus olhares se cruzam, não se reconhecem, veem-se como estranhos a tagarelar fórmulas algébricas ou a tagarelar futilidades adolescentes. O **outro** (alter) torna-se um **estranho** (alienus), restando apenas os conteúdos e métodos a serem utilizados.

Filogeneticamente, o sistema generativo da dominação e do apego se encontra na origem primata do **sapiens**. Ao mesmo tempo em que o vínculo social se faz cooperativo, engendra também a dominação. E toda degeneração destes liames socioetais, segundo a tradição personalista, deriva desta falha na comunicação em que o **alter** torna-se **alienus**.<sup>9</sup>

Dessa forma, a valorização do **método** (a busca das verdades intrínsecas ao próprio **objeto**) formou na cultura ocidental uma **redução progressiva** do **pensamento simbólico** (pensamento que busca uma compreensão indireta do **objeto**, vivenciando-o como uma epifania transcendente e numinosa) e trouxe uma distância do indivíduo consigo mesmo, com o planeta em que vive, com o **outro**.

---

<sup>8</sup> FERREIRA SANTOS, 2005, p.75.

<sup>9</sup> FERREIRA SANTOS, 2005-A, p.58



A alquimia da transmutação, da transfiguração simbólica só pode, em última instância, efectuar-se na experiência de uma liberdade. E o poder poético do símbolo define a liberdade humana melhor do que qualquer especulação filosófica: esta última obstina-se a ver na liberdade uma escolha objectiva, quando na experiência do símbolo demonstramos que a liberdade é **criadora** de um sentido: ela é **poética de uma transcendência** no seio do sujeito mais objectivo, do mais implicado no acontecimento concreto.<sup>10</sup>

Essa poética **criadora** que experiencia a **liberdade de sentidos** não é visível pelo viés tecnicista e cientificista de hoje. Mesmo assim, nos meandros e entrelinhas de toda estrutura que nos engendra, persistem momentos em que se mantém a antiga essência dessa relação interpessoal e simbólica entre professor e aluno, dispondo ambos a um encontro criador de sentidos ontológicos. Essa relação simbólica pode ser encontrada, dentre outros processos de simbolização, no **mito pessoal** de cada um.

O **mito** *possui a estranha propriedade de escapar à contingência lingüística racional*<sup>11</sup>, como se fosse um **modo** em que ocorre uma tradução simbólica dessa pluralidade de sentidos que uma relação direta com o objeto não encontra.

Platão sabe que muitas verdades escapam à filtragem lógica do método, pois limitam a Razão à antinomia e revelam-se, para assim dizer, por uma intuição visionária da alma que a antiguidade grega conhecia muito bem: o mito.<sup>12</sup>

Esse **mito** se reproduz em cada um, nas histórias, nos sonhos, nas imagens. Ele serve como uma espécie de caminho para um mundo desconhecido e criador de outros mundos. Esses que, no final, trazem nossa própria individualidade, encontrada em nossa capacidade de simbolizar.

---

<sup>10</sup> DURAND, 1964, p. 33.

<sup>11</sup> Idem Ibidem, p.47

<sup>12</sup> DURAND, 2004, p.16

Estão instauradas, hoje, na figura do Professor, uma série convenções sociais, papéis burocráticos e atitudes alienantes, que o dissociam de sua própria transcendência simbólica, da memória (seu fazer profissional) e de sua relação com o próprio aluno.

Tenho dezessete anos de experiência em sala de aula. Trabalhei como professor da rede pública, da rede particular e de cursinhos pré-vestibular. Percebo que grande parte do “saber-ensinar” encerra-se muito mais em uma vivência frutífera em sala de aula que propriamente no conhecimento e domínio de teorias pedagógicas ou sistemas didáticos.

Inicialmente, não acreditava na possibilidade da criação de um trabalho acadêmico que evidenciasse muito mais a prática que a teoria, no entanto, ao enveredar-me pelo universo simbólico como elemento constitutivo da criação da identidade do indivíduo pela experiência, verifiquei no mito pessoal um possível caminho.

A rede de simbolizações presentes no Mito do Herói, dentre outras, reconstrói esse elo perdido do professor consigo mesmo. A percepção do Mito do Herói, do aprendiz e seu mestre, uma leitura hermenêutica desse processo, contribuirá para elucidar momentos em que essa relação é estreitada.

Procurei, dessa forma, exercitar minha leitura das histórias pessoais dos entrevistados e as transcendências presentes nelas. O simples contato com essas histórias **religa** esse caminho à nossa essência como professores para reencontrarmos o nosso desejo, nossa vontade, os nossos atos e recriarmos o nosso destino ao invés de já tê-lo todo escrito em algum sistema didático ou conteúdo a ser passado.

### 3. OBJETO

Costuma-se definir objetos de estudo vinculando-os a um determinado *métron*, delimitado pelos referenciais teóricos. Dessa forma, ficaria impreciso dizer apenas que nosso objeto de estudo é o **Professor** em sentido lato. Mesmo porque a própria sociedade moderna não consegue dar lugar exato a essas *pessoas que lecionam*: nos Estados Unidos, a palavra segue apenas aos que ensinam no ensino superior (*college* ou *university*), aqueles que lecionam o equivalente ao nosso ensino médio e fundamental chamam-se *Teachers*; no Reino Unido, a palavra fica apenas para sêniores em universidades (que, muitas vezes, são os que menos ficam em sala de aula), os nossos Professores Doutores seriam *Lecturers* para o magistério do Reino Unido; no Brasil, até técnico de futebol é chamado de professor<sup>13</sup>, evidenciando que existe proximidade entre treino e aprendizagem, ou utilizando outro sentido ao termo: aquele que é perito, versado e que domina o assunto.

A palavra **Escola**, por sua vez, aparentemente inabalável, entendida como **núcleo de aprendizagem**, amplia seu campo lexical na nossa cultura. Um exemplo seriam as famosas: **Escolas de Samba**. Nos carnavais brasileiros, **Escola de Samba** sugere algo que não possui a intenção de **formar**, transportar conteúdos claros com provas ou diplomas; mas simplesmente instaura um espaço de convivência e envolvimento tão amplos na comunidade, que todos são professores e todos alunos, cada um com sua parte.

É a vitória, produto da contribuição da coletividade.

Nota-se, assim, que a própria acepção da **palavra/termo** possui um referencial teórico escolhido, o que não seria diferente com o objeto de análise, pois, mesmo para evidenciarmos o lado mais prático do objeto, necessitamos de um aporte teórico.

Inicialmente, separamos duas bases de referência teórica: a escola estruturalista (aristotélica) e a escola neoplatônica.

---

<sup>13</sup> Referimo-nos às entrevistas em que muitos jogadores do futebol chamam seus técnicos de Professores.

Uma delas é a escola estruturalista, em cuja análise antropológica (com Lévi-Strauss), a psicanálise (de Jacques Lacan) e a semiótica privilegiam o caráter substitutivo, convencional ou relacional do símbolo. [...] A outra abordagem é chamada de escola antropológica e filosofia substancialista representada por Gilbert Durand, Paul Ricoeur, Mircea Eliade, Joseph Campbell e C. G. Jung, e representa uma continuidade da tradição neoplatônica, que considera que a idéia é mais difícil e menos verbalizável do universo simbólico.<sup>14</sup>

Nossa opção é pelo segundo recorte epistemológico. Fizemos tal escolha não pelo fato de considerarmos a sua veracidade ou o seu maior caráter científico, mas porque acreditamos que ele, neste momento, adapte-se melhor aos nossos objetivos: irmos além da análise de estruturas fixas discursivas conscientes ou inconscientes, buscando visões do lugar em que o homem ocupa no universo mítico, em um universo que transcende o campo do discurso, ligado à construção das imagens a partir da experiência cotidiana.

Dessa forma, não buscamos a palavra **Professor** em sua definição **sígnica** estrutural (campo conceitual, traços semânticos, nomenclatura direcionada a indivíduos da sociedade), buscamos o **Professor** em sua dimensão **simbólica**, ou seja, a carga extralinguística que a palavra **carrega**, suas reverberações metafóricas e as imagens relacionadas a ela.

Para evitar que o trabalho seja uma mera descrição da constelação de imagens construída pelos entrevistados, optamos, como caráter motivador, um entrelaçamento interpretativo com o **mito do herói**. Nossa escolha veio em decorrência de Joseph Campbell, que destaca em seus estudos os mitos internalizados no indivíduo, direcionando-os para o caráter do **herói lunar**, ou seja, aquele herói vinculando ao exercício ontológico de se exercer a **humanidade**, tornar-se **uno**, entrar em contato consigo mesmo e, conseqüentemente, com o mundo.

---

<sup>14</sup> RUBIO, 2001, p. 49.

O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. [...] O herói morreu como homem moderno; mas, como homem eterno – aperfeiçoado, não específico e universal - renasceu.<sup>15</sup>

Vencer as limitações pessoais, atravessar desafios íntimos para tornar-se um **indivíduo**, dentro do processo educacional, remete-nos às figuras dos mestres tutores dos heróis e seus heróis aprendizes.

O **mestre** é o responsável por incitar esses desafios ao aprendiz, apresentarlhe caminhos para sensibilizá-lo na experimentação da vida. O **mestre** só pode fazer isso quando possui em si também a própria experiência, os próprios desafios e as próprias vitórias sobre suas limitações pessoais. São, portanto, tanto o **mestre** quanto o **aprendiz**, heróis.

O professor dá ao discípulo, mais ou menos felizmente, mais ou menos plenamente, a revelação de sua própria existência. Não a demonstração da existência de Deus ou do mundo exterior ou da verdade matemática, mas a demonstração da própria existência, que está no princípio de todas as outras demonstrações, pois todo homem tem necessidade de acreditar, mesmo que seja só por algum tempo, que sua vida tem um sentido e um valor. É dessa verdade que o professor dá testemunho.<sup>16</sup>

Nosso objeto de estudo não está estático. Não se trata do professor registrado em carteira de trabalho de algum grupo de colégios. Nosso objeto é um caminho ao cerne do magistério, cognoscível na visão das atitudes, das experiências de vida.

Antes de ser “sacerdócio”, “doação plena”, com os quais, de forma negativa, é comum caracterizar seus atos, o professor parece constituir-se num espaço de existência, dentro do qual as opções no trajeto encaminham-lhe o andar. Aí, os sentidos postos na travessia desvelam os diferentes modos de ser, em sua procura de si.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> CAMPBELL, 2007, p.28.

<sup>16</sup> GUSDORF, 2003, p. 69.

<sup>17</sup> BOARETTO, 2003, p.99

Após isso definido, veio-me então a desconfortável pergunta:

- Com quais professores trabalharei?

Com o passar do tempo, percebi que devia ser fiel à minha proposta: valorizar a experiência cotidiana. Dessa forma, não estabeleci recortes sociais de idade, disciplina, sexo, instituição, dentre outros; apenas enviei vários e-mails e fiz alguns contatos.

Houve uma grande variedade de respostas e impressões tanto da minha parte quanto dos convidados, porém, intuitivamente, optei por escolher aqueles que, espontaneamente, “sorriam” e ficavam curiosos sobre o trabalho, ou seja, não foram pessoas frias e genéricas, mas integradas à pesquisa e dispostas a descobrir algo de novo.

Curiosamente, os três são professores de cursinhos pré-vestibulares. Incomodou-me, no início, o fato de eu também sê-lo, ou seja, procurar-me nos outros. No entanto, como está esboçado logo a seguir, não é nossa proposta a busca da imparcialidade diante do objeto, mas de, junto a ele, construir uma **verdade interpretativa**.

Além disso, o professor de cursinho é um dos professores que mais é cobrado em termos concretos, ou seja, se seus alunos não conseguirem boa pontuação nos exames vestibulares ou não possuírem simpatia por ele (simpatia controlada por pesquisas), perde-se o emprego.

Por conta disso, torna-se um professor versátil e aberto a experiências, não se preocupando tanto com aparatos teóricos: exatamente a ideia inicial do trabalho.

## 4. MÉTODO

*O homem não se revela em sua história, mas luta através dela.*<sup>18</sup>

Neste trabalho, os professores entrevistados fizeram uma **viagem interna** e, nessa viagem, **descobriram-se** por intermédio de sua imaginação simbólica. No meio dessa **descoberta**, eu (autor deste trabalho) procurei me **descobrir**, entrelaçando as experiências deles nas minhas experiências. Nesse **intermezzo**, que você, caro leitor, possa também **descobrir-se** nas suas experiências.

O que se revela, se revela **diante do texto** – isto é, é o próprio hermeneuta que se revela na interpretação, na sua tarefa hermenêutica. Isso não representa um obstáculo à compreensão do mundo, mas a sua própria possibilidade, pois não se trata de advogar alguma **Verdade**, mas de testemunhar as minhas experiências com a **verdade**, diria Mahatma Gandhi. E quanto mais diferentes interpretações (segundo o matiz da formação de cada hermeneuta), mais rica passa a ser a nossa leitura do fenômeno, obra ou pessoa em questão.<sup>19</sup>

Como sou **eu** que faço a leitura, **eu** me proponho a **me** revelar nela e grande parte dessa revelação será o encontro com o **outro**.

Dizemos aqui de uma **jornada interpretativa**, ou seja, uma empreitada onde, segundo aquela sugestão de Ricoeur, saio de meu lugar tranqüilo e deixo meus “pré-conceitos” e “pré-juízos” (a **epoché** fenomenológica) e vou buscando sentido nessas obras da cultura e da arte. [...] Paradoxalmente, no mais estranho, no mais exótico, no mais distante... eu me reencontro. É a temática exposta por Heidegger no círculo hermenêutico: ao buscar o sentido das coisas percebemos que somos nós que, reciprocamente, atribuímos sentidos às coisas.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> TAGORE, 1991, excerto 52.

<sup>19</sup> FERREIRA SANTOS, 2005, p. 68.

<sup>20</sup> Idem Ibidem, p.68

As análises tradicionais colocam-nos em um labirinto de espelhos, onde tentamos descobrir o significado absoluto das imagens que vemos, sem compreender que muda o significado delas quando muda a pessoa que entra no labirinto e, ao percebermos as nossas diferenças, em vez de humildemente constatarmos o óbvio, ficamos trocando de método, trocando de espelho, trocando a cor do labirinto à cata de alguma realidade igual para todos.

As imagens de labirinto expostas por Bachelard podem ilustrar nossa busca como pesquisadores, busca remetida a traços arquetípicos de alguém que tenta encontrar um objeto que perdeu, quando, de certa forma, perdeu-se a si mesmo.

O que expressará as perspectivas do **estar perdido**? Será o anel, ou a felicidade, ou a moralidade? E quanta consistência psíquica quando é o anel **e** a felicidade **e** a moralidade! Assim, também, no labirinto, o ser é ao mesmo tempo sujeito e objeto conglomerados no estar perdido.<sup>21</sup>

Cada um, nesse complexo jogo de imagens, depara-se consigo mesmo e conta ao outro como **se encontrou** no labirinto de si mesmo. Este trabalho é o **meu** espelho, que deixa de ser **meu** assim que você o lê, assim como foi antes o espelho dos entrevistados:

Pois foi que, mais tarde, anos, ao fim de uma ocasião de sofrimentos grandes, de novo me defrontei [...] O espelho mostrou-me. Ouça. Por um tempo, nada enxerguei. Só então, só depois: o tênue começo de um quanto como uma luz, que se nublava, aos poucos tentando-se em débil cintilação, radiância. [...] Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa? [...] Sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rosto – quase delineado apenas – mal emergido, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal ... E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. Só. Será que o senhor nunca compreenderá?<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> BACHELARD, 2003, P. 163.

<sup>22</sup> ROSA, 1988, p.71.



O que encontraremos nesse caminho, possivelmente, será algo diferente da noção de identidade que possuímos de nós mesmos como professores, um reencontro com nossa essência, distante, em algum lugar esquecido por nós ou desconhecido. Trata-se, dessa forma, de um trabalho, cuja descrição das imagens simbólicas traz uma experiência, experiência vivida por todos, um caminho a ser percorrido de mãos dadas, do qual ninguém sai ileso (cada um com seu espelho). Se você leitor, no final do texto, por algum instante, ficar em silêncio, com os olhos perdidos em algum ponto, **refletindo** o que está escrito aqui, *pago-me da tarefa*<sup>23</sup>.

O método escolhido para se fazer essa **viagem interna**, o **espelho**, é a entrevista de histórias de vida, uma vez que, a partir do momento que pedem para alguém contar a narrativa de si mesmo, a pessoa se reinventa e, naquele momento de reinvenção, produz uma recriação de sua própria identidade: “é na maneira de contar ao outro a minha história que eu exponho as minhas significações”.<sup>24</sup> Como disse também Riobaldo:

O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isso mesmo falar com o estranho assim, que bem que ouve e logo foge e vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo. Mire veja: o que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si, para isso é que o muito se fala?<sup>25</sup>

Às vezes, ao falarmos com um estranho (e estranho aqui não é somente alguém desconhecido de nós, mas alguém desconhecedor de nossa intimidade), acabamos falando mais de nós mesmos, trazendo à tona **muito e muitos** de nós. Isso é porque, ao trazermos a história da nossa vida à memória, não trazemos somente lembranças, mas lembranças com valores reatualizados pelas experiências que tivemos durante o tempo.

---

<sup>23</sup> ASSIS, 1997, p. 513.

<sup>24</sup> BOARETTO, 2003, p. 11.

<sup>25</sup> ROSA, 2001, p. 55.

A imaginação matiza, desde a origem, os quadros que gostará de rever. Para ir aos arquivos da memória, importa reencontrar, para além dos fatos, valores. Não se analisa a familiaridade contando repetições [...] Para reviver os valores do passado, é preciso sonhar, aceitar essa grande dilatação psíquica que é o devaneio, na paz de um grande repouso.<sup>26</sup>

As histórias de vida foram escolhidas como método pois são elementos catalisadores dessa imaginação simbólica e do mito pessoal procurados nessas pessoas que possuem como experiência de vida o magistério, já que, na nossa história, escolheremos determinados quadros, faremos determinadas reiteraões, reconduziremos certos valores à nossa existência.

Nessas histórias nos reinventamos, possibilitamos a nós um encontro em que experienciamos nossas verdades em um entrecruzamento de paisagens, ajuste de paixões e, principalmente, reconhecimento do **outro** em nós mesmos.

A boa e velha conversa, despreziosa, desvinculada de todo aparato tecnicista que nos encarcera, permite o recomeço, o reinício e nos envolve em nossos princípios, tornando-se uma visão de mundo não apenas de um, mas de todos.

Não sou eu que vejo, nem ele que vê, ambos somos habitados por uma visibilidade anônima, visão geral, em virtude dessa propriedade primordial que pertence à carne de, estando aqui e agora, irradiar por toda a parte e para sempre, de, sendo indivíduo, também ser dimensão e universal.<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> BACHELARD, 1996, p. 99.

<sup>27</sup> MERLEAU-PONTY, 1992, p.138.

O estudioso João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras, criou, em 1919, o neologismo **estória** para ser utilizado quando nos referimos às narrativas populares e ficcionais, enquanto **História** estaria vinculada à **Historiografia**, narrativas reais, documentadas à luz de análise imparcial. Não é nossa intenção aqui dissertar sobre a longa discussão (e talvez inútil) por parte dos gramáticos e filólogos acerca do uso dos vocábulos, apenas registramos as últimas observações por parte da Academia Brasileira de Letras (órgão oficial do governo do Brasil a tratar dessas questões sobre vernaculidade), que recomenda **História** para a ciência e **história** ou **estória** para ficção<sup>28</sup>.

Paula Carvalho, apesar de preocupado com o regime de imagens e não com a vernaculidade da língua, retoma a antiga reflexão de João Ribeiro:

[...] partindo-se daí, em uma revalorização da subjetividade de do “poder poético”, se pretende, de certo modo, “aplicar” esse referencial ao estudo das “estórias” de vida, assim abrindo caminho para uma abordagem diferente das demais abordagens das “histórias” de vida.<sup>29</sup>

Rubira faz um comentário poético ao tema:

Abstenho-me da discussão sobre uma eventual exclusão desse termo **estórias** da nossa Língua Portuguesa e de uma aceção de que não designar os contos tradicionais de origem popular como **histórias** seria negar-lhes uma maior veracidade e importância perante a História da humanidade, optei pela grafia ‘estórias’ para essa dissertação de mestrado, com a intenção de marcar o caráter atemporal que os contos, principalmente os da tradição oral, possuem. Abdiqueei do ‘h’ das horas, do tempo cronológico linear que nos devora, em favor do ‘e’ da eternidade que nos imortaliza.<sup>30</sup>

As **histórias** de nossos entrevistados possuem um caráter um pouco diferente das **estórias** de Rubira. As dela são contos de tradição popular, narrativas alegóricas em geral coletivas, enquanto as de nosso trabalho são narrativas individuais, baseadas na vida real do indivíduo.

**História**, termo que adotaremos em nosso estudo, é a estruturação do universo simbólico e mítico na vida da pessoa, o mito pessoal como metonímia do mito coletivo, a medida impressa pela sua herança cultural.

<sup>28</sup> DICIONÁRIO ESCOLAR DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2008. pp 548 e 668.

<sup>29</sup> PAULA CARVALHO, 1998, p.6

<sup>30</sup> RUBIRA, 2006, p. 57.

A **história** de vida possui, de certa forma, tanto caracteres verídicos quanto ficcionais, pois está justamente no intervalo entre ficção e verdade, no local em que somos **pessoas** e **personagens**, em que nos interpretamos com toques poéticos, trágicos, enfim, em que nossa vida, a partir das imagens construídas, transforma-se em uma narrativa simbólica.

Adotaremos como regra para todos os entrevistados o seguinte início:

- Por favor, eu gostaria que você me contasse a história da sua vida.

A partir desse estímulo inicial, os entrevistados contaram suas lembranças familiares, sua vida profissional, passando por questões pessoais ligadas ao magistério. As entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. Quanto à transcrição, vale lembrar que ela é uma **recriação** da história contada pelo entrevistado, Meihy utiliza o conceito de transcrição para definir melhor o processo hermenêutico pelo qual passaram as entrevistas:

O conceito de transcrição é uma mutação, “ação transformada, ação recriada” de uma coisa em outra, de algo que, sendo de um estado da natureza, se torna outro. A beleza da palavra composta por “trans” e “criação” sugere uma sabedoria que ativa o sentido íntimo do ato de transcriar. Fala-se de geração, mas não de cópia ou reprodução. Nem de paródia ou imitação. [...] Nesse sentido, aplica-se à prática da transformação do oral no escrito; a metáfora da água que transmuta do líquido para o gasoso.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> MEIHY, 2007, p. 133.

Seria ingenuidade acreditarmos em um paralelismo pleno entre a palavra falada e a palavra escrita. Recriamos, então, a história **falada** em uma história **escrita**. Procuramos descrever quaisquer alterações pertinentes do entrevistado no momento em que fala (impostação de voz, silabação, dentre outros), bem como ilustrar a entrevista com informações ditas antes e depois do gravador ligado, **momentos em “off”**, que, às vezes, podem trazer informações importantes à história contada, respeitando sempre o anonimato do entrevistado, ou seja, omitindo dados que possam revelar sua identidade.

Cada entrevistado recebeu uma ementa explicando o teor da pesquisa e assinou um documento concordando com o procedimento (**anexo 1**).

## 5. FUNDAMENTAÇÃO

### 5.1 SIGNO E SÍMBOLO

*Imagens que passais pela retina  
Dos meus olhos, porque não vos fixais?  
Que passais como a água cristalina  
Por uma fonte para nunca mais!...*

*Ou para o lago escuro onde termina  
Vosso curso, silente de juncais,  
E o vago medo angustioso domina,  
- Por que ides sem mim, não me levais?*

*Sem vós o que são os meus olhos abertos?  
- O espelho inútil, meus olhos pagãos!  
Aridez de sucessivos desertos...*

*Fica sequer, sombra das minhas mãos,  
Flexão casual de meus dedos incertos,  
- Estranha sombra em movimentos vãos.<sup>32</sup>*

O mistério e a sedução da imagem encontram-se em sua contínua fugacidade e em seu denso cerne. Em uma imagem, pode-se ver tudo e nada, dependendo de seus olhos e de seu momento. Ela, antes de ser a própria coisa/objeto é o trânsito entre o observador e o observado, recebe influência de ambos e reproduz universos culturais subjacentes e ocultos.

Gilbert Durand, constantemente, dava à imagem o epíteto de *a louca da casa*<sup>33</sup>, aquela escondida entre as sombras da cultura ocidental, que, muitas vezes incompreendida pelo disciplinado pensamento aristotélico, simplesmente não responde prontamente às perguntas dos cientistas, perpassando incólume e fugidia pelo tempo, instalando-se nos alicerces de todos os povos, produzindo ideias e sensações novas e reproduzindo outras extremamente antigas.

Por outro lado, essa **louca desconcertante** é peça fundamental na vida das pessoas, aquela que permite ao Homem a criação de conceitos novos, que revivifica sonhos da humanidade, que pode aproximar o Homem do **outro** e de si mesmo.

---

<sup>32</sup> PESSANHA, 1989, p.35.

<sup>33</sup> DURAND, 2004, p.13.

Nessa articulação de imaginação e memória, a liberdade da criação atualiza sonhos e angústias na memória da humanidade. Uma invariância arquetipal confere unicidade à multiplicidade de formas culturais nos espaços geográficos e nos tempos históricos através do tempo primordial. Uma imagem cósmica se impõe na percepção de nossa situação existencial e de nossa finitude. [...] Então, percebemos que, ao contrário do que há séculos nos ensinaram a pedagogia da demonstração, o conceito é um rascunho da imagem.<sup>34</sup>

Dentro dos estudos das imagens, por mais paradoxal que pareça, o mais difícil é **enxergá-las**. Isso porque as **visões** tradicionais da cultura ocidental, muitas vezes, transformam a imagem em dogma ou em sintaxe<sup>35</sup>, ou seja, constroem sistemas lógicos estruturais que esclerosam suas motivações primordiais.

Um dos caminhos para procurarmos evidenciá-las seria discutirmos as diferenças entre o que determinados estudiosos entendem hoje por **signo** e por **símbolo**, uma vez que a articulação entre esses conceitos faz com que tenhamos mais tranquilidade nas escolhas de pensamento e de objetos de estudo.

O primeiro ponto em questão está na ideia do que pode ser definido como signo. A essência do signo está no método ocidental analítico, que compreende o mundo através da fragmentação.

A teoria dos modi significandi, falando com mais rigor, postula a existência da coisa com as suas propriedades (modi essendi) que causam, tal como seu efeito, a sua própria intelecção ou compreensão (modi intelligendi). A este último modo segue-se um revestimento da compreensão ideal por um invólucro racional, o signo, que dá lugar ao modus significandi.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> FERREIRA SANTOS, 2005-A, p.50.

<sup>35</sup> DURAND, 1964, p. 30.

<sup>36</sup> KRISTEVA, 1969, p.163.

Júlia Kristeva menciona aqui uma visão medieval: *modi essendi* é a **coisa/objeto** em si percebida pelas propriedades que ela possui (percepção direta do objeto), *modi intelligendi* é a **intelecção** da coisa (pelos seus efeitos) e *modus significandi*, o **invólucro racional** para compreensão do mundo real, o signo. Tal concepção acaba por, necessariamente, distinguir o signo propriamente dito daquilo que ele representa.

Tendo como referência o **Lógos** (discurso racional<sup>37</sup>), o signo é um fragmento do **continuum** do mundo, uma **descontinuidade discreta**, como reforçam, posteriormente, os Gramáticos de Port-Royal.

Tendo em conta o estado actual da gramática, reintroduzem a teoria medieval do signo que os humanistas-formalistas tinham esquecido, ou pelo menos ocultado. A Língua é efectivamente um sistema, como Sanctius tinha mostrado, mas é um sistema de signos.<sup>38</sup>

Com Saussure (1916) e suas propostas metodológicas, o tema ganha repercussão entre os estudiosos. Esses últimos passam a seguir à risca determinados princípios no decorrer do século, pedras fundamentais daquele tipo de ciência da linguagem.

A Língua é um sistema de signos que exprimem idéias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. Ela é apenas o principal desses sistemas.<sup>39</sup>

Para um leitor atento, a noção de sistema já era antiga, mas a afirmação como *apenas o principal desses sistemas* abre a possibilidade do primado da linguagem (nível Língua) sobre os outros modelos de comunicação. Logo, as regras da Língua projetam-se sobre outros sistemas:

---

<sup>37</sup> *Opondo-se ao Lógos, “como a fantasia à razão, como a palavra que narra à que demonstra”, Lógos e Mythós são as duas metades da linguagem, duas funções igualmente fundamentais da vida e do espírito. O Lógos, sendo um raciocínio, procura convencer, acarretando ao ouvinte a necessidade de julgar [...] O mytho, porém, não possui outro fim senão a si próprio. Acredita-se nele ou não, à vontade por um ato da fé se o mesmo parece belo ou verossímil, ou simplesmente porque se deseja dar-lhe crédito.* (BRANDÃO, 1997, V.1, p.13)

<sup>38</sup> KRISTEVA, 1969, p.189.

<sup>39</sup> SAUSSURE, 1995, p.24.



- a moda – Roland Barthes<sup>40</sup>;
- o parentesco – Lévi-Strauss<sup>41</sup>;
- a Semiótica – Hjelmslev<sup>42</sup> e Greimas<sup>43</sup> ;
- a Fonologia - Martinet<sup>44</sup>

Dessa forma, o estudo da Língua, tendo o signo como noção central, desenvolveu-se em pesquisas dos mais variados processos de comunicação. Tudo era, então, entendido como uma estrutura de oposições passível de ser definida quase matematicamente e que produzia sentidos, afetos, dentre outros. Estudou-se, por exemplo, como a paixão era produzida, quais sistemas e subsistemas mostravam a Cultura, a Antropologia, a Literatura, algo que Gilbert Durand chamou de *o canto das sereias estruturalistas*<sup>45</sup>.

A noção de símbolo pela qual optamos neste trabalho observa outra forma de percepção do objeto: diferentes desses estudos exaustivos sobre os sistemas independentes de significação alicerçados pelo **Lógos** são observáveis certas fissuras desconcertantes. O próprio Saussure tomou um cuidado extremo de colocar a noção de símbolo como outro universo, diverso daquela procura de leis que regem os invólucros racionais:

Utilizou-se a palavra símbolo para designar o signo lingüístico ou, mais exatamente, o que chamamos de significante. Há inconvenientes em admiti-lo, justamente por causa do nosso primeiro princípio (**o da arbitrariedade do signo**). O símbolo tem como característica não ser jamais completamente arbitrário; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado o símbolo da justiça, a balança não poderia ser substituído por um objeto qualquer, um carro, por exemplo.<sup>46</sup>

Encontra-se nesse ponto a diferença entre estudos dos sistemas independentes da *coisa referida* e sistemas com vínculos (mesmo rudimentares) de motivação com o objeto. Os primeiros ligados a um estruturalismo linguístico (signo)

---

<sup>40</sup> BARTHES, 1979, p.3

<sup>41</sup> *A Antropologia Estrutural é uma Semiótica, na medida em que considera como linguagens os fenômenos antropológicos e lhes aplica o processo de descrição próprio da lingüística.*(KRISTEVA, 1969, p.343).

<sup>42</sup> HJELMSLEV, 1975, p. 53.

<sup>43</sup> LOPES, 1995, p. 317.

<sup>44</sup> CARONTINI, 1979, p.45.

<sup>45</sup> DURAND, 2004, p.59.

<sup>46</sup> SAUSSURE, 1995, p.82. (parênteses meus)

e os últimos voltados a um conjunto motivado de imagens (símbolo), sendo sua principal fonte opositora a arbitrariedade com a *coisa referida*: “O analogon que a imagem constitui não é nunca um signo arbitrariamente escolhido, é sempre intrinsecamente motivado, o que significa que é sempre símbolo”.<sup>47</sup>

Signo e símbolo provêm de duas concepções epistemológicas diferentes: o signo serve-se da concepção aristotélica, da lógica binária, uma dialética empirista; o símbolo é nutrido pela concepção neo-platônica, considerado como conhecimento extrínseco à coisa, perceptível por via indireta, através das imagens.

Aristóteles não atribuía, como fez Platão, a essência da coisa a algo externo a ela, mas considerava que cada coisa tinha uma essência que estava nela própria. Essa essência permanecia sempre a mesma, sem alternar-se, apesar de um ser comportar diferentes modos de ser.<sup>48</sup>

Dentro do pensamento cientificista tradicional, exalta-se o estudo do signo representante efetivamente de uma verdade científica, enquanto os estudos simbólicos apenas seriam compreendidos como o universo da quimera, do devaneio, algo que não poderia produzir uma **realidade** propriamente dita.

Durand chamou essa grande valorização do signo de **iconoclasmo ocidental**<sup>49</sup>, fenômeno que reforça o **pensamento direto** entendido como fato verdadeiro opondo-se ao **conhecimento indireto** e transcendente. A retomada do estudo das imagens simbólicas, segundo Durand, veio graças às pesquisas de patologias mentais, dentre elas, apresenta-se a psicanálise.

Freud, principalmente ao considerar a linguagem dos sonhos como algo cifrado, seguidor de outras lógicas, acaba por colocar o símbolo como o centro de sua concepção do inconsciente. A psicanálise nos fez questionar a uma leitura **direta**, observando apenas o discurso como independente daquilo que ele representa, ou seja, ela levantou a hipótese de uma motivação da palavra, vinda de algo alheio a ela, oculto.

Os sonhos, os mitos, as fantasias não seguem a lógica do discurso verbal, apresentam-se, dessa forma, como hermenêuticos, pois são transcendentais. No entanto, há certa redução nessa hermenêutica, pois a motivação de todos eles tende-se a reduzir-se ao pansexualismo.

---

<sup>47</sup> DURAND, 2002, p.29.

<sup>48</sup> ANDERY, 1989, p.86.

<sup>49</sup> DURAND, 1964, p. 34.

A investigação etnográfica ensina que o simbolismo edipiano em que se assenta todo o sistema freudiano, não é mais do que um episódio cultural estritamente localizado no espaço e, propriamente, no tempo.<sup>50</sup>

Uma das contribuições de Jung é a ampliação dessa hermenêutica, percebendo no símbolo algo que aponta a um significado extrínseco e livre de convenções sociais ou morais.

Um símbolo genuíno nos termos de Jung não é uma designação abstrata livremente escolhida ligada a um objeto específico por convenção (tais como signos verbais ou matemáticos), mas a expressão de uma experiência espontânea que aponta para além de si mesma na direção de um significado não transmitido por um termo racional, devido à limitação intrínseca do último.<sup>51</sup>

E o aproxima de conteúdos que vão além da racionalidade.

O que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós.<sup>52</sup>

Gilbert Durand observa a hermenêutica de Jung como instauradora do contato com desconhecido numinoso, no entanto, vê que Jung não separa a consciência simbólica criadora da arte e religião da consciência que cria alucinações, delírios, aberrações mentais.

---

<sup>50</sup> DURAND, 1964, p. 43.

<sup>51</sup> WHITMONT, 1995, p.17.

<sup>52</sup> JUNG, 1964, p.20.

Na prática, apercebemo-nos muito bem que existem símbolos conscientes que não são “personalizantes” e que a imaginação simbólica só tem uma função “sintética”, no seio do processo de individuação. Os grandes delírios apresentam todas as características do símbolo e não são “sínteses” personalizantes, mas, pelo contrário, ilhas de imagens “obsessivas” por exemplo, isto é, estereotipadas por um único arquétipo.<sup>53</sup>

A estereotipia é um fenômeno a ser considerado, em que, de forma doentia e obsessiva assumimos papéis prontos (símbolos vazios) ditados pela mídia ou por convenções sociais, que nos distanciam de outros símbolos ligados à nossa individuação e autoconhecimento.

Gaston Bachelard, de certa forma, trouxe-nos reflexões que separariam os símbolos patológicos dos não patológicos. Para ele, há três setores de símbolos: o que presta à ciência objetiva, o que presta à neurose e o que nasce em um ponto simultâneo entre língua e pensamento. Os dois primeiros são suspeitos, enquanto o terceiro, localizado na linguagem poética, no encontro da revelação objetiva e seu enraizamento, traz a efetiva experimentação do homem no mundo.

Trata-se de passar ... às imagens que a vida não prepara e que o poeta cria. Trata-se de viver o invivido e de se abrir para uma abertura da linguagem. A palavra poética não exprime nada anterior a ela, mas “trabalha” a realidade. Nem “linguagem-instrumento”, nem “linguagem-sistema”, a palavra poética não é significativa de um dado prévio, pois não nomeia nada daquilo que deveria ser efetivamente nomeado e que lhe pré-existia; é o “ser-novo”, inseparável de sua efetivação, que é instituído pelo devaneio poético. O devaneio apresenta assim um caráter fundante, em virtude da originalidade dessa ultrapassagem. É a “criação” que dá significado à imagem poética, diferente da simples “metáfora”.<sup>54</sup>

Dessa forma, o símbolo, tal como entendemos nesse trabalho, é o elemento que possibilitará a criação de sentidos à existência e à experimentação da vida dos indivíduos. A percepção simbólica transcende a estereotipia, gera imagens, propondo alguns caminhos e soluções para as vicissitudes e barreiras pelas quais passamos.

---

<sup>53</sup> DURAND, 1964, p.60.

<sup>54</sup> FELICIO, 1994, p. 49.

## 5.2 IMAGENS ARQUETÍPICAS E MITO

*Pois que tenho um amor, volto aos mitos pretéritos  
E outros acrescento aos que amor já criou.  
Eis que eu mesmo me torno o mito mais radioso  
E talhado em penumbra sou eu não sou, mas sou.*<sup>55</sup>

Observar o símbolo isoladamente é destruí-lo. Há que se pensar, portanto, na estrutura dinâmica a que ele pertence. Para tanto, comentaremos outros conceitos ligados a ele: **trajeto antropológico**, *schèmes*, **imagem arquetípica** e **mito**.

Com o **trajeto antropológico**, Gilbert Durand reforça a ideia de dinamismo do regime de simbolização: “[...] o trajeto, ou seja, a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”.<sup>56</sup>

Entendendo-se o imaginário como o conjunto de imagens e relações de imagens do homem<sup>57</sup>, verifica-se no **trajeto antropológico** esse caminho de motivações entre o sujeito e o mundo, geradas em ambas as direções (sujeito-mundo, mundo-sujeito).

Pela concepção durandiana, torna-se indiferente o trajeto antropológico partir da cultura ou da natureza psicológica, pois aquilo que seria o essencial da representação e do Símbolo, encontra-se contemplado entre esses dois marcos, os quais, além de outras características, seriam reversíveis.<sup>58</sup>

O símbolo é produto do trajeto antropológico e nesse trajeto encontraremos estágios de implicação das imagens, nos quais elas se transformam e se refazem à medida que mudam de campo de simbolização, de cultura, de indivíduos.

---

<sup>55</sup> ANDRADE, 1996, p. 59.

<sup>56</sup> DURAND, 2002, p.41.

<sup>57</sup> Idem Ibidem, p. 18.

<sup>58</sup> MARTINS, 2006, p.13.

Partindo da reflexologia da escola de Leningrado<sup>59</sup>, Gilbert Durand observa que o homem possui gestos corporais sensório-motores: dominantes posturais, copulativas (rítmicas) e digestivas. Quando há um encontro de uma dominante com uma variante perceptiva do mundo (*schémas*), temos um schème, engrama teórico, ou seja, traço impresso na psique por uma experiência física.<sup>60</sup>

Esse *schème* representará uma factividade concreta. Por exemplo, a dominante reflexológica rítmica, ao integrar-se com estruturas da percepção do indivíduo, constrói o *schème voltar, retornar*. Esse schème, caminhando em direção ao terreno das ideias, pode gerar a **imagem arquetípica** da *roda*, entendida como sendo a substantificação do *schème*, não ambivalente, absoluta, por isso repetida em diversas culturas:

Os gestos diferenciados em esquemas vão determinar, em contato com o ambiente natural e social, os grandes arquétipos mais ou menos como Jung os definiu. Os arquétipos constituem as substantificações dos esquemas.<sup>61</sup>

Jung foi um dos primeiros a trabalhar com o termo arquétipo ligado às nossas profundezas psíquicas. Ele parte da conceituação de **instinto** como sendo a ausência de consciência do elemento motivador de alguma ação. A ação instintiva aparece como uma espécie de interrupção da continuidade da consciência e, por isso, é sentida como uma necessidade interior, sem motivos aparentes. Todavia, precisamos estabelecer uma diferenciação entre processos inconscientes e processos instintivos, Jung propõe o seguinte: “Só se deveria considerar como instintos os processos inconscientes e herdados que se referem uniformemente e com regularidade por toda parte”.<sup>62</sup>

A partir do **instinto**, Jung inicia a conceituação de arquétipo, antes, em outras publicações, para falar de tal definição, utilizava a expressão: **Imagem Primordial**.

---

<sup>59</sup> Idem, Ibidem, p.17.

<sup>60</sup> *Em francês há duas expressões: schéma e schème. A primeira refere-se às atividades concretas ou pragmáticas do mundo exterior; a segunda, à atividade interior e mental.* (STRÔNGOLI, 1999, p. 161.)

<sup>61</sup> DURAND, 2002, p.60.

<sup>62</sup> JUNG, 1998, p.67.

A imagem primordial poderia muito bem ser descrita como a percepção do instinto de si mesmo ou como auto-retrato do instinto à semelhança da consciência que nada mais é, também, do que uma percepção interior do processo vital objetivo. Do mesmo modo como a apreensão consciente imprime forma e finalidade ao nosso comportamento, assim também a apreensão inconsciente determina a forma e a destinação do instinto, graças ao arquétipo.<sup>63</sup>

Dessa forma, o arquétipo é um modelo que formaliza e direciona o **instinto**. Campbell, por sua vez, em sua leitura de Jung, reforça o caráter biológico das imagens arquetípicas.

São idéias elementares, que poderiam ser chamadas idéias “de base”. Jung falou dessas idéias como arquétipos do inconsciente. “Arquétipo” é um termo mais adequado, pois “idéia elementar” sugere trabalho mental. Arquétipo do inconsciente significa que vem de baixo. A diferença entre os arquétipos junguianos do inconsciente e os complexos de Freud é que aqueles são manifestações dos órgãos do corpo e seus poderes. Os arquétipos têm base biológica, enquanto o inconsciente freudiano é uma acumulação de experiências traumáticas reprimidas no curso de uma vida individual. O inconsciente freudiano é um inconsciente pessoal, biográfico. Os arquétipos do inconsciente de Jung são biológicos. O aspecto biográfico é secundário, no caso.<sup>64</sup>

Para Bachelard, os arquétipos estão nas **primeiras imagens**. Diferentemente de variações mais elaboradas (**imagens literárias**), essas **primeiras imagens** representam **os princípios** para metáforas dispersas à primeira vista. O que diferencia Bachelard de Jung, é que Bachelard vê esses princípios como dinâmicos.

---

<sup>63</sup> Idem, Ibidem, p.72.

<sup>64</sup> CAMPBELL, 1990. P. 54.

E a serpente, precisamente, pode nos servir de exemplo para enriquecer, por um caráter dinâmico, a noção de arquétipo tal como é formulada por C. G. Jung. Para esse psicanalista, o arquétipo é uma imagem que tem sua raiz no mais remoto inconsciente, uma imagem que vem de uma vida que não é nossa vida pessoal e que não podemos estudar a não ser reportando-nos a uma arqueologia psicológica. Mas não basta representar os arquétipos como símbolos. É preciso acrescentar que são “símbolos motores”. A serpente é, em nós, um símbolo motor, um ser que não tem “nadadeiras, nem pés, nem asas”, um ser que não confiou suas capacidades motoras a órgãos externos, a meios artificiais, mas que se fez o móvel íntimo de todo o seu movimento. Se acrescentarmos que esse movimento fura a terra, perceberemos que, tanto para a imaginação dinâmica como para a imaginação material, a serpente se mostra um arquétipo terrestre.<sup>65</sup>

Para Durand, o mito é o sistema que engloba a imaginação simbólica, as imagens arquetípicas e os *schèmes*. Sistema esse que se encontra próximo da sintaxe narrativa:

Entendemos por mito um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativa. O mito já é um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em idéias.<sup>66</sup>

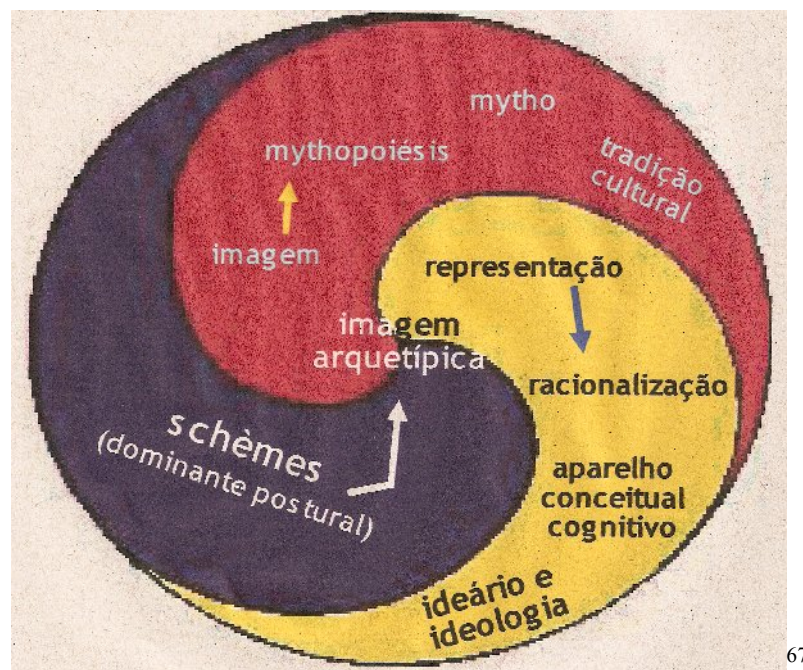
Não é muito fácil organizar tantos conceitos correlatos, uma vez até que um implica ou depende do outro. Para se entender símbolo, há que se entender imagem arquetípica, mito, *schème*, enfim, o sistema de imagens que os engendra. Ferreira Santos encontrou uma forma icônica de demonstrar a complexa relação entre todos esses conceitos esboçados atrás: mito, imagem arquetípica, *schèmes* e cognição.

---

<sup>65</sup> BACHELARD, 2003, p. 203.

<sup>66</sup> DURAND, 2002, p.62.





67

O indivíduo já possui uma constituição imagética inscrita em seu próprio corpo (reflexos dominantes). É do caminho entre a memória de seu corpo e a percepção mundo exterior que surgem os *schèmes*. Desses *schèmes*, advêm as imagens arquetípicas, nada mais nada menos que uma organização do instinto nos moldes de Jung. Essas imagens arquetípicas funcionam como um epicentro irradiador de um sistema simbólico, que tanto pode seguir um caminho de recriação de imagens pela *mythopoiésis*, quanto pela representação racional delas, aparelhagem ideológica conceitual. Vale perceber que o aspecto dinâmico da figura não é por acaso, tudo está num contínuo movimento, como se pulsasse.

<sup>67</sup> FERREIRA SANTOS, 2005-A, p. 113.

[...] da relação carnal com o mundo, a partir dos shcèmes corporais, temos a imagem arquetípica. [...] A partir as imagens arquetípicas estabelecemos dois caminhos diferentes: um caminho é aquele que cumpre a função cognitiva da imagem transformando seu aspecto exterior em representação. Ficamos com a capa superficial da imagem, com seu valor apenas icônico. Como representação, portanto, serve apenas ao aparelho cognitivo e conceitual, possibilitando a estruturação racionalizante dos conceitos e idéias [...] O outro caminho concomitante é o que faz com que a imagem arquetípica se integre na sintaxe de uma narrativa pela força criadora (poiésis) do mito (processo de mitopoiésis). Salvaguardado como narrativa dinâmica de símbolos e imagens.<sup>68</sup>

A Psicanálise, a Psicologia Analítica e a Antropologia possibilitam-nos caminhos para refletirmos e oferecermos uma nova significação ao mito. Hoje, ele pode ser concebido, em uma interpretação mais profunda, como um dos elementos que inserem o indivíduo tanto no espaço físico quanto no espaço sociocultural: dentro de uma empresa, por exemplo, em uma dinâmica interpessoal, alguém assumirá o papel de vilão, de arauto, ou de guerreiro, dentre outros.

Sendo o Mito uma **sintaxe narrativa criadora**, sua análise tende a ser dinâmica, permeando múltiplas possibilidades de simbolização, variações aplicáveis tanto nas idiosincrasias quanto nas variantes grupais. Todavia, há que se ter algo constante, uma tendência ou reincidência para lhe garantir a identidade e, assim, dar-lhe um nome que o diferencie de outros mitos e das outras verdades.

Nesse sentido, o Mito é plural e único, individual e coletivo, transitando entre as histórias pessoais, particularíssimas, e modelos genéricos. O princípio de **convergência** tratado por Durand permite que o mito não se perca nas suas simbolizações particulares e possa ser percebido tanto no indivíduo quanto na coletividade.

---

<sup>68</sup> FERREIRA SANTOS, 2005-A, p. 113.

A analogia procede por reconhecimento de semelhança entre relações diferentes quanto aos seus termos, enquanto a convergência encontra constelações de imagens semelhantes termo a termo em domínios diferentes de pensamento.<sup>69</sup>

Durand afirma que a analogia pode ser comparada à **fuga** (em termos musicais) e a convergência, à variação temática (*leitmotiv*), como se fosse um mesmo tema arquetípico a se repetir, num isomorfismo de símbolos convergentes: o mitema.

Existem, dessa forma, determinados temas que se repetem nos grandes poemas épicos, nos romances e nos relatos das vidas dos indivíduos ou de um grupo de indivíduos: “são Mitos que variam muito nos seus detalhes, mas quanto mais os examinamos mais percebemos o quanto mais se assemelham na estrutura”.<sup>70</sup>

---

<sup>69</sup> DURAND, 2004, p.43.

<sup>70</sup> HENDERSON, 1964, p110.

### 5.3 MITO E HERMENÊUTICA

*Disso tudo, quem sabe, poderá nascer um nome! um nome sem palavra, mas que talvez enraíze a verdade na minha formação humana.*<sup>71</sup>

Hermes era o patrocinador da troca de informações entre mundos distintos e a conciliação entre mundos contrários. Além de transitar sutilmente entre a terra, os céus e o terreno de Hades, tinha como tarefa ser o intérprete da vontade dos deuses.

O mundo simbólico lembra Hermes por ser o elemento de contato do mundo racional das experiências vividas e o mundo escondido que o intelecto racional não enxerga. Quando comentamos os mitos pessoais, atrelando-os à experiência de vida dos indivíduos, agimos como Hermes, colocando em trânsito mensagens simbólicas entre os mundos.

Mitohermenêutica, trabalho filosófico de interpretação simbólica de cunho antropológico que visa compreender as obras da cultura a partir dos traços míticos arquetipais captados através dos arranjos narrativos das suas imagens e símbolos na busca dinâmica de sentidos para a existência.<sup>72</sup>

A **mitocrítica** vê os mitos presentes em um autor ou obra, a **mitanálise**, por sua vez, amplia a leitura desses mitos para um conjunto de obras ou estuda determinadas sociedades, ampliando a noção de espaço e tempo, já a **mitohermenêutica** associa esses mitos à experimentação da existência humana, acreditando que neles está encerrado o cerne da contemplação que o homem possui de sua própria essência no mundo.

Se saíssemos por aí perguntando às pessoas o que de fato é **existir**, muitas delas diriam que não fazem a mínima ideia disso, que descobrir os motivos de nossa existência no mundo é tarefa de religiosos e filósofos. Será que a luta constante pela sobrevivência tira-nos das vivências e reflexões sobre a vida ou, pelo contrário, é justamente nesse embate que nos enxergamos como seres vivos?

---

<sup>71</sup> LISPECTOR, 1994, p. 148.

<sup>72</sup> FERREIRA SANTOS, 2005-A, p. 91.

Uma das belas tarefas da mitohermenêutica é considerar as atitudes cotidianas e as pequenas ações dos indivíduos (seus mitos pessoais ou coletivos) como exercícios de posicionamentos diante do mundo, que implicam e desdobram sentidos e caminhos para justificarmos o sentido de nossa existência.

Campbell reitera a importância do mito para o ser humano no sentido de ajudar seu desenvolvimento, trazendo o herói como um elemento também de auxílio nas dúvidas e dificuldades humanas.

A função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que levam-no para trás. Com efeito, pode ser que a incidência tão grande de neuroses em nosso meio decorra do declínio, entre nós, desse auxílio espiritual efetivo.<sup>73</sup>

Uma Educação meramente tecnológica, que não valorize os devaneios e a imaginação simbólica do indivíduo, inibe consideravelmente o processo criativo dele, minimizando e enfraquecendo suas formas de existir, fazendo com que esses indivíduos possuam apego a estereótipos ou convenções aprisionantes.

---

<sup>73</sup> CAMPBELL, 2007, p.21.

## 5.4 HERÓI

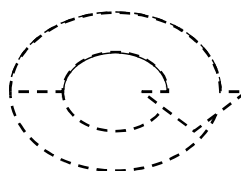
*Guerreiros são pessoas  
São fortes, são frágeis  
Guerreiros são meninos  
No fundo do peito.<sup>74</sup>*

A mitanálise mostra que há uma grande similitude entre os heróis de povos que não tiveram, comprovadamente, nenhuma ligação direta. Isso nos faz pensar que tal criação mítica remete a estruturas psíquicas e existenciais do ser humano.

Etimologicamente, **ἦρως** (**héros**) talvez se pudesse aproximar do indo-europeu **servā**, da raiz **ser-**, de que provém o avéstico **haurvaiti**, “ele guarda” e o latim **seruāre**, “conservar, defender, guardar, velar sobre, ser útil”, donde **herói** seria o “guardião, o defensor, o que nasceu para servir”.<sup>75</sup>

Há certo traço de predestinação e certa tarefa a ser cumprida para o **outro** imersos na palavra. Em *O Herói de mil faces*, Campbell aponta sobre o herói uma estrutura mínima de funcionamento.

O percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno – que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito.



Um Herói vindo do mundo cotidiano se aventura em uma região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.<sup>76</sup>

<sup>74</sup> GONZAGA JÚNIOR, 1983.

<sup>75</sup> BRANDÃO, 1997, v. III, p. 15.

<sup>76</sup> CAMPBELL, 2007, p.36.

Segundo Campbell, o termo monomito é de James Joyce<sup>77</sup>. Henderson<sup>78</sup>, por sua vez, desenvolve o princípio em quatro estruturas. Utiliza para tanto um estudo do Dr. Paul Radin feito com os índios Winnebagos em 1948.

Nesse estudo, encontramos quatro ciclos de desenvolvimento do Herói. O primeiro ciclo é o do Trickster, o mais primitivo, possui uma mentalidade de criança e inicialmente aparece sobre a forma de um animal. Com o passar do tempo, transforma-se, e, no final de sua carreira de trapaças, adquire a aparência física de um homem adulto. Há outras figuras que se assemelham, possuindo o caráter narrativo do Clown de circo, do Bobo da corte, do Pícaro.

Henderson usa como exemplo uma figura moderna: o vagabundo de Charlie Chaplin. Dentro da cultura brasileira, esse modelo pode ser personificado por Macunaíma<sup>79</sup> e Leonardo<sup>80</sup>, bem próximos da primeira carta do Tarô de Crowley<sup>81</sup>. O Louco, próximo também de Dioniso, sai de dentro de uma caverna (o útero, início) sem caráter e amoral. Ali, justamente pela falta de formas, abrem-se as possibilidades de inúmeras formas e da descoberta do novo. Esse novo descoberto pelo Louco é o benefício trazido à comunidade: por não ter vergonha, o Louco arrisca e promove novas formas de se ver o mundo e se resolver os problemas da comunidade.

Há quem dê a Hermes também tal característica, em meio a tantas outras que ele possui.

Os gregos, no entanto, ampliaram-lhe grandemente as funções, e Hermes, por ter furtado o rebanho de Apolo, se tornou símbolo de tudo quanto implica astúcia, arдил e trapaça, é um verdadeiro **Trickster**, um trapaceiro, um velhaco, companheiro amigo e protetor dos comerciantes e dos ladrões.<sup>82</sup>

---

<sup>77</sup> JOYCE, 2007, p.581.

<sup>78</sup> HENDERSON, 1964, p.112.

<sup>79</sup> Macunaíma trapaceia várias vezes e, literalmente, transforma-se de ser amorfo em estrela. (ANDRADE, [s.d])

<sup>80</sup> ALMEIDA, [s.d.].

<sup>81</sup> *O Louco é a Criança com seus atributos de inocência, espontaneidade, amorosidade, potencialidade e seu sentido do aqui e do agora, que o leva a relacionar-se com o tempo como somente os sábios são capazes.* (PRAMAD, 1992, p. 47)

<sup>82</sup> BRANDÃO, 1997, v.II, p. 193.

O segundo modelo apresentado por Henderson é o *Hare*, muitas vezes representado por um coiote. Embora não possua a plenitude da estatura humana, surge como elemento transformador. Os Winnebagos consideram-se recebedores de seu famoso Rito Medicinal, que salvou sua cultura. Com o advento do cristianismo, houve certa mistura dessa figura com Cristo.

No terceiro ciclo, temos o *Red Horn*, o caçula de dez irmãos, derrota gigantes pela astúcia (jogo de dados) ou pela força (luta corporal). Temos aqui o próprio homem, civilizado, que antes possuía um tutor (uma espécie de pássaro-trovão) e, posteriormente, o tutor vai-se, deixando-o só, com os próprios perigos, com a própria Humanidade. Esse tema refere-se à questão de por quanto tempo pode o homem viver alheio a tutores divinos sem cair vítima do próprio orgulho (*hybris*).

Segue-se a mesma questão da *hybris* no último ciclo: os irmãos *Twins*. Os *Twins* são essencialmente humanos, são gerados no mesmo ventre e separados ao nascer, sua força vem de sua união. Por muito tempo foram invencíveis, no entanto, no final da história, não deixam sobrar mais nenhum monstro a ser combatido, destruindo até os suportes que sustentam o mundo. Sua morte veio em decorrência de seu descomedimento (*hybris*).

Na *Iliada*, há também essa punição ao guerreiro que desafia os deuses. Pátroco pediu a Aquiles para lutar pelos Aqueus. Aquiles permitiu e emprestou suas armas a ele. Pátroco foi um excelente guerreiro, mas lhe foi solicitado que não escalasse a muralha de Tróia. Essa foi sua queda:

Três vezes pisou Pátroco um canto sublime da muralha;  
Três vezes o expulsou Apolo, arremetendo  
Contra o escudo refulgente com suas mãos mortais.  
Mas quando Pátroco pela quarta vez se lançou como um deus,  
Com um grito terrível lhe disse Apolo palavras apetrechadas de asas:  
“Cede, ó Pátroco criado por Zeus! Não está fadado  
Que pela tua lança seja destruída a cidade dos Altivos troianos,  
Nem sequer pela de Aquiles, que é muito melhor guerreiro que tu”<sup>83</sup>

---

<sup>83</sup> HOMERO, 2007, Canto XVI, p. 340.



Um pouco mais adiante, segue-se de forma mais clara o julgamento: “Quando um homem quer à revelia dos deuses combater um homem Honrado por um deus, depressa ao seu encontro rola grande desgraça”.<sup>84</sup>

Aqui temos apresentada a face negra do herói. Hesíodo em *Trabalhos e Dias* desenvolve também esse tema. *Trabalhos e Dias* divide-se em quatro partes: Idade do Ouro, Idade da Prata, Idade do Bronze e Idade dos Heróis. Os heróis, criados por Zeus, seriam indivíduos mais justos e mais bravos:

Lendo-se com atenção o que diz Hesíodo sobre os Heróis, nota-se logo que os mesmos formam dois escalões: os que, como os homens da Idade do Bronze, se deixaram embriagar pela Hybris, pela violência e pelo desprezo pelos deuses e os que, como guerreiros justos, reconhecendo seus limites, aceitaram-se submeter-se à ordem superior da Dike.<sup>85</sup>

Vitimados pelo descomedimento próprio, esses heróis embriagados pela *Hybris* iriam para o reino de Hades, onde seriam esquecidos, cairiam no anonimato (*nónymoi*). Quanto aos outros, com força de caráter, iriam para a ilha dos bem-aventurados. *Os Lusíadas* possuem esses dois temas em seu conteúdo.

Os bem-aventurados na Ilha do Amores:

Estes e outros barões, por varias partes  
Dinos todos de fama e maravilha,  
Fazendo-se na terra bravos Martes,  
Virão lograr os gostos d’ esta ilha,  
Varrendo triumphantes estandartes  
Pelas ondas que corta a aguda quilha,  
E acharão estas Nymphas e estas mesas,  
Que glorias e honras são de árduas empresas.<sup>86</sup>

A *hybris* melancólica:

<sup>84</sup> Idem, Ibidem, Canto XVII, p.348.

<sup>85</sup> BRANDÃO, 1997, Volume I, p.176.

<sup>86</sup> CAMÕES, 1957, Canto X, Estrofe 73, p.328. (Vale lembrar que *Barões* são *Varões*, homens potentes e fortes, os heróis portugueses).

No mais, Musa, no mais, que a Lyra tenho  
 Destemperada e a voz enrouquecida  
 E não do canto, mas de ver que venho  
 Cantar a gente surda e endurecida.  
 O favor com que mais se acende o engenho,  
 Não no dá a pátria, não que está metida  
 No gosto da cobiça e na rudeza  
 De hua austera, apagada e vil tristeza.<sup>87</sup>

O poeta é o cantor que, com o auxílio das musas, eleva o povo português para não ser esquecido pelo tempo (*nónymoi*). Ao ver a decadência moral, ele perde a voz e desafina a lira: não há mais canto, o povo será esquecido.

Os exemplos retomam histórias de uma tribo indígena e poesia (Homero, Hesíodo, Camões). Há, porém, o mesmo *note* nas tragédias, que possuíam algumas vezes caráter religioso e moralizador, como esquematizou Brandão:

Métron (medida de cada um)  
 Ánthropos (simples mortal) ... ultrapassagem (êxtase e entusiasmo) ...  
 Hybris (descomedimento, violência)  
 Némesis (castigo pela injustiça praticada, ciúme divino)  
 Áte (cegueira da razão)  
 Moira (destino cego, punição)<sup>88</sup>

---

<sup>87</sup> Idem, *Ibidem*, Canto X, Estrofe 145, p.353.

<sup>88</sup> BRANDÃO, 1997. Volume II.p.133.

## 5.5 MESTRE

*MESTRE, meu mestre querido!  
 Coração do meu corpo intelectual e inteiro!  
 Vida da origem de minha inspiração!  
 Mestre, que é feito de ti nesta forma de vida?  
 Não cuidaste se morrerias, se viverias, nem de ti nem de nada,  
 Alma abstrata e visual até aos ossos,  
 Atenção maravilhosa ao mundo exterior sempre múltiplo,  
 Refúgio das saudades de todos os deuses antigos,  
 Espírito humano da terra materna,  
 Flor acima do dilúvio da inteligência subjetiva ...<sup>89</sup>*

O que seria do herói sem o mestre?

Dado importante, para que o herói inicie seu itinerário de conquistas e vitórias, é a “educação” que o mesmo recebe, o que significa que o futuro benfeitor da humanidade vai desprender-se das garras paternas e ausentar-se do lar, por um período mais ou menos longo, em busca de sua formação iniciática.<sup>90</sup>

Parte do herói uma narrativa básica relacionada à **separação-iniciação-retorno**. As energias que o herói consegue para ajudar a humanidade provêm dos seus prodígios sobrenaturais, todavia, poucos são os heróis que encontram essas energias sem um tutor, alguém que os dá condições para vencerem.

Em várias destas histórias a fraqueza inicial do herói é contrabalançada pelo aparecimento de poderosas figuras “tutelares” – ou guardiães – que lhes permitem realizar as tarefas sobre-humanas que lhe seriam impossíveis de executar sozinho. Entre os heróis gregos, Teseu tinha como protetor Poseidon, deus do mar; Perseu tinha Atenéia; Aquiles tinha como tutor Quiron, o sábio centauro.<sup>91</sup>

<sup>89</sup> PESSOA, 1960, p.331. Heterônimo Álvaro de Campos.

<sup>90</sup> BRANDÃO, 1997, V. III. p.23

<sup>91</sup> HENDERSON, 1964, p.110.

Essas personagens tutelares aproximam-se do saber e da divindade, são símbolos da psique total, algo maior de onde o ego tira a energia. Quando o herói entra em contato com essa energia, ganha forças próprias e caminha sozinho, ou seja, nas narrativas heroicas, no final, pouco aparecem os tutores.

Humanos, que pelos atos de criação, transmutam-se em deuses. Dá-se, então, o encontro do mestre e do discípulo e, na epifania desse encontro, a revelação do mistério do ensino: o mestre caminha para a morte.<sup>92</sup>

**O mistério do ensino:** o mestre sai de cena e observa o discípulo transformando-se em mestre.

No terreno simbólico, **Quiron** é quem mais se aproxima do que hoje entendemos por mestre: possui braços e cabeça de homem e corpo de cavalo. Seus cabelos e barba costumam ser compridos, o que lhe confere um valor conquistado pela experiência. Notem como esse caminhar para a morte encontra-se no mito de Quiron ferido, desejando morrer por conta das dores que uma ferida lhe proporcionara:

**Quirão**, em grego **Χείρων (Kheíron)**, nome que é, possivelmente, uma abreviatura de **Χείρουργός (kheirurgós)**, que trabalha ou age com as mãos, **cirurgião**, pois que esse Centauro foi um **grande médico**, que sabia muito bem compreender seus pacientes, por ser um **médico ferido**. Filho do deus Crono e de Filira, pertencia à geração divina dos Olímpicos. Pelo fato de Crono ter se unido a Filira sob a forma de um cavalo, o Centauro possuía dupla natureza: eqüina e humana. Vivia em uma gruta, no monte Pélion, e era um gênio benfazejo, amigo dos homens. Sábio, ensinava música, arte da guerra e da caça, a moral, mas sobretudo a **medicina**. Foi o grande educador de heróis, dentre outros, de Jasão, Peleu, Aquiles e Asclépio. Quando do massacre dos Centauros por Hércules, Quirão que estava do lado do herói e era seu amigo, foi acidentalmente ferido por uma flecha envenenada do filho de Alcmena. O Centauro aplicou unguentos sobre o ferimento, mas este era incurável. Recolhido à sua gruta, Quirão desejou morrer, mas nem isso conseguiu porque era imortal. Por fim, Prometeu, que nascera mortal, cedeu-lhe o direito à morte e Centauro então pôde descansar. Conta-se então que Quirão subiu ao céu sob a forma da constelação de **sagitário**, uma vez que a flecha, em latim **sagitta**, a que se assimila o **sagitário**, estabelece a síntese dinâmica do homem, voando através do conhecimento para sua transformação, de ser animal em ser espiritual.<sup>93</sup>

---

<sup>92</sup> BOARETTO, 2003, p. 103.

<sup>93</sup> BRANDÃO, 1997, v. II, p.90.

A raiz grega *kheirós* remete a um campo lexical direcionado ao trabalho com as mãos (quiropaxia, quiromancia, quirografia) e aproxima-se da raiz latina *chiro* (cirurgia)<sup>94</sup>. Campbell ilustra como a psicanálise, em termos simbólicos, aproxima o médico, o feiticeiro e o mestre:

O médico é o moderno mestre do reino do mito, o guardião da sabedoria a respeito de todos os caminhos secretos e fórmulas poderosas. Seu papel equivale precisamente ao do velho sábio, presença constante nos mitos e contos de fadas, cujas palavras ajudam o herói nas provas e terrores da fantástica aventura.<sup>95</sup>

O médico, nesse excerto específico de Campbell, é o terapeuta, iniciado na linguagem dos sonhos, aquele que exerce a função de um antigo guia espiritual, curandeiro, orientador dos rituais iniciáticos. Saiani também aproxima o médico do mestre, considerando ambos fomentadores e difusores da civilização em oposição à natureza (**opus contra naturam**).

Ao que parece, o médico e o professor compartilham da mesma sorte: a de serem vistos como seres quase mitológicos, gênios benfazejos como foi o Quirão, mas quase sem a possibilidade de serem humanos (não estaria aqui a razão dos baixos salários pagos aos professores na maioria dos países?). Creio haver entre essas duas atividades um ponto em comum: ambos praticam, como diria Jung, uma *opus contra naturam* (obra contra a natureza). O médico, assim como Sísifo, ludibria a morte. Já o professor pratica a difusão da civilização, alargando, em cada aluno, as fronteiras da consciência.<sup>96</sup>

Quanto à ferida desse médico/mestre, Boaretto, em seu trabalho com professores, mostra-nos essa interessante faceta: como agir com seu próprio ferimento e **re-encantar-se** à luz do mito, possibilitando a **tutela/cura** dos outros.

Assim, Géia transforma-se em professora, tendo modificado seu destino de órfã pelo sonho de ser mãe, equilibrando sua ação ao ser “mãe dos alunos” enquanto professora, diferenciada de outras genitoras, no entanto, pela preocupação em sistematizar-lhes o conhecimento, desenvolvendo suas habilidades de leitura e escrita.  
[...]

---

<sup>94</sup> HOUAISS, 2001, p. 2365.

<sup>95</sup> CAMPBELL, 2007, P. 19.

<sup>96</sup> SAIANI, 2003, p.139.

Mariá, por sua vez, queria ser pianista e, enquanto professora, rege as aulas com uma flauta doce, interpenetrando nessa modalidade o som e a geometria. Hermes apresenta-se aí.

[...]

Lia debate-se com as sombras do autoritarismo em sua educação e, contrapondo-se ao seu destino de vítima, traz a expressão criadora dos alunos para a sala de aula. É Perséfone enfrentando seu destino de sombra e luz.<sup>97</sup>

Para não nos limitarmos apenas à cultura grega, **Bhagavad Gita** pode também ser interpretado como **A Canção do Divino Mestre**, faz parte de um extenso poema épico (**Mahabharata**). Não falaremos aqui da importância da língua Sânscrita para a Filologia, Filosofia e História da Índia e da humanidade, apenas focalizaremos um pequeno pedaço da narrativa, no qual estamos diante de uma luta fratricida pelo reino: Árjuna e Duryodhana. Ambos vieram pedir apoio de Krishna. Krishna perguntou:

*“O que vocês querem? Meus exércitos ou eu desarmado?”*

Duryodhana quis os exércitos e Árjuna, Krishna.

**Bhagavad Gita** é o diálogo anterior à guerra entre Krishna e Árjuna. Árjuna possui uma concepção material da existência e não consegue iniciar uma luta contra os irmãos. Krishna conduz Árjuna ao encontro com o **Absoluto**, portanto, com seu verdadeiro **EU**, fazendo com que ele negue sua própria individualidade.

---

<sup>97</sup> BOARETTO, 2003, P. 98

Não consigo ver o bem  
 Que decorreria da morte  
 Dos meus parentes na luta,  
 E não posso, caro Krishna,  
 Desejar vitória, reino,  
 Ou mesmo felicidade  
 Como resultados dela.<sup>98</sup>

A resposta do Mestre (Supremo Senhor):

Ó descendente de Bhárata,  
 Aquele que habita o corpo  
 É eterno por natureza;  
 Não há quem possa matá-lo;  
 Portanto, nunca lamente  
 Pelas entidades vivas

Como Kshatrya seu dever  
 É participar na luta  
 Pela causa da verdade  
 Nada pode ser melhor  
 Do que combater por ela  
 Não hesite nesta luta.<sup>99</sup>

**Mutatis mutandis**, destacamos aqui o *leitmotiv* repetido, a sintaxe narrativa em que o mestre oferece caminhos espirituais para o guerreiro seguir seu caminho, parece-nos, portanto, uma proximidade tanto do médico quanto do professor com a divindade, que lhes traz certa solidão (caverna de Quiron), uma vez que se distanciam da humanidade comum. Vemos isso também na língua Tupi.

---

<sup>98</sup> **Bhagavad Gita**, 1998, Capítulo I, p. 43.

<sup>99</sup> *Idem* *Ibidem*, Capítulo II, p. 53.

Os dois vocábulos **mair** e **mbaí** são formas contratas de **mbae-ira**, que exprime o apartado, o solitário, o que vive distante. [...] O **Pagé** era, portanto, um solitário (**maír, mbaí**). De resto, o vocábulo **Pagé** procede do mesmo radical, pois é contração de **mbaí**, isto é, o solitário de diversa natureza, o solitário sobrenatural [...] o feiticeiro ou curandeiro.<sup>100</sup>

Dentro da Literatura Brasileira, há uma obra extremamente bela e rica que merece grande valorização por parte da crítica e dos pesquisadores: **O Ateneu**. Esse livro é praticamente o primeiro livro dentro da nossa literatura sobre adolescência e professores e, muito mais que produzir críticas a um modelo educacional repressor ou falar sobre iniciação sexual/afetiva, ele é um verdadeiro tratado estético e estilístico que, a partir da intimidade de um indivíduo, chega-se até a intimidade de conceitos. Aproveitaremos a noção de professor descrita por uma das personagens, que nos mostra a proximidade das representações mitológicas apresentadas antes.

O mestre, perorou Venâncio, é o prolongamento do amor paterno, é o complemento da ternura das mães, o guia zeloso dos primeiros passos, na senda escabrosa que vai às conquistas do saber e da moralidade. Experimentado no labutar cotidiano da sagrada profissão, o seu auxílio ampara-nos como a Providência na terra, escolta-nos assíduo como um anjo de guarda; a sua lição prudente esclarece-nos a jornada inteira do futuro. Devemos ao pai a existência do corpo; o mestre cria-nos o espírito (sorites de sensação), e o espírito é a força que o impele, o impulso que triunfa, o triunfo que nobilita, o enobrecimento que glorifica, e a glória é o ideal da vida, o louro do guerreiro, o carvalho do artista, a palma do crente!<sup>101</sup>

Há uma sequência de características dadas ao **mestre**, direcionando-o ao transcendente. Ele é classificado como alguém que transporta o aluno a algo superior, sacro. O texto possui sequência gradativa: corpo, espírito, força, impulso, triunfo, nobreza, glória, vida, guerreiro, artista, crente.

Temos aqui a **sagitta** (flecha) elevando **Quiron**, transcendendo seu **corpo animal**, ao **corpo homem**, à constelação de sagitário no terreno espiritual, o exemplo a ser seguido e visto por todos na terra.

Dentro do espírito da **altivez** e **probidade**, está incluída a dignidade, o caráter, a retidão. O mesmo motivo do centauro **Quiron**, que, com toda sua espiritualidade, traz ao herói conhecimentos sobre as leis divinas e sagradas; o mesmo motivo de **Krishna**, que transfere a sabedoria a **Árjuna**. No entanto, tal como o herói, o mestre também poder ser entorpecido pela **hybris**.

<sup>100</sup> SAMPAIO, 1987, p.277.

<sup>101</sup> POMPEIA, [s.d.], p.15.



Segundo Gusdorf, há uma **Patologia da Mestria**. O mestre de verdade não se deve considerar **mestre** (em sua mais funda sinceridade), embora outros possam tentar persuadi-lo disso, rendendo-lhe homenagens e aplausos. Na verdade, como o **outro** poderá saber se eu segui o meu caminho rumo ao que eu considero como ideal para minha vida?

Não há nada mais perigoso que nos acharmos bem sucedidos.

O drama da vedete de cinema ou de teatro, vítima de sua popularidade, aparece todos os dias nas grandes revistas e jornais. Aquele ou aquela que se tornaram, pela utilização de técnicas apropriadas, ídolos do público, acabam geralmente por sucumbir ao peso desta alienação de uma personalidade medíocre num personagem prestigioso.<sup>102</sup>

Praticamente, desde o ensino maternal às universidades, pode-se encontrar, em todas as instâncias escolares (particulares ou públicas), a **hybris** passeando pela sala dos professores. Por vezes ela age em um ou outro em momento de fragilidade, por vezes ela se fossiliza em algum que acredita que é absolutamente bem sucedido e possui um imenso poder de persuasão para fazer com que os outros também acreditem que ele é excepcional.

Em uma das várias narrativas do **Ateneu**, vemos plena a **hybris** do grande mestre diretor na escola: Aristarco. Aristarco recebeu como homenagem, em uma sessão solene, o busto de si mesmo. Ocorre que a peça era tão bem feita que foi coroada com os louros da vitória (o busto, não ele). Isso fez com que ele tivesse ciúmes da própria imagem e arrancasse a coroa de louros do busto: “O monumento prescinde do herói, não o conhece, demite-o por substituição, sopeia-o, anula-o”.<sup>103</sup>

---

<sup>102</sup> GUSDORF, 2003, p. 122.

<sup>103</sup> POMPEIA, s.d. p. 142.

Há aqui um claro exemplo de como podemos nos transformar nas sombras de nós mesmos. Hoje, facilmente, são criados bustos e estátuas de mestres quando as oportunidades aparecem, por exemplo, o vestibular brasileiro e suas implicações.

Nos cursinhos de preparação para o vestibular, há uma profunda admiração por determinados professores. Muitos criam toda uma magia de autopromoção, ligada à presença de palco e de microfone, dão aulas para salas imensas com duzentos alunos ou mais, gravam discos com músicas que compõem para memorização da matéria, vão para a televisão, enfim, intuitivamente, aproveitam essa estrutura mítica do mestre/aprendiz.

O vestibular, dessa forma, torna-se o **caminho do herói**: isola o aluno da família; impetra-lhe desafios quase sobre-humanos, levando-o até a exaustão, em uma sequência de provas intermináveis e lhe dá a coroa de louros exibida pela mídia caso seja o primeiro lugar, com direito a entrevistas e honrarias, o **hall da fama** conseguido pelo esforço, disciplina, dedicação, inteligência.

Em uma situação dessas, de extrema concorrência, de tamanhos obstáculos; o aluno precisa de um auxílio para encontrar forças e assim enfrentar o que parece impossível de se vencer.

Ao invés de se mostrar ao aluno que o problema está na pouca quantidade de universidades de qualidade, transforma-se uma deficiência educacional em uma guerra de resistência entre os jovens, separando-os em vencedores e perdedores, heróis semi-deuses e simples mortais. Quem consegue resistir à tentação de se transformar em um mito? Mesmo que esse mito seja falso?

Imaginem um aluno sentado em um anfiteatro com mais quatrocentos ao lado dele. Entra um professor imponente, sobe em um tablado, pega do microfone e começa dizendo que passou no ITA com louvor, declama trechos de obras literárias de memória, faz pirotécnicas com luzes, sombras e apresentações eletrônicas e, de uma forma mágica, assim que acaba sua **palestra**, toca o sinal e sua aula acaba: **a aula perfeita**.

O professor que consegue vender ao aluno tais imagens corporifica-se em instrutor sagrado, quase um **avatar**, aquele que trará ao aluno a vitória assim como trouxe a outros heróis que aparecem nas propagandas e jornais do cursinho. Alguns professores possuem um carisma impressionante e conquistam unanimidades, sendo até, em algumas localidades do país, disputados por cursinhos como os jogadores de futebol são disputados por times.

Há aqui um trajeto que sai da **imagem arquetípica** e vai para a **estereotipia**. O estereótipo é um **arquétipo falso**, um **tipo vazio**, que o indivíduo, em determinados momentos, incorpora. Momentos em que a atividade densa e originária arquetípica transforma-se em fragmentos esclerosados que muitos se dispõem a seguir para conseguir reconhecimento social.

Diferentemente dos arquétipos, os estereótipos são imagens descarnadas, fantasmas. Imagens feitas para consumo imediato, mas que não nutrem ninguém, pois não tem “sustância”, como diriam nossas avós.<sup>104</sup>

Muitos alunos ovacionados pela família e pela sociedade como heróis vitoriosos do vestibular ficam entorpecidos pela **hybris**. O trote, embora possua exatamente a função de quebrar simbolicamente essa **hybris**, ao invés disso, transforma-se em um reforço à supervalorização da vitória: os neófitos com pinturas no corpo e cabelos raspados sorriem de felicidade em um ritual que deveria, ao contrário, **humilhá-los** (no sentido de resgatar-lhes a humildade).

---

<sup>104</sup> RUBIRA, 2006, p. 122.

Após as festas, resta-lhes o cotidiano universitário muitas vezes não tão glamouroso e espetacular, o que para muitos é uma profunda e triste decepção: retornam a um vazio e à cata de um sentido às suas trajetórias de vida. Campbell nos alerta que os símbolos devem nos levar para o desenvolvimento pessoal e não nos enclausurar em representações infantis.

Nos Estados Unidos, há até um **pathos** de ênfase invertida: o alvo não é envelhecer, mas permanecer jovem. Não é amadurecer e afastar-se de mamãe, mas apegar-se a ela. Assim sendo, enquanto os maridos se mantêm em uma atitude de adoração diante dos seus templos de infância – conformando-se em ser advogados, comerciantes ou gênios que seus pais queriam que fossem – suas esposas, mesmo após catorze anos de casamento e dois filhos crescidos, ainda estão em busca do amor – que só pode chegar até ela a partir dos centauros, silenos e outros incubos concupiscentes da horda de pão [...] por meio dos templos populares da deusa venérea cobertos de baunilha sob a maquiagem dos últimos heróis da tela.<sup>105</sup>

Cabe salientar que o problema é um complexo em que se inserem o produtor da imagem, o receptor e a própria imagem. Por exemplo, pode um mestre, com toda a sua sinceridade e capacidade, tentar mostrar a seu discípulo preceitos e princípios que o levem a refletir e a crescer e seu discípulo, influenciado por imagens externas vazias, todavia, só absorver superficialidade estereotipada.

A imagem “enlatada” paralisa qualquer julgamento de valor por parte do consumidor passivo, já que o valor depende de uma escolha: o espectador será orientado pelas atitudes coletivas de propaganda: é a temida “violentação das massas”.<sup>106</sup>

A mídia de massa costuma captar patologias e as vende a quem se dispõe a cair na sedução da imagem fácil. O **símbolo criador** torna-se o **signo convencional e consciente**, tornando o indivíduo escravo do consciente coletivo, do preconceito.

---

<sup>105</sup> CAMPBELL, 2007, p. 22

<sup>106</sup> DURAND, 2004, p. 118.

O **símbolo**, dessa forma, pode ser o equilíbrio dessa complexidade social em que podemos, a qualquer momento, sermos vítimas do estereótipo e, quando somos, tornamo-nos pelo desequilíbrio entre o **símbolo** criador e o **signo estereotipado**.

A **Mitohermenêutica**, dessa forma, reconta as histórias de nossos professores entrevistados estabelecendo **estradas e pontes** de sentido entre os fatos narrados e a interpretação desses fatos como processo da construção da essência/existência do indivíduo como mestre ou herói.

## 6. INTERPRETAÇÕES

### 6.1 NARRATIVA A

#### 6.1.1 RESUMO

O nosso primeiro entrevistado fez todo o ensino fundamental (antigo ginásio) em colégio estadual. Quando estava na quinta série, ficou impressionado com um professor de química (ciências) por conta da explicação do mundo que a teoria química e o professor lhe apresentavam. Na sétima série, impressionou-se também com um professor de história, que lhe despertou reflexões filosóficas e interesse pelas humanidades.

O entrevistado também possuía uma vontade de ser militar. Isso fez com que, na oitava série, fizesse cursinho e vestibulinho para entrar em escolas militares de ensino médio. Infelizmente, não conseguiu ser aprovado nas provas de ingresso e passou, então, por um período em que ficou sem estudar, trabalhando como balconista em uma farmácia.

Quando chegou à idade de serviço militar, ingressou em Brasília como voluntário, posteriormente, saiu do exército, retornando aos estudos no primeiro ano colegial em uma escola particular.

Ele não gostou da escola particular e prosseguiu o segundo e terceiro anos do colegial em escola estadual. Do segundo ano, suas lembranças recaem sobre uma professora de literatura de quem gostou muito, por ser realizada em sua profissão.

Prestou, então, vestibular para Filosofia, entrou em terceiro lugar. Sentiu, no entanto, algumas frustrações no curso, dizendo-se ser  ***muito cru***  para aquele tipo de curso, tendo deficiências principalmente em leitura de textos e redação, sentindo-se com pouca bagagem cultural.

Decidiu, então, fazer o curso de Letras para suprir tal demanda e entrou no vestibular em Língua Alemã na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. No terceiro ano da faculdade, por conta de uma demanda financeira, começou a lecionar gramática em cursinho para concurso público, posteriormente, foi plantonista e professor em cursinho pré-vestibular e escolas particulares de São Paulo.

Estudava muito para lecionar, todavia, abandonou a faculdade pelo fato da forma de organização do curso ser muito frustrante para ele, o que fez com que fosse jubilado uma vez. Pediu reingresso e foi jubilado novamente.

Hoje, com idade próxima dos quarenta anos, leciona em colégio particular de ensino médio, cursinho pré-vestibular e curso preparatório para o concurso de diplomacia. Gosta muito da profissão de magistério, é muito envolvido com seu trabalho, sempre lendo e formalizando questões, principalmente para seus alunos do curso preparatório para diplomacia.

## 6.1.2 O FILHO DO CARTEIRO

*Minha relação com a escola sempre foi um tanto quanto traumática, eu não gostava de escola, eu tinha um sentimento de ser abandonado lá, que a minha mãe me deixaria lá e não me iria buscar[...]*

Essa é a primeira frase da narrativa. Hoje, o entrevistado é professor, trabalha em escola, é responsável por uma parte da mesma instituição que lhe causava traumas na terna idade. Percebemos aqui o Mito de **Quiron**, o Centauro tenta curar-se da ferida a partir dela mesma: compreendendo a ferida dos outros <sup>107</sup>. Muitos professores de hoje afirmam que odiavam a escola quando alunos, seu retorno talvez seja uma busca de compreensão de sua própria dor.

A escola lhe dá uma contínua sensação de incômodo, segundo ele próprio, por conta de lhe trazer uma sensação de abandono.

*não era a questão da escola, era o medo de ser abandonado, lembro quando meu padrinho me pegava, ia fazer compra em algum lugar, ele me deixava no carro, ia fazer compra e eu ficava no carro( ... ) mas se ele demorasse muito, tinha a sensação automática de estar sendo abandonado*

A falta de uma figura paterna (citada duas vezes no início da entrevista), traz nele uma situação de desconforto, que se intensifica na escola, pelo fato de a escola separar-lhe também da figura materna. Essa demanda interna se vê refletida de forma imaginária a partir de um quadro de Van Gogh, que o impressionou bastante.

---

<sup>107</sup> BOARETTO comenta essa questão, foi citada na página 53 deste trabalho.



*enfim, então a minha relação com a escola não era muito agradável, eu nunca gostei muito de escola isso toda minha vida escolar ... E até tem um quadro do Van Gogh no MASP que é o filho do carteiro que (...) idade (...) o escolar, ele está com o rosto crispado, que parece uma sensação de dor da uma sensação de dor e quando eu vi eu falei, nossa me dá uma sensação de incômodo frente à situação escolar que me lembra a mim*



108

Há um encontro entre as sensações internas do entrevistado e a imagem do quadro. Esse encontro traz a ele a consciência de um estado de infância que persiste até hoje nos entrelaçamentos das representações: - **Sinto-me como este menino, com a mesma cara tensa e assustada, com as mesmas mãos crispadas. Exerço minha humanidade ao ver que alguém se sente como eu.** Por essa razão, o quadro fica em sua imaginação simbólica e faz parte de sua identidade.

A elaboração sobre esse momento de sua vida remete ao desconforto inicial, que faz com que possamos encontrar e seguir um caminho heróico.

---

<sup>108</sup> GOGH, 1888.

A façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa então parte em uma série de aventuras que ultrapassam o usual, quer para recuperar o que tinha perdido, quer para descobrir um elixir doador da vida. Normalmente, perfaz-se um círculo com a partida e o retorno.<sup>109</sup>

A atitude heroica está desde a constatação e elaboração dessa falta quanto seu enfrentamento. É justamente esse desconforto inicial que possibilita o espaço para a luta, uma vez que se cria ou se encontra alguma força ou valor a se contrapor ao negativo, ao desconforto, trazendo possibilidades de movimentação para sairmos de uma situação que nos incomoda. O entrevistado caracteriza esse momento como **curioso**, logo na sequência de sua fala sobre o quadro de Van Gogh e toda a sensação que o quadro traz.

*agora o curioso é que ... eu acho que eu tenho uma tendência a gostar de teoria, né essa coisa de você poder organizar o mundo, com algumas, algumas, alguns esquemas, ou algumas coisas me seduzem muito... ehh ... eu lembro que primeiro eu tive um pequeno fervor religioso quando caí nas minhas mãos uma bíblia de testemunha de Jeová, eu achava aquilo o máximo, né, porque, então tem Deus, as coisas funcionam desse jeito, e como eu tinha uma família que não havia uma educação de formação, desses princípios então, aquilo veio ocupar o espaço, mas, por incrível que pareça, na quinta série, ao descobrir a teoria atômica de Dalton, eu fiquei fascinado com aquilo, nossa, então, tudo o que existe aqui, essa diversidade, se resume a alguns elementos que combinados formam tudo...*

---

<sup>109</sup> CAMPBELL, 1990, p. 131.

De fato, é curioso e verossímil, enfrentarmos o abandono com a organização. Organizar é possuir o controle da própria vida, do mundo e assim disciplinar-se e preencher o vazio sentido pelo abandono, tendo como instrumento uma teoria plena e satisfatória. O grande organizador do mundo é Deus, Ele separa a luz das trevas, as águas da terra, o chão do céu, enfim, coordena e mantém as antíteses sobre controle. Esse fascínio pelo controle esconde um desejo de ser Deus no sentido de transcendência a um mundo em que se vence a solidão pela plenitude. A possibilidade de organizar tudo com esquemas ou teorias remete, dessa forma, a uma tarefa divina, sobre-humana.<sup>110</sup>

Cada um, na sua vida, precisa encontrar uma demanda e lutar por ela, partindo do desconforto que nos empurra para a empreitada. Talvez uma das narrativas mais bem próximas à questão em pauta é a de Telêmaco, que possui a falta do pai (o distante e desconhecido Ulisses) e o **chamado** vindo de Palas Atena.

Quero dar-te um prudente conselho, que, assim o espero, seguirás. Equipa o melhor de teus navios com vinte remadores e vai colher informações acerca de teu pai, há tanto tempo ausente [...] Põe de lado os divertimentos infantis, que já não tens idade para isso. [...] Pensa em minhas palavras, medita meus conselhos.<sup>111</sup>

---

<sup>110</sup> Lembremos que Emédocles de Agrigento, na antiguidade clássica grega, por volta do séc. V a. C. , definia a teoria (*theorien* , hipótese das ações de deus). FERREIRA SANTOS, 2005. p. 95.

<sup>111</sup> HOMERO, 1993, p.17.

## 6.1.2 O RELÓGIO E FAETONTE

Quando lhe foi perguntado se houve alguma figura relacionada com essa organização toda que o seduzia, o entrevistado citou uma pessoa que lhe serviu de exemplo de modelo inicial.

*Então, havia um professor que, o professor era o professor ... (trecho retirado para evitar identificação) era um professor já antigo que de uma época da escola ainda áurea de bons professores, porque eu estudei no Estado, eu só estudei em escola particular no final da minha vida éhh ... escolar ... mas ele era uma figura muito conservadora ehh ... muito disciplinador ... um bom professor ... né ...*

Entra aqui o primeiro conceito que ele possui sobre o que é um bom professor: conservador, disciplinador, aquele responsável por suprir essa demanda que o entrevistado possui pela ordem.

*mas eu tive problemas com ele no começo porque eu era muito irrequieto, eu sou muito estabonado*

O entrevistado, ao notar-se em uma situação desconfortável por conta de sua cisão inicial (abandono), é capaz de compreender o **chamado** externo a lhe provocar o movimento que lhe tirará do conflito inicial. O **chamado** propriamente dito ocorre por conta de um desafio:

*Isso quinta-série, foi quando eu tive contato com ele pela primeira vez ... então os primeiros contatos não foram tão ... interessantes, mas aí eu acho que ele me lançou um desafio, que ele falou assim, olha, vai ter prova e eu acho que você, você, você, você não irão bem na prova e eu era uma das pessoas que tava lá e eu (...) fiquei meio puto né e aí acabei estudando, então eu não sei exatamente o que foi que levou ao que ...*

O disciplinador (bom professor) desafiou o indisciplinado irrequieto (mau aluno), o aluno ficou muito bravo, estudou e iniciou seu longo caminho à organização quase sobre-humana do mundo.

*eu estudei, e eu fui bem, tirei dez na prova, uma nota surpreendente, química (...) ... então eu fui bem na prova e claro que isso mexeu com o meu ego ... né ... porque houve uma certa aclamação da parte dos alunos (...), então eu não sei o que precede o que, se foi na verdade o fascínio pelo saber em si ou se foi (...) em termos de respeito e a admiração com essa nota*

Ao conseguir vencer o desafio de organização do ambiente a partir de esquemas químicos e científicos, o sucesso é íntima e nitidamente percebido pela aclamação por parte dos colegas: *além de poder organizar o mundo, eu sou admirado por meus pares*. Mas talvez uma das maiores gratificações recebidas é a aclamação por parte do próprio professor.

*mas seja como for eu acabei ficando muito amigo desse professor, então acabei estudando muito aqui porque eu tenho irmãos muito mais velhos do que eu, tem muito livro didático aqui então eu acabei estudando, então, eu pesquisava (...) mas aí começou, então, na quinta-série uma coisa que era ausente antes, que era um apreço pelo conhecimento, eu achava aquilo interessante, eu (...) imaginava que eu seria químico, que ia fazer química.*

As imagens de tutor, pai, organizador, divindade que lhe confere os caminhos do saber e do controle do mundo confundem-se no trajeto: o chamado do pai vem buscar suprir a demanda do filho abandonado pela organização e a nota dez no desafio confere ao filho o status de iniciante: “A necessidade de um grande cuidado por parte do pai, que só admite em sua casa os que se tiverem submetido integralmente aos testes”.<sup>112</sup>

O desafio funcionou como um ritual à entrada da vida organizada paterna e permitiu ao entrevistado o **estudo** como símbolo ascensional e o encontro com o mestre. O mestre surge quando alguém se dispõe na posição de aprendiz. Esse encontro ocorre por uma admiração, um desafio, um chamado ligados a uma demanda pessoal.

---

<sup>112</sup> CAMPBELL, 2007, p.130.

A relação com o mestre, que de início parece ligar-me ao outro, cobre uma relação mais essencial comigo próprio. Pela mediação de uma revelação exterior, acho-me novamente transportado a uma mais alta consciência do meu próprio ser.<sup>113</sup>

Desse encontro com o outro, desvenda-se o **eu**, seus desafetos, sua essência e, conseqüentemente, seu caminho. A história com seu professor de ciências/química se aproxima com um fragmento da história de Faetonte: Faetonte<sup>114</sup> era filho de uma virgem da Etiópia e foi estimulado por seus companheiros a descobrir quem era seu pai. Cruzou a Pérsia e a Índia, escalou uma trilha íngreme e chegou ao cume. Lá, no cume, descobriu Febo, seu pai, cercado pelas Horas, pelas Estações, pelos Dias, pelos Meses, Anos e Séculos. Ele se apoderou do carro de Febo e chegou a um final trágico, pois acabou morrendo ao se atrever a guiar o carro do pai.

Paralelamente ao mito, o entrevistado possui também a ausência da forma masculina paterna (verbalizada conscientemente por ele) e representada simbolicamente pela imagem do menino assustado e abandonado no quadro de Van Gogh. Sua subida ao monte, à cata de seu pai, veio a partir de seus estudos dedicados e da nota dez. Lá, no cume conquistado pelo seu esforço, ele consegue a simpatia do professor e entra em contato com a química, as ciências, Dalton, elementos masculinos organizadores do mundo, o tempo organizado pelas horas, o mês e o século; enfim, foi permitido que ele adentrasse à casa do pai. Esse contato da organização na busca de solução da angústia original da passagem do tempo (*tempus fugit*) também é percebido no mito da máquina do mundo, no qual Vasco da Gama também conquista o direito de ver as engrenagens que regem o todo, apresentadas por Tétis<sup>115</sup>. Assim ele pode também ver e perceber o tempo controlado no relóginho do amigo.

---

<sup>113</sup> GUSDORF, 2003, p. 77.

<sup>114</sup> Idem Ibidem.

<sup>115</sup> *Uniforme, perfeito, em si sostido,  
Qual em fim o archetypo que o criou.  
Vendo o Gama este globo, commovido  
De espanto e de desejo ali ficou.  
Diz-lhe a Deosa: "O trasunto, reduzido  
Em pequeno volume, aqui te dou  
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas  
Por onde vas e hirás e o que desejas."*  
(CAMÕES, 1957, Canto X, Estrofe 79, p.331.)

*há uma demanda por organização muito forte, eu lembro que um garoto também tinha um relóginho de plástico de brinquedo que mostrava, em vez de as horas, mostrava as atividades do dia, um garoto rezando, um garoto almoçando, eu achei aquilo o máximo, né, porque, nossa, imaginei a vida toda regradinha, a minha, pela questão da família era tudo um caos, não tinha hora certa para nada, enfim...*

Todos possuímos muitas faltas e frustrações, que se entrelaçam e se transformam no decorrer de nossa vida. Em alguns momentos, com o auxílio de elementos externos, percebemos e formalizamos essas demandas.

O mestre surge em nossas vidas como resposta a nossas demandas. O mestre somente surge quando o aprendiz está pronto, ou melhor, é o aprendiz que escolhe o mestre e não o contrário.

### 6.1.4 INICIAÇÃO

Uma vez o caminho descoberto, segue-se o processo de iniciação, outros tutores lhe traziam outras formas de organização teórica do mundo. Dessa forma, a busca pela ordem tornou-se uma constante no entrevistado. Outro professor citado é um professor de História. Embora, inicialmente, esse professor não possuísse uma aula organizada, trazia-lhe certos princípios de compreensão de mundo ligados a regimes políticos e comportamentos humanos.

*tive um professor curioso, que não dava aula, mas ele instigava alguma coisa em mim porque ele fazia Sociais, ele era formado em Sociais na USP, ele foi para quebrar um galho para aumentar a renda dele, ele não era professor profissionalmente falando mas como ele tinha um conhecimento e precisavam de um professor de História, então ele estava ali para ocupar espaço, então ele não dava aula no sentido de ohh nós vamos cumprir esse programa, vamos ver, essa aula, como professor de cursinho faz, né, ter uma aula planejada para poder passar a programação, ele não fazia isso, mas ele falava coisas que me seduziam, eu ficava curioso, né, então ele falava ele foi a primeira pessoa que falou da Inês de Castro para mim, que eu desconhecia, a primeira pessoa que falou de Maquiavel [...]porque ele era comunista e tudo o mais, a gente tinha discussão sobre ... sobre , política porque como eu tinha essa demanda por organização, eu acabava ficando atraído por regimes totalitários, né ... uma coisa assim e ele obviamente era o oposto mas a gente brincava ,*

O entrevistado passa, então, por um discurso irregular, em que vai e vem nas referências temporais, intercalando seu desejo de ser militar com seu desejo de fazer filosofia, citando também uma fase em que se ausentou da escola e trabalhou em uma farmácia como balconista.

Esse período difícil da vida do entrevistado é falado com mais pausas e interpretado por ele como falta de um caminho, um sentido que lhe direcionasse as escolhas. Sentido esse revisitado a partir do segundo professor (de História) que veio lhe trazer o senso de explicação e organização do mundo de um ponto de vista social, repetindo-se nesse segundo professor a mesma narrativa mítica presente no primeiro.



É interessante também salientar um novo viés que constituiu sua narrativa a partir daí. Ao reforçar os elementos positivos em um bom professor, ele também relembra dos elementos negativos em um professor ruim, exemplificado por um professor de matemática que fazia crochê na sala.

*no Estado eu tive professores muito ruins, muito mesmo de não conhecerem a matéria, de não ensinarem, de ficarem fazendo outras coisas, um professor de matemática fazia crochê na sala de aula*

Em um segundo momento, ele critica uma professora de geografia, dizendo que ela mais atrapalhava que ajudava nos estudos.

*eu tinha uma professora de geografia que se tirava o livro dela ela não dava aula, ela lia para dar aula, então, e outra ia lá para fazer atlas, tinha que fazer mapa mundi, n,é e eu no terceiro ano preocupado com vestibular tinha que parar para fazer mapa mundi porque ela tinha que dar uma nota de qualquer jeito então era uma coisa que me incomodava muito, eu ficava muito puto da vida com isso ahh ...*

Opondo-se a esses dois professores ressaltados pelos seus pontos negativos, encontram-se o professor de História já citado antes e uma professora de Literatura, também admirada pelo seu profissionalismo e plenitude e exercer a profissão.

*aí no Estado, uma professora de Português me impactou muito porque também ela era uma pessoa que não sei porque ela foi dar aula no Estado mas logo no ano seguinte ela foi embora também, passou num concurso para dar aula num colégio em Brasília e aí foi para lá e ela tinha bastante conhecimento, e aí que ela começou a dar aula de literatura aí comecei a sentir, porque primeiro ano foi um fiasco aí começou com romantismo e eu lembro, nossa, em uma das primeiras aulas ela mandou a gente levar um poema acho que é “Deprecação” do Gonçalves Dias<sup>116</sup>, analisou o poema ... aquilo ... sabe ... uma coisa interessante eu falei nossa ... eu gostaria de ser como ela assim ...*

A Professora de Literatura opõe-se, na sequência das informações ditas na entrevista, à professora de Geografia, da mesma forma que o professor de História opõe-se ao de Matemática. A grande admiração que ele possui pela professora de Literatura provém de, novamente, ela conseguir analisar e organizar o mundo, dessa vez um poema, algo que entra na esfera dos afetos e desejos.

Para o entrevistado, essa professora possui uma imagem de alguém que viveu intensamente uma experiência profissional. A fruição da profissão parece estar intimamente ligada com a fruição da própria vida.

---

<sup>116</sup> *Deprecação*

*Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto  
Com denso velâmen de penas gentis;  
E jazem teus filhos clamando vingança  
Dos bens que lhes deste da perda infeliz!*

*Tupã, ó Deus grande! teu rosto descobre:  
Bastante sofremos com tua vingança!  
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,  
Teus filhos que choram tão grande mudança.*

*Anhangá impiedoso nos trouxe de longe  
Os homens que o raio manejam cruentos,  
Que vivem sem pátria, que vagam sem tino  
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.*

*E a terra em que pisam, e os campos e os rios  
Que assaltam, são nossos; tu és nosso Deus:  
Por que lhes concedes tão alta pujança,  
Se os raios de morte, que vibram, são teus?*

(DIAS, 2009)

*(...) Porque ela falou uma coisa que, engraçado, eu lembro de uma coisa, um dado pontual que eu tive no curso dela, que ela falava que ela se sentia uma pessoa realizada, porque uma das coisas que ela queria na vida que era ser professora de literatura ela tinha conseguido ... então .... ela era uma professora muito boa.*

Eis aqui alguém que compreendeu sentimentos e impressões desconhecidas de um poema pela lógica e, a partir de sua imersão na profissão, conseguiu a plenitude e a felicidade. Essa felicidade surge quando a professora usa a profissão integrada à própria individualidade, quando a profissão, muito mais que um **ganha-pão**, é um projeto de vida: *O bom professor pertence a uma ordem superior. Ama sua profissão, a qual não representa somente um ganha-pão, mas uma razão de ser.*<sup>117</sup>

A **maestria** daquela professora está em, muito mais que interpretar o poema **Deprecação**, integrá-lo à sua vida e realização pessoal e esse exemplo permaneceu inscrito na compreensão de mundo do entrevistado, transcendendo os conteúdos que aprendeu, as imagens e os conceitos. O entrevistado vê na professora que admira atitudes referentes à vida que ele se propõe a aplicar a si mesmo. A isso ele nomeia como **profissionalismo** (um envolvimento absoluto com a profissão).

Como a faceta terminológica da palavra tende a apenas rascunhar a imagem percebida, ele ilustra o que entende por **profissionalismo** contando a história do livro e do filme **O Dia do Chacal**.

O filme trata de uma personagem fictícia (chamada de **O Chacal**) que praticou um atentado ao presidente Charles de Gaulle, na França. O Chacal não era um terrorista ou revolucionário ideologicamente engajado a questões políticas francesas, ele era apenas um **assassino profissional** contratado para matar o presidente.

Há na personagem um total comprometimento com a missão propriamente dita: meses de preparação desde o estudo do local até a aquisição de armas especiais, passaportes e identidades falsos, roupas, maquiagem.

---

<sup>117</sup> GUSDORF, 2003, p. 50.

*eu gosto de pessoas que são profissionais né, o dia do chacal é um livro defini ... que mexe comigo porque ele mostra pessoas que são profissionais que o que eles exercem é uma extensão quase que da personalidade deles*

**Mutatis Mutandi**, o **Chacal**, ao escolher sua missão, segue um caminho sem volta, uma total imersão. A Imagem que transita é a de, muito mais que uma profissão, muito mais que um ofício, um sacrifício (ofício sacro). O sacrifício é ligado ao sacerdócio, à medicina, e, segundo a interpretação do entrevistado e de muitos mitos, ao magistério. A entrega profunda ao trabalho é, para ele, o profissionalismo e decorre de uma escolha por parte do indivíduo, exatamente aceitação ao chamado:

*e ele vai para uma via que é uma bifurcação aí ele pensa, no filme que é maravilhoso, o primeiro (...) ele para e pensa assim e agente não sabe no que ele está pensando no livro ele fica imaginando que se ele fizesse esse serviço era a independência dele[...]*

A tomada de decisão frente ao desafio reforça o motivo de imersão total na missão aceita pela personagem, missão que envolve o encontro com grandiosos perigos a serem enfrentados pelo herói: *A questão fundamental persistia: devia prosseguir ou recuar? [...] Prosseguir significaria maiores perigos até que a tarefa estivesse cumprida. Seria cada vez mais difícil recuar à medida que o dia se aproximasse.*<sup>118</sup>

O **Chacal**, tanto discutido na entrevista, deixa de viver sua individualidade para assumir por completo sua missão. Literalmente não possui nome: suas roupas, sua imagem, seu almoço e até suas relações sexuais são calculados a fim de conseguir informações estratégicas ou elementos concretos para assassinar De Gaulle, enfim, exime-se da própria vontade para cumprir uma missão, para, posteriormente, desfrutar de sua própria vontade.

Embora a missão do **Chacal** seja cometer um assassinato, o que impressiona o entrevistado é exatamente a questão de estar **profissionalmente** imerso na missão (por conta da escolha feita) e, novamente, a meticulosa **organização** feita pela personagem para cumprir seu intento.

---

<sup>118</sup> FORSYTH, 1974, P.321.

*É, e aí o professor sério que eu falo é aquele que tem profundidade, entrar na sua profissão, questionar, o Chacal é, ele me atrai, por ser uma pessoa extremamente organizada e metódica ...*

De alguma forma, sua imaginação perpassa e procura realizar a organização a partir do exemplo que teve desde criança, pelas imagens apreendidas por ele ao longo dos anos, ou seja, a profissão de professor não só lhe motivou para o ganha-pão diário quanto para sua própria existência.

### 6.1.5 DOM QUIXOTE

Talvez um dos pontos mais altos dessa rica entrevista consegui perceber apenas posteriormente, quando o tempo possibilitou a mim um pouco mais de reflexão.

Ao escutar novamente a gravação, lembrei-me de que, em um determinado momento, mais ao final da entrevista, perguntei-lhe:

- Para você, o que é ser um bom professor?

Eis que tenho como resposta uma lista de virtudes. Todas elas associadas à técnica: conhecimento, recursos pedagógicos, cumprimento do programa, controle de sala.

Até aqui, parece que qualquer um pode ser um bom professor, seguir roteiros, passar conteúdos, trazer resultados. No entanto, isso parece ser simples demais.

Eu próprio, durante um bom tempo, acreditei nisso e respondia da mesma forma às pessoas quando era perguntado, embora muitos discordassem e me dissessem que há algo diferente no bom professor, como se fosse uma predestinação, como se estivesse no sangue, como se até fosse sagrado.

Eis então que meu entrevistado, após dizer a resposta básica e padrão esperada em uma entrevista padrão de emprego, começa a desenvolver outra ideia, inicialmente caracterizada como: a virtude de **comunicar-se**, **transferir** a experiência ao outro, cabendo ao ouvinte recebê-la ou não.

Ele próprio afirmou não possuir tal virtude.

*Tem que ser um grande comunicador, coisa que não sou ... nisso eu reconheço minha deficiência.*

Embora com as palavras (em um nível discursivo) ele diga que não é um bom comunicador, sugerindo que não transmite e não influencia a vida das pessoas, com o exemplo dado (em um nível metafórico) ele demonstra exatamente o contrário:

*Uma menina falou em um e-mail que ela queria ser quem eu era.*

Nesse caso, sem se aperceber de tal fato, ele influenciou e passou seu exemplo, motivo de satisfação e orgulho, no entanto, parece não reconhecer isso nele.

Nesse momento, talvez diante da busca de elaboração maior da questão em pauta, como muitos professores fazem em aula, ele, didaticamente, conta-nos mais uma história: a de um professor que ele teve, frustrado, com grandes problemas de **comunicação**.

*Ele era um professor muito frustrado ... não dava certo ... tinha um puta conhecimento de matemática, ele fez PUC, fazia mestrado na USP só que ele era uma pessoa cuja vida pessoal tinha dado muito errado, ele tinha casado, se divorciado, economicamente vivia muito mal porque o colégio de estado paga muito pouco [...] quando eu o peguei, ele estava testando um tipo de relacionamento completamente distante com o aluno e da matéria, só que ele é fora da realidade, porque eu fazia o segundo ano com ele, ele tinha que dar trigonometria, ele queria dar trigonometria como tem que ser dado e a sala não acompanhava.*

Muito mais que questionar os métodos escolhidos pelo professor exemplificado pelo nosso entrevistado, cabe-nos entrelaçar essa reflexão sobre **comunicar-se** com as reflexões de George Gusdorf: talvez estejamos diante de um **professor**, mas não diante de um **mestre**. A falta de comunicação com o discípulo aliena tanto que essa história acaba por se aproximar da de Dom Quixote, aquele que de tanto ler novelas de cavalaria enlouqueceu e tudo o que ele via era produto do seu desejo de ser cavaleiro andante: os moinhos eram gigantes, as prostitutas eram donzelas, a camponesa era a nobre Dulcineia (grande amor de sua vida). Interessante como o entrevistado justifica a alienação.

*Ele tinha essa coisa da ... da ... ele queria dar uma puta aula, isso era por orgulho, pela autoestima dele, ele gostaria que o público gostasse, o público não gostava e aí ele se alienava sabe ... ele ficava dando aquela aula maravilhosa mas que a compreensão das pessoas era pequena, então ele era o indivíduo que tem tesão por aquilo que faz, ele gostava de matemática de fato.*

A falta de comunicação (alienação) entrelaçou-se com o orgulho (hybris), algo similar surge escondido nas entrelinhas da obra Dom Quixote.

E era verdade, que por esse mesmo campo é que ele ia. E continuou dizendo: “Ditosa idade e século ditoso, aquele em que hão se sair à luz de minhas famigeradas façanhas dignas de gravar-se em bronze, esculpir-se em mármore, e pintar-se em painéis para lembrança de todas as idades.”<sup>119</sup>

Vale salientar que falamos aqui da maneira com que o entrevistado conta a narrativa e constrói os valores do professor de matemática, ou seja, estamos no terreno das reflexões e das imagens do entrevistado, de como suas lembranças formam o que ele entende por professor, suas desventuras, fraquezas, sucessos e até os momentos em que pode se perder e esquecer-se de sua real obrigação: **transmitir**.

O entrevistado poderia fazer várias observações, vários juízos de valor, no entanto, reforça a alienação e o orgulho: dois grandes males que distanciam a figura do **professor** da figura do **mestre**, uma vez que o **mestre** verdadeiro, não imerso na **hybris**, passa a informação a seus **discípulos**, perpetuando a **linhagem** e desaparecendo, é a morte do **mestre** o sucesso do **discípulo**, pois, quando o **discípulo** não precisa mais do **mestre**, a iniciação está completa.

---

<sup>119</sup> SAAVEDRA, 1993, p.33.



## **6.2 NARRATIVA B**

### **6.2.1 RESUMO**

Nosso segundo entrevistado possui a tendência a ser precoce: aprendeu a ler com quatro anos de idade; ingressou na primeira série do primário com cinco anos; iniciou a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo com dezesseis anos, idade em que começou a dar aulas particulares de física. Com dezoito anos, começou a lecionar em cursinho.

Por outro lado, houve dificuldades em concluir o curso de graduação, o que fez com que passasse por uma “peregrinação” de cursos e instituições: abandonou o curso de engenharia da USP; ingressou em Física na mesma Universidade, curso que também abandonou; entrou em uma Faculdade particular em Matemática, nela cursou apenas um semestre; permaneceu mais dois meses apenas em outra Faculdade particular em Física, até que terminou um curso de Matemática a distância em outra Faculdade de Santa Catarina.

Durante todo esse tempo, embora não gostasse de assistir às aulas das Faculdades, gostava muito de lecionar e seguiu lecionando em cursinho e colégio particular. Hoje possui 36 anos de idade e 18 anos de experiência em sala de aula, trabalha como professor de cursinho e de ensino médio na matéria de Física.

## 6.2.2 QUIRON

*minhas lembranças de escola ... não são lá muito boas*

Como já esboçado algumas vezes neste trabalho, é muito comum os professores afirmarem que, quando eram alunos, não se sentiam bem na escola. O retorno à instituição que outrora trouxera desconforto é uma possibilidade de retrabalho com a ferida marcada tanto pela instituição propriamente dita quanto pelas outras representações que tal ferida pode acarretar. No caso desse entrevistado, **curar-se** está em **ajudar** os outros:

*Acho que eu sempre gostei de ajudar as pessoas*

**Ajudar** assume uma conotação de uma descoberta, inicialmente solitária: “eu estudava a matéria antes sozinho” para depois solidária: “para eu explicar para eles”:

*chegou uma época que eu gostava, assim, de explicar para os meus amigos a matéria, tinha vezes que, assim .... eu estudava a matéria antes sozinho para eu explicar para eles não com a intenção de me aparecer assim, conscientemente falando, mas eu gostava de, dizer assim, explicar né ...*

Vemos, inicialmente, um professor autodidata, um **professor sem professores**, um professor com certa solidariedade e pureza iniciais: “não com a intenção de me aparecer”. Quiron, um imortal, aceitou ser esquecido, ir ao reino de Hades, trocar sua imortalidade para mitigar a dor de sua própria ferida<sup>120</sup>. Em homenagem à sua renúncia, criou-se a constelação de Centauro, para que sempre nos lembremos dessa história.

No decorrer da entrevista, percebe-se melhor um pouco a natureza da ferida: por ser muito jovem, sentiu-se, por vezes, deslocado e distante de seus companheiros. Apesar disso, a cura estava também em “tirar dividendos” dessa “juvenil inferioridade”: o poder de **criação**.

---

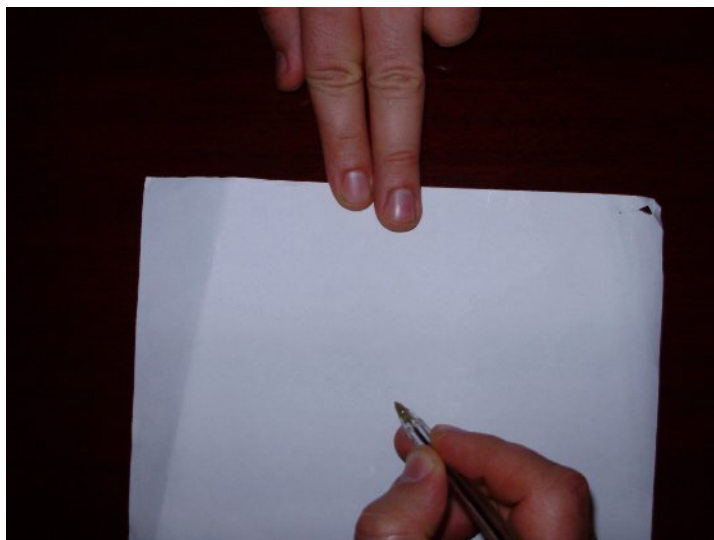
<sup>120</sup> Páginas 51 e 52 desta Dissertação.

### 6.2.3 A CRIANÇA QUE CRIA

*eu entrei cedo na escola ... então... eu entrei eu tinha quatro anos ... eu aprendi a ler com quatro anos ... com a minha mãe ... eu entrei na primeira série com cinco anos ... primeiro ano ... eu lembro que vieram até uns psicólogos ... o pessoal do MEC para dar autorização para eu cursar o primeiro ano ...*

O aspecto central da história contada encontra-se na precocidade e na infância. Como se procederia, no terreno simbólico, a natureza de alguém precoce? Há muitas formas de se lidar com isso, a maneira encontrada pelo nosso entrevistado é ver o mundo de uma forma diferente, ingênua e pura, cerne do poder criativo e desbravador, que surgiria mais tarde na vida dele.

*e até tem uma história engraçada que essa minha professora do primeiro ano eu não ia com a cara dela e eu lembro de um episódio que acho que ela tava ensinando parágrafo e a pessoa fala: " põe dois dedos tal né" ... e acho que eu faltei ou não prestei atenção e o que que eu fazia né eu ... olha gente dois dedos para começar eu fazia assim na folha (mostra-me a folha da seguinte forma):*



*Chegava assim colocava os dois dedos e começava daqui sei lá será que é algum ritual né de pôr dois dedos (risos) eu lembro que ela me detonava, essa mulher ...*

O gesto dos dois dedos para marcar o início de um parágrafo, que a professora e os colegas viam de uma forma prática (empírica), ele percebeu de uma forma ritualística. Só poderia notar dessa forma quem de fato estivesse livre de uma série de convenções. Sua tenra idade o favoreceu, estamos diante de uma criança, do aluno mais novo, que, por ser mais novo, pensa diferente e oferece como contribuição ao grupo sua forma de ver o mundo.

Infância é o símbolo de inocência: é o estado anterior ao pecado e, portanto, o estado edênico, simbolizado em diversas tradições pelo retorno ao estado embrionário, em cuja proximidade está a infância. A infância é símbolo de espontaneidade, e este é o sentido que lhe é dado pelo taoísmo [...] A criança é espontânea, tranqüila, concentrada, sem intenção de pensamentos dissimulados [...] Esse mesmo simbolismo é empregado na tradição hindu, na qual o estado de infância é denominado *balya*: é exatamente como na parábola do Reino dos Céus, o estado prévio à obtenção do conhecimento.<sup>121</sup>

O conhecimento é, dessa forma, vivido pela nova experiência e não convencionalizado pelo mundo exterior. Durante toda a entrevista, nosso entrevistado reforçou essa característica.

Antes de começar a responder à proposição inicial da entrevista (contar a história de sua vida), o entrevistado cruzou suas mãos diante de si e ficou por alguns segundos observando-as, concentrando-se, como se um jogo estivesse prestes a se iniciar, uma brincadeira séria.

Por aceitar tranquilamente a espontaneidade de suas ações, não buscou muito os motivos pelos quais acredita ou vê o mundo. Ele simplesmente acredita e vê. Por exemplo, quando diz que não gosta da escola ou de determinada professora, ele simplesmente não gosta (os santos não batem) e não há muito mais o que dizer sobre isso. Daí lhe advém a grande possibilidade de criação, por não seguir roteiros prévios e por divertir-se com toda essa experiência profissional, seu *carpe diem*.

Ao construir sua existência na escola por esse viés, ele dispõe, enquanto professor, de um histórico de experiências pioneiras e lúdicas para passar aos seus alunos: a Física parece ser muito mais uma diversão, um descobrimento do mundo; a Física é aprender as regras da eletricidade e da mecânica, como se brincássemos de autorama; Física é inventar jogos novos a partir de idéias velhas; Física é descoberta.

---

<sup>121</sup> CHEVALIER, 1982, p.302

Quem possui esse espírito de aventura e pioneirismo, costuma desbravar novos caminhos para mostrá-los aos outros.

*durante a minha vida, eu sempre tive uma coisa de ser o pioneiro , o primeiro pelotão que entra na mata fechada , sou sempre eu , então assim, eu vou lá , com a peixeira, abro o caminho , reconheço o ambiente, faço o levantamento , volto e falo podemos ir , isso para mim acontece muito na minha vida ao mesmo tempo que, de certa forma me fortalece , muitas vezes eu me sinto só também , puta eu queria ter alguém aqui para perguntar as coisas , os outros perguntam para mim as coisas, para quem que eu pergunto ?*

A **criança pioneira**, elemento propício da descoberta, a ingenuidade que lhe permite embrenhar-se nas matas desconhecidas. Há uma história interessante com **criança** na mitologia dos Timbiras (Leste do Maranhão). Nesta narrativa, temos a fusão do elemento **criança** com o elemento **desbravador**:

Um homem saiu em companhia de seu pequeno cunhado para tirar os filhotes de arara que havia num ninho oco de uma árvore muito grande. Depois de ter feito um mutá (estrado), ele mandou o menino subir ao buraco. Quando este meteu a mão pela abertura para pegar os filhotes, estes começaram a gritar de tal forma que ele ficou com medo de pegá-los. O homem insistiu com ele por diversas vezes que o fizesse, mas o menino não se achou com coragem. Finalmente o homem se zangou: derribou o mutá e foi para casa, enquanto o menino ficou na árvore, junto ao ninho das araras. Com o tempo os filhotes ficaram tão mansos que se deixaram apanhar sem susto.

Um jaguar passou ao pé da árvore, e, vendo o menino, perguntou o que estava fazendo lá em cima. Este lhe contou como o seu cunhado o abandonara ali, com raiva porque ele não se atrevera a pegar os filhotes. Mandou então o jaguar que ele lhe atirasse um dos filhotes para baixo. O menino obedeceu e o jaguar apanhou a ave entre as patas dianteiras no ar, com um rugido feroz, matando-a imediatamente. O mesmo ele fez com o outro filhote que o menino lhe atirou. Depois ele mandou que o menino mesmo saltasse para baixo, pois ia apanhá-lo. Ele teve medo, mas o jaguar garantiu que não lhe faria mal, que fechasse os olhos e saltasse. Finalmente, o menino obedeceu. O jaguar apanhou-o rugindo ferozmente, e a criança teve um medo muito grande. Tranqüilizando o menino, o jaguar mandou-o arrancar um cipó e amarrar os filhotes de arara. Depois mandou que os levasse e ambos foram à habitação do jaguar. [...] Em casa ele entregou o menino com as araras à sua mulher, contando como o havia encontrado e concluindo: “Este agora é nosso filho”. O menino sentou-se ao lado da fogueira e do moquém (grelha feita de varas), que estava carregado de pedaços de carne, ficando só com a onça, enquanto o jaguar foi caçar de novo.<sup>122</sup>

<sup>122</sup> NIMUENDAJÚ, 1976. PP.55-56.

Como o autor conta o restante da história com muitas peripécias narrativas, optamos por fazer uma “paráfrase resumida”:

Na ausência do jaguar, a onça tentou por algumas vezes devorar o menino e o menino fugia. Em uma das fugas, o menino contou ao jaguar das intenções da onça. O jaguar lhe fez um arco e flecha para ajudar o menino a se proteger. O menino flechou a mão da onça e fugiu para casa. Em casa, contou tudo aos parentes, o pai do menino lhe disse: “Devias ter-nos trazido um tição de fogo”. Como o menino se lembrava do caminho, dispôs-se a trazê-lo. Tirou, sorrateiro, todas as brasas da onça e saiu correndo, na fuga, a onça lhe disse: “Podias ter deixado pelo menos um tição para mim”. Desde então, os índios possuem fogo e as onças não.

Esse **Prometeu Indígena** nos mostra a criança que se embrenha pela mata e penetra na habitação dos animais. Ela obedece às orientações, tem medo, mas fecha os olhos para enfrentar esse medo. A criança arrisca, embrenha-se na mata e descobre coisas novas, mas ainda é criança, não possui o “valor” delas para a comunidade, para isso lhe falta a experiência de algum tutor mais velho. Por isso que o pai lhe diz: “Devias ter-nos trazido um tição de fogo”.

## 6.2.4 FOGO

Nosso entrevistado possui uma história de descobertas. Para ele, muitos fatos de sua vida são movidos pelo acaso. Sem que ele perceba, o que ele chama de acaso são alguns elementos iniciadores que lhe oferecem o “valor” do “fogo” descoberto. O iniciador não precisa necessariamente ser um tutor ou mestre que lhe mostre o caminho, podendo ser até um amigo de faculdade a despertar-lhe para o chamado.

*Eu. Um dia estava na POLI assim , meio deprimido falando: “PUTA o que eu estou fazendo aqui, preciso tomar uma cerveja , encontro um, não muito amigo meu, um colega, “vamos tomar uma cerveja?” “vamos” e ele dava aula no (nome do cursinho suprimido para evitar identificação) e aí a gente conversando tal, e ele perguntou se eu dava aula em cursinho também e eu :*

*”não”*

*“você não quer pegar as minhas aulas?”*

*“como assim pegar as suas aulas?”*

*“eu vou ser mandado embora de lá”*

*”você vai ser mandado embora?”*

*“é minha aula é muito ruim”*

*(risos do entrevistado)*

*“a minha aula é muito ruim, eu vou ser mandado embora de lá”*

*Falou assim, na boa ele falou, ele era assim de uma família pobre, ele tinha vindo acho que do nordeste, um lugar assim, morava no CRUSP, sofrido né, ele precisava do dinheiro mas ele não :*

*“ eu eu não nasci para dar aula” (ele falou) , vou ser mandado embora, mas, eles estão, se eu indicar você ,você entra e pega as minhas aulas .”*

*“ah, mas você tem certeza?”*

*“... vamos lá... tal”*

*Fui com ele lá, me apresentou para o dono, o cara fez uma aula teste, me bombardeou, me encheu o saco, terminou a aula meu nome estava no horário, tava meu nome no horário já da semana que vem e aí eu comecei no (nome do cursinho suprimido para evitar identificação) lá eu conheci minha esposa, aquelas coisas assim, né que, as pequenas coisas da vida como tiveram grandes efeitos né, eu tenho filhos hoje, então, eu fico imaginando se naquele dia eu não tivesse tomado aquela cerveja, será que eu teria conhecido minha esposa, será que eu teria, então vem muitos acontecimentos que, que o início foi aquele lá né? ...*

*ENTREVISTADOR – Então parece para mim que você está dizendo que você meio que se tornou professor por acaso ...*

*ENTREVISTADO – Eu acho que foi um pouco por acaso sim ..*

Lembremo-nos do que Campbell fala do **acaso**:

“Eis um exemplo de um dos modos pelos quais a aventura pode começar. Um erro – aparentemente um mero acaso – revela um mundo insuspeito, e o indivíduo entra em uma relação com forças que não são completamente compreendidas.<sup>123</sup>”

O pai da tribo já citada, de certa forma, disse ao filho:

“Olha, você conseguiu embrenhar-se na mata, você conseguiu entrar em contato com seres misteriosos e temidos da natureza, você penetrou no meio escuro da floresta, local em que estão as energias que nos sustentam, você viu o fogo, elemento importantíssimo para nós. Por que, então, você não age e não traz seu conhecimento para todos nós?”

O colega de nosso entrevistado, de certa forma, disse a ele:

“Você sabe lecionar e possui competência para isso. A única questão é que você ainda não sabe o valor que isso tem na vida dos outros e na sua vida. Eu sei o valor do fogo, mas não sou eu, nesse momento, o dono desse fogo. Ele está com você. Por que você não usa?”

Costuma-se dizer que quando o servo está pronto, o serviço aparece. Isso que ele chama de “acaso” parece ser um “encontro”. Ele se dispôs a buscar algo para significar a própria vida, o sinal veio de fora, mas coube a ele próprio interpretar o sinal e imaginar tal caminho para si.

---

<sup>123</sup> CAMPBELL, 2007, p.60.



O entrevistado começou a lecionar no cursinho, possuía o **fogo**: iluminava o conhecimento dos alunos; animava as salas de aula, propiciando-lhes os conhecimentos que adquiriu sozinho pelas suas descobertas; incendiava muitos jovens com sua juventude e precocidade. No entanto, da mesma forma que **Faetonte** (já citado atrás), queimou a si e aos outros com o **carro de fogo**, atravessou um momento de queda que, segundo ele, foi muito importante para seu próprio crescimento.

### 6.2.5 HYBRIS

O **fogo** pode ser triunfador e também destruidor. A **Patologia da Maestria** de Gusdorf, já citada neste trabalho, surge na história, é conscientemente verbalizada por ele:

*eu me achava O CARA, ... eu fazia sucesso, era novinho, bonitinho, dava aula bem, sabe, e eu achava que era intocável por causa disso, que podia faltar, que podia atrasar ...*

O ambiente de cursinho seduz bastante o professor jovem. Ele, muito cedo, passa a receber um salário considerável, é alvo de flerte das alunas e de admiração de todos. Muitos, dessa forma, assumem um comportamento de desafio aos **deuses**, ultrapassando o **métron** determinado pelas ordens superiores (chegar atrasado, faltar). Ocorreu, então, uma **peripécia** importante: o herói, orgulhoso de si mesmo, crê que pode estar acima das regras da instituição em que trabalha, considera-se um intocável:

*no último dia de aula tinha um plantão que os professores davam e eu fui para o Paraíso (unidade do cursinho), tinha uma turminha que tomava cerveja, saía com umas meninas lá ... fui para lá e eles estavam me esperando não para o plantão e sim para tomar cerveja e tal eu fiquei meia hora lá falei, não vai vir ninguém sai né só que eu tinha um outro plantão em Santana (outra unidade do cursinho) depois, que era outra unidade e Santana era uma unidade bem menor que o Paraíso, então o que eu pensei, se Paraíso não veio ninguém, eu não vou para Santana dia trinta de dezembro, sendo que eu estou com um pessoal aqui tudo animado as menininhas tal, sabe, não vou, peguei dei o cano, nem fui, o ano novo tal, começo do ano, quando começou o ano, dia três, quatro de janeiro, o dono me chama, me mandou embora, falou que teve gente, que teve três alunos que apareceram lá em Santana, atrás de mim ...*

A queda pode ser interpretada de várias formas. Coube-lhe um iniciador para a interpretação dessa queda. O dono do cursinho demitiu nosso entrevistado e na demissão aconselhou-o.

*vou te dar um conselho, se você quiser continuar nessa profissão, tem que mudar esse eu lado , você é muito bom, mas do seu jeito você não vai parar em lugar nenhum, você vai só se queimar ...  
E aquilo para mim foi uma bomba eu me achava O CARA no (nome da instituição suprimido para evitar identificação), o gostoso e aí eu, o chão abriu, eu pensei nossa, e agora ...*

O **chão abriu**. Perder as referências consideradas por ele tão sólidas quanto o **chão** trouxe-lhe um momento de iniciação. Dessa vez, ele pôde receber um conhecimento que não se aprende sozinho, que se aprende com o outro com o **tutor**, com o **mestre**.

*mas hoje eu digo que um dos maiores professores que eu tive na vida foi esse cara essa conversa que ele teve comigo também mudou assim minha maneira de pensar sobre a profissão ...*

De **um professor sem professores**, ele passa a ser **um professor com um mestre**. Inicia-se um novo ciclo em sua vida, com novas concepções e valores. Ele assume um novo emprego em outro cursinho, emprego esse em que permanece até hoje, casa-se e tem filhos e segue sua vida de procuras e descobertas.

## **6.3 NARRATIVA C**

### **6.3.1 RESUMO**

Nosso terceiro entrevistado entrou na Faculdade de Engenharia com 17 anos. A partir dessa idade, passou a dar aulas particulares de matemática e dar plantão em cursinhos pré-vestibulares.

Ao se formar, com 25 anos, passou a trabalhar como Engenheiro de Produção. No entanto, com 30 anos, não estava satisfeito com o local em que trabalhava e começou a dar aulas em um cursinho pré-vestibular, temporariamente, até encontrar outro emprego que o satisfizesse.

Nosso entrevistado gostou tanto do emprego de professor que permanece até hoje, aos 39 anos de idade no mesmo emprego.

### 6.3.2 ACIDENTE

*- eu nunca pensei que eu fosse virar professor algum dia na vida, eu acho até que o fato se eu ter virado professor foi um acidente ...*

*[...]*

*... E aí eu acabei ficando, meio que num acidente eu caí na escola*

A noção que temos de acidente é de algo que saiu de nosso controle (ao menos de nosso controle racional ou de nosso desejo consciente). O acidente, como uma ação alheia às nossas ações e à nossa vontade, transforma-se na proposta de percepção da história do entrevistado, no ponto crucial desta hermenêutica. É ele o contato com elementos que não conseguimos ver aos olhos da razão.

Embora tenhamos a impressão de falta de controle, aqui o “acidente” representa a percepção de outras possibilidades de escolha: não significar racionalmente os motivos de determinados eventos na nossa vida, permite com que façamos dela um decurso permeado de contatos com sentidos transcendentais, que possamos assistir a ela com o pensamento simbólico.

*eu tava muito puto... eu queria sair de lá (outro emprego de engenheiro) de qualquer forma ... só que assim ... eu queria sair de lá tendo alguma coisa na mão né e um dia eu passei na porta do colégio em que eu fui aluno, eu tava indo visitar o cliente, eu tinha acabado de discutir com meu chefe no celular e eu parei o carro no estacionamento e fui andando para a Paulista para tomar um ar, para respirar, porque eu falei, não, eu vou a pé, porque se eu chegar no cliente do jeito que eu tô, eu vou perder o cliente ...*

Ele tinha discutido com o chefe pelo celular, parou o carro no estacionamento e passou a andar a pé para se acalmar<sup>124</sup>, refazer seu caminho ou encontrar outro caminho. Hermes é o viajante, é o que anda e conhece os caminhos entre os mortais e os deuses, entre o nosso (racional) e o nosso (simbólico). Hermes possui asas nos pés, as asas do pensamento onírico, aliás, é para lá que os pés de nosso entrevistado o levam, para a Terra Natal, o colégio de onde ele veio, de sua formação, suas origens, seu contato com o passado, com sua história e, conseqüentemente, com sua identidade:

A volta à terra natal, o regresso à casa natal, com todo o onirismo que o dinamiza, foi caracterizado pela psicanálise clássica como uma volta à mãe.<sup>125</sup>

Tudo então simboliza. Descer, devaneando, num mundo em profundidade, em uma casa que assinala a cada passo a sua profundidade, é também descer em nós mesmos.<sup>126</sup>

Vale lembrar que no início deste capítulo, nosso entrevistado diz: “eu caí na escola”, sugerindo, pelo regime de imagens, que **caiu** em si mesmo, sua própria história, seu próprio passado, seu próprio Colégio.

No Colégio, ele foi conversar com a **Tia**, perguntou a ela dos antigos professores na intenção de ser reconhecido pelo lugar que o formou, depois de algum tempo, foi acolhido por um funcionário que se lembrou dele:

---

<sup>124</sup> *É bom andar a pé  
sem sapato, sem direção, à toa  
na cabeça o sol  
um boné  
É bom andar a pé  
devagar para aguentar o calor  
e olhar a vista pro mar  
melhor  
(SIMONINHA, 2008)*

<sup>125</sup> BACHELARD, 2003, p. 93.

<sup>126</sup> Idem, ibidem, p.96.

*Eu tava muito nervoso, eu já sou um cara nervoso por natureza assim ... e aí eu passei na porta do colégio e entrei e aí eu falei, eu perguntei para a Tia lá, a inspetora, eu falei:*

*“Como é que faz para dar aula aqui?.”*

*“Você tem que trazer o currículo.”*

*“Mas o meu currículo não tem nada de aula assim. Se eu trazer um currículo aqui ninguém vai me chamar.”*

*“Ah. Mas então você não vai entrar aqui, porque aqui só entra gente muito experiente.”*

*Aí eu fiquei conversando com ela tal, perguntei dos meus antigos professores ...*

*“Ah você conhece o professor (nome retirado para evitar identificação), ele não está ... Ah você conhece o professor ( outro nome retirado para evitar identificação) ele só atende com hora marcada”*

*[...]*

*- no começo ela deu uma espinhafrada, tipo entendeu, você não vai entrar aqui nem a pau, aqui não é para você e deu uma ... mas depois eu comecei a conversar com ela e aí a gente começou meio a trocar ideia ali e eu fiquei uns quinze minutos conversando com ela ali aí ela falou:*

*“Pêra aí ... que eu vou ver se o coordenador de Matemática ou de Física tão aí”*

*Aí ela voltou e falou:*

*“Olha o de Física não tá mas o de Matemática tá”*

*Eu falei assim:*

*“Ah, então tá bom, então eu dou aula de Matemática”*

*Eu falei para ela, aí veio o (nome do funcionário excluído para evitar identificação) e ele lembrou de mim aí ele falou assim:*

*“Você foi aluno aqui”*

*Eu falei:*

*“Eu fui mas você não lembra de mim porque faz quinze anos”*

*Ele falou:*

*“Não, eu lembro, você namorava uma menininha assim baixinha, mestiça”*

*Essa moça é a mãe do meu filho. E eu falei:*

*“Pô, você lembra mesmo, sou eu, como é que faz para dar aula aqui”*

*“Faz uma prova agora”*

*“Agora?”*

Costuma-se dizer que a porta da casa de uma mãe está sempre aberta para o filho. Eu, particularmente, não creio que foi por acaso que ele procurou refugiar-se no passado, que não foi por acaso que ele se dispôs a ser professor; creio que ele construiu o próprio destino e procurou uma segurança aconchegante no retorno às origens.

*Se existe destino, o destino quis que eu desse aula.*



### 6.3.3 TERNO E AVENTAL

*uma coisa que ninguém, não é que ninguém, mas assim tem pouca gente que talvez enxergue e eu dou um puta valor é o seguinte: é eu poder sair da minha casa vestido deste jeito, de moto, chegar na escola em dez minutos e trabalhar ... entendeu? Eu trabalhava de terno e gravata...*

Nosso entrevistado valoriza muito a vantagem de não precisar mais trabalhar de terno e gravata como fazia no emprego anterior. Ao ser indagado sobre o que representa um terno para ele, sua resposta é bem interessante e quase enigmática:

*Nada...*

*Eu acho que é uma roupa bonita, pronto.*

*É uma coisa que te dá um ar sóbrio e em algumas atividades exige-se que você use o terno ou porque você vai representar alguma coisa ou alguém então, a política da empresa ou a cerimônia no casamento, você representar uma empresa, uma cerimônia, tudo lá muito bem arrumado, é uma festividade, então é até um sinal de respeito que você compareça de acordo, claro, desde que todo mundo esteja igual, não adianta, o cara vai casar na praia, todo mundo de havaiana e você de terno, você está desrespeitando a cerimônia ...*

**Nada.** A primeira palavra, respondida **de pronto, de chofre** é bem expressiva. Um terno não significa **nada** para ele, um terno apenas é utilizado para os **outros**, em respeito à **cerimônia**, ou seja, não é uma roupa que está em conjunção com ele. Opõe-se o terno à roupa atual que ele veste: o **avental** do colégio, que significa muito mais:

*porque a roupa, ela reflete a identidade da pessoa, ah mas se o cara for obrigado a usar uniforme, mesmo o uniforme reflete a identidade da pessoa, eu acho, porque por trás do uniforme tem um monte de outras coisas, aqui todo mundo usa avental, mas você reconhece o estilo de cada um, apesar de tá todo mundo com aquela indumentária padrão, por baixo daquilo, os apetrechos que você carrega junto com aquilo refletem a sua identidade.*

Em resumo, com o **avental**, reconhece-se o estilo de cada um, com o **terno**, despersonaliza-se diante do **outro**.

De que maneira, um avental pode refletir a identidade de cada um, se os aventais, dentro de uma empresa, tendem a ser **mais iguais** que os ternos, pois os ternos permitem muito mais variação de cores, formas, tamanhos?

Executamos nossa existência a partir da identificação com a vestimenta, ou seja, passamos a assumir nossa identidade quando assumimos um papel sociocultural, uma roupa reconhecida pelos outros.

Os papéis são gerais e despersonalizados, no entanto, tornam-se únicos e individualizados quando nos incorporamos a eles. Ao dizer a mim mesmo: Eu sou um professor! Eu me igualo a uma classe geral de pessoas, a um fazer coletivo, que, todavia, torna-se **meu** quando é um fazer feito do **meu** jeito (os apetrechos que o entrevistado diz).

A roupa, o manto, os fios que o tecem, são imagens recursivas na história de nosso entrevistado, que refletem uma busca e encontro da identidade e de sua existência atrelados à sua profissão:

Na tradição celta, os homens do grande mundo do leste dizem a Dagda: aquele que se veste com o manto toma o aspecto, a forma e o rosto que quer pelo tempo em que o leva sobre si.

[...]

O monge ou a monja, no momento de se retirar do mundo, ao vestir o hábito e pronunciar seus votos, se cobre com um manto ou capa.

[...]

Vestir o manto é sinal da escolha da Sabedoria (o manto do filósofo). É também assumir uma dignidade, uma função, um papel, de que a capa ou o manto é emblema.<sup>127</sup>

O **Avental** não é propriamente uma **roupa**, como um terno. Ele apenas é uma **capa** que você coloca sobre si mesmo. Assim você não se despersonaliza e constrói para si outro status. Dessa forma, você não propriamente se transforma, estabelece um contato com elementos transcendentais: como se fosse uma ponte que nos liga ao outro universo, um fio que nos enlaça.

Nosso entrevistado atrelou-se tanto à nova condição, que conta ter negado uma proposta irrecusável de emprego, demonstrando para nós o valor que dá ao magistério:

---

<sup>127</sup> CHEVALIER, 1982, pp. 588, 589.

[...] depois de um tempo eu não queria mais sair, eu gostei ... aí teve até uma época eu me lembro que uma mulher me ligou de Campinas, perguntando se me interessava trabalhar lá em Campinas eu falei:

“Não ...”

“Mas você não quer ouvir o salário, o salário é compensador, viu ?”

“Olha se o salário for menos que (aí eu falei um número absurdo né) eu sei que não vale a pena mesmo.”

“Olha, não é maior que isso, mas tá quase lá”

ENTREVISTADOR – Nossa !!!!

ENTREVISTADO – Eu falei, ô loco, cara não é possível, eu falei um salário assim absurdo assim tipo vinte pau, por menos de vinte pau eu não vou nem ver o que é aí ela falou:

“Não é mais que vinte mas tá quase lá, tá bem perto desse valor que você quer aí”

Eu pensei, pô, não é possível cara, aí, mas a mulher começou a falar o que que era, não falou o nome da empresa mas falou o que que era ela falou assim:

“Não, você vai ter carro da empresa, também ...”

Só que eu ia ter que ir para Campinas todo dia, ou morar lá, mas eu falei ahh, que saber, eu tinha acabado de casar, eu falei ah não aí eu falei:

“Oh, obrigado, não quero ...”

### 6.3.4 O FIO E A PORTA

Tornar-se professor não foi uma tarefa fácil para nosso entrevistado, principalmente por conta do país em que vive e da falta de valorização atualmente dada para essa profissão. Quando perguntado se houve alguma pessoa que o aconselhou ou o incentivou a fazer essa mudança de profissão em sua vida, respondeu:

*Ninguém ... ninguém me aconselhou, aliás, pelo contrário, eu tive muito mais gente descendo a lenha em mim do que me aconselhando nisso aí, não vou dizer para você que eu só tomei porrada, não é verdade, por exemplo, quando eu falei para a minha esposa que eu ia trabalhar aqui, minha esposa disse:*

*“Mas você vai virar professor?”*

*Porque, quer queira, quer não, a palavra professor, ela virou pejorativa no Brasil.*

*“Mas você vai virar professor? Você é engenheiro, você não é professor!”*

Não deve ser nem um pouco confortável escutar isso da própria esposa por vários motivos, que costumam trazer insegurança a nós:

- troca de emprego;
- troca de profissão;
- parte financeira, uma vez que já estava casado;
- na profissão escolhida: Professor.
- deixar a profissão antiga: Engenheiro (profissão hoje em dia muito mais valorizada que a de Professor).

Isso fez com que ele mesmo se sentisse preocupado pela decisão tomada e, apesar de notar que tivesse acertado, apesar de verificar o sucesso pela tomada de decisão, ainda assim sentia em si rumores de que não tivesse tomado a decisão correta:

*eu ainda ficava um pouco preocupado com algumas coisas que eu nem sabia o que era e eu ficava tentando descobrir qual era a causa daquilo, por que que eu tô tenso? Por que eu eu tô preocupado? O que que é que me incomoda e aí você vai puxando assim aquela linha, você vai puxando, vai puxando, vai puxando, quando você vê, você está preocupado com um problema que não existe mais, não existia mais para mim então as coisas demoraram um pouco, poucos meses até eu me ambientar legal aqui ...*

Novamente, ao deparar-se com a ansiedade não compreendida, nosso entrevistado apela ao regime de imagens a fim de explicar para nós e, conseqüentemente, explicar-se para si, o que ocorreu dentro de suas buscas: “*ai você vai puxando assim aquela linha, você vai puxando, vai puxando, vai puxando, quando você vê, você está preocupado com um problema que não existe mais.*”

Que **linha** é essa?

O simbolismo do fio é essencialmente o do agente que liga todos os estados da existência entre si, e ao seu Princípio.<sup>128</sup>

Compreender-se-iam certas funções dos mitos. Assim, se nos permitem jogar com as palavras, podemos dizer que o fio de Ariadne é o fio do discurso. Ele é da ordem do sonho narrado. É um fio de volta.<sup>129</sup>

A matéria-prima para o seu fio de linho foi colhida nos campos da imaginação humana. Séculos de agricultura, décadas de diligente seleção e o trabalho de numerosos corações e mãos entraram na colheita, na separação e na fiação desse fio resistente.<sup>130</sup>

Não nos esqueçamos que é com uma **linha** que tecemos nossa **capa**, nosso **avental** de professor. A linha é a busca intrínseca da coisa em si. No final dessa linha, ele chegou à conclusão de que não havia motivos para preocupação, ou seja, essa preocupação era **de fora** era falsa, estava ligada a preconceitos e a estereótipos.

Quando lhe foi perguntado:

- O que é ser um bom professor?

Ele utilizou essa **alienação** como uma das marcas do contrário do **bom professor**.

*Ser bom professor vai muito do perfil de quem está do outro lado, às vezes você se acha um bom professor porque você tem os seus valores e você está querendo ir a favor dos seus valores, mas se os valores do cara que está sentado do outro lado do balcão não forem parecidos com os seus, ele vai olhar para você e vai pensar: - esse cara é uma bosta!*

<sup>128</sup> CHEVALIER, 1982, p. 431.

<sup>129</sup> BACHELARD, 2003, p. 165.

<sup>130</sup> CAMPBELL, 2007, p.31.

Cabe aqui uma interessante discussão.

Procuramos a nossa própria essência, para tanto, há um longo caminho de escolhas, de chamados e de provas. Nosso entrevistado trilhou seu caminho, enfrentou desafios e encontrou-se em uma profissão. Profissão essa que possui como elemento mais intrínseco o auxílio ao outro na busca de suas escolhas íntimas e particulares: *mostrar para o aluno que possui vários caminhos e escolhas e se ele conseguir achar uma que esteja de acordo com ele, você atingiu seu objetivo.*

Eis, então, descrito o bom professor:

*mas eu acho que se você conseguir estimular o cara a enxergar as coisas por diferentes tópicos de tal maneira que você abra um leque de opções para ele: -Ah. Eu não consigo enxergar aqui, mas eu consigo enxergar assim. Ótimo, então, você, pelo menos mostrou para ele que tem vários caminhos e que tem escolhas e se ele conseguir achar uma que esteja de acordo com ele, você atingiu seu objetivo, você conseguiu fazer com que ele se virasse com as ferramentas que ele tem e ele conseguiu enxergar isso através de você, então você abre portas para o cara chegar onde ele quer.*

A porta se abre sobre um mistério. Mas ela tem um valor dinâmico, psicológico; pois não somente indica uma passagem, mas convida a atravessá-la. É o convite à viagem rumo a um além.<sup>131</sup>

Temos aqui uma das mais belas acepções do **mestre**, pois, nosso entrevistado, sem dizer uma só vez a palavra **mestre**, sem discutir a questão **aprendiz/tutor**, sem se utilizar de teorias pré-concebidas; reconstrói a imagem do **mestre** usando a experiência prática de sua própria vida.

Nela ele se dispôs a procurar caminhos, ambientes e vestimentas que refletissem suas próprias escolhas, sua própria essência, algo que ele se dispõe a fazer com seus alunos: cada um descobrir o caminho em que a matemática lhe faça sentido, já que existem vários e, assim, possa descobrir-se na matemática, ou seja, ser ele mesmo, seguir sua própria essência, não se prostituir.

---

<sup>131</sup> CHEVALIER, 1982, p. 735.

*é você ir a favor dos teus valores é você não se prostituir e você não se vender não no sentido de a gente, todo mundo aqui se vende porque a gente vende a nossa força de trabalho, mas você não se trair, não trair as suas convicções em prol simplesmente do que : - Eu preciso trabalhar. Então se o cara me mandar imitar uma galinha eu vou imitar uma galinha mesmo achando isso ridículo, não se você se sente à vontade imitando galinha e acha que isso faz parte da aula, e tem um contexto super didático, ótimo, faça isso, os caras vão adorar, talvez alguns não gostem, mas no geral sempre vão gostar.*

Ao terminar a entrevista, desligado o microfone, imaginei não ter encontrado a imagem do **Quiron** curando-se da própria ferida a partir da profissão, imagem encontrada nos dois professores entrevistados anteriormente. No entanto, informalmente, discutimos um pouco acerca da matemática da vida do entrevistado e descobri que a Matemática era a matéria que ele mais possuía dificuldade na escola, eis aí **Quiron** novamente: nada melhor que termos como professor de Matemática um aluno que teve dificuldades em Matemática, assim os fios, as pontes e as portas estarão sempre tecidos, construídos e abertos.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pedimos a alguém que nos conte a história de sua vida, a pessoa fará uma interpretação que possui de si mesma e do lugar que ocupa no mundo. Surge, dessa forma, tanto uma organização lógico-discursiva perfeitamente cognoscível aos ouvidos da razão, quanto uma produção simbólica de si mesmo, em que a pessoa se reinventa metaforicamente.

O mais curioso e interessante desse processo de reinvenção simbólica encontra-se na constatação de que quanto mais nos particularizamos, mais nos coletivizamos; pois até nossas manifestações mais íntimas, únicas e instintivas nasceram de nossa memória coletiva, de nosso contato com o outro.

Sendo assim, na nossa identidade encontramos os outros, percebemos os outros, da mesma forma que, quando vemos a identidade dos outros, percebemo-nos. O homem é produto de encontro, ou como diria o poeinha: *A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida.*<sup>132</sup>

O encontro é a **alteridade**, o desencontro é a **alienação**.

Foi assim nesse trabalho: encontrei-me nos entrevistados e os entrevistados se encontraram. Nossas experiências pessoais encontraram-se com experiências coletivas primordiais num complexo de imagens, mitos e arquétipos. Dessa forma, criamos nossa existência a partir da história que contamos sobre nossa vida.

Um exemplo disso é como nas três entrevistas deparamo-nos com o mito de Quiron, o Centauro ferido, que se dispõe a curar a ferida dos outros: os dois primeiros entrevistados contam-se como pessoas que sofriam na escola, já o terceiro, alguém que sofria com a matemática; eu particularmente, sempre gostei da escola e nunca achei esse mito em mim, até que passei a me observar nas minhas aulas e me vi tentando orientar meus alunos como se fosse pai deles, o pai ausente, que perdi com quinze anos.

---

<sup>132</sup> MORAES, 1998, p. 808.



O segundo ponto de encontro foi a percepção de que os ensinamentos implícitos que encontramos nas entrevistas demonstram como cada um observa sua própria existência e faz de certas máximas caminhos para a própria vida.

O primeiro entrevistado experimenta o mundo pela organização:

*Eu acho que eu tenho uma tendência a gostar de teoria, né, essa coisa de você poder organizar o mundo...(NARRATIVA A)*

O segundo entrevistado vivencia o mundo pelo pioneirismo, desbravamento de caminhos:

*Durante minha vida, eu sempre tive uma coisa de ser o pioneiro, o primeiro peloão que entra na mata fechada, sou sempre eu, então, assim, eu vou lá, com a peixeira, abro o caminho, reconheço o ambiente, faço o levantamento, volto e falo, podemos ir... (NARRATIVA B)*

O terceiro entrevistado percebe o mundo na busca de encontro consigo mesmo, com seus valores:

*Você ir a favor dos seus valores, você não se prostituir, é você não se vender. (NARRATIVA C)*

Encontramos três pessoas, nas suas histórias de vida, contando como experienciam suas próprias essências, no entanto, aqui não descobrimos os **professores**, os **mestres**. Eles surgem quando suas máximas e modelos de vida estão integrados com o que eles dizem a seus alunos, estão integrados com a forma pela qual a matéria de sala é passada, como exemplo de sala é dado.

O verdadeiro **mestre** ensina o que é, é esse o ensinamento.

O primeiro entrevistado ensina Gramática como um processo de organização teórica do mundo; o segundo ensina na Física uma forma de desbravar caminhos, forma lúdica e feliz, valorizando o lado criança do aluno; o terceiro ensina Matemática como uma pluralidade de caminhos a serem escolhidos e, dentre eles, o aluno escolhe um, que reflete sua individualidade, seus valores.

A Professora Doutora Lúcia Isaltina Clemente Leão fez um comentário extremamente interessante durante a arguição da dissertação. Nele, ela percebeu as três narrativas como um ciclo: saímos do **caos** ao **kosmos** (procura da organização do primeiro entrevistado), o desbravamento (segundo entrevistado) e o retorno ao caos na busca de novos caminhos (terceiro entrevistado).

Mais que encontrarmos justificativas na relação entre as narrativas em si, cabe-nos analisarmos os sentidos que damos a elas, tal qual nos mostra a **Jornada Interpretativa** já esboçada neste trabalho. Dessa forma, fazermos das três histórias apenas uma história cíclica, termina de coroar essa nossa proposta de encontro com o **outro**.

Outro ponto interessante a ser levantado é que, nas duas primeiras entrevistas, há a mesma preocupação: perdermos a medida (**métron**), a **Hybris**. Extrapolamos assim nossa essência quando nos esquecemos de nos deslumbrar com nossa verdadeira função no existir e passamos a nos deslumbrar conosco apenas. Na verdade, esse é o caminho da **alienação**, da perda de identidade, pois, ao nos considerarmos especiais e diferentes dos outros, passamos a nos esquecer de que nós somos os outros, acabamos, assim, distanciando-nos de nós mesmos.

Há uma canção de Chico Buarque de Holanda, que constrói tal imagem:

Já te vejo brincando, gostando de ser  
 Tua sombra a se multiplicar  
 Nos teus olhos também posso ver  
 As vitrines te vendo passar  
 Na galeria, cada clarão  
 É como um dia depois de outro dia  
 Abrindo um salão  
 Passas em exposição  
 Passas sem ver teu vigia  
 Catando a poesia  
 Que entornas no chão.<sup>133</sup>

---

<sup>133</sup> BUARQUE, 1981.

Da mesma forma que a árvore não come os frutos que produz, o mestre não necessita que os louros de seus alunos venham para si, não por humildade, mas porque, simplesmente, não os merece. Caso esse professor insista em acreditar que os louros são seus, passa a viver a mentira, o estereótipo, a patologia da maestria: passa a admirar a própria sombra, a gostar de ser a própria sombra, como Aristarco no **Ateneu**, admirando o próprio busto. Dessa forma, a poesia entorna-se e a queda é apenas uma questão de tempo:

*Ele queria dar uma puta aula, isso era por orgulho, pela autoestima dele, ele gostaria que o público gostasse, o público não gostava e aí ele se alienava. (NARRATIVA A)*

*Eu me achava O CARA ... eu fazia sucesso, era bonitinho, dava aula bem, sabe, e eu achava que era intocável, por causa disso, que podia faltar, que podia atrasar ... (NARRATIVA B)*

*o chão abriu, eu pensei nossa, e agora ... (NARRATIVA B)*

O terceiro entrevistado não cita necessariamente a questão da **Hybris**, mas aponta caminhos de saída dela a partir da consciência do que é ser professor:

*Se ele (o aluno) achar alguma coisa que esteja de acordo com ele, você atingiu seu objetivo, você conseguiu fazer com que ele se virasse com as ferramentas que ele tem e ele conseguiu enxergar isso através de você, então você abre as portas para o cara chegar onde ele quer. (NARRATIVA C)*

Eu, como professor, devo atingir minha plenitude quando o aluno atinge a plenitude dele. Essa é a melhor forma de escaparmos da **Hybris**.

Ao refletir isso na minha vida, penso que, no fundo, não **sou** professor, **estou** professor, **fico** professor de vez em quando, visto um hábito sacro, em que **me** exerço **outro** e onde passo a existir e a ficar de bem comigo. De certa forma, trata-se de uma identidade temporária que é construída ao longo do tempo, tanto a partir de processos inconscientes quanto pela percepção do **outro**, pela resposta social, enfim, pela experiência.

Este trabalho, com os seus jogos e espelhos, fez com que eu me visse no **outro**, ou melhor, com que eu percebesse que não há tanta distância entre nós, fez com que eu aprendesse com meus alunos, meus melhores professores: eu recebo, de vez e quando, uma honra dada a mim por alguns deles, a honra de assumir um papel que completa minha vida naquele momento, não é nada meu, não é nada do outro, é **nosso**, algo que só atinge a essência quando conjugado na primeira pessoa do plural. Exercemos, em algum momento, a efetiva condição da humanidade, humanizamo-nos com nosso ofício sagrado, aqui está também nosso heroísmo.

A partir daí, poderíamos refletir sobre a seguinte questão:

-Será que resolveremos o problema da Educação no país apenas aumentando o salário dos professores e lhes dando uma infraestrutura melhor?

Tudo indica que isso ajudaria muito, todavia, não solucionaria por completo o problema da alienação com os princípios antigos da própria profissão, da distância para com os alunos, da falta de percepção para com o outro.

Para que, efetivamente, ocorra uma transformação, há que se refletir sobre quais são os princípios de Educação que esperamos, sobre o que esperamos de nossos alunos e de nossos professores e, principalmente, sobre como compreender a identidade do professor na contemporaneidade.

Hoje em dia, algumas empresas já possuem a consciência de que apenas o saber tecnológico não basta para um bom funcionário, ele precisa também de um saber sensível, da percepção do outro, de vínculos de confiança consigo mesmo e com sua própria profissão: não basta trabalhar, é preciso viver o próprio trabalho, existir-se diante dele.

Como fazer isso?

Nada melhor que escrever sobre o assunto, que permitir com que as histórias de vida das pessoas perpassem do mais velho ao mais moço com respeito e admiração, que a tradição e o conhecimento não fiquem apenas encarcerados em papéis ou esquemas prontos.

Não há fórmulas prontas, há única fórmula é que o leitor descubra a sua própria fórmula e consiga passar aos outros essa busca.

## 8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um Sargento de Milícias**. São Paulo: Click, [s.d.] 173p.

ANDERY, Maria Amália Pie Adib et alii. **Para compreender a ciência: uma perspectiva Histórica**. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1989. 436p.

ANDRADE, Mario de. **Macunaíma**. São Paulo: Click, [s.d.] . 175p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Campo de Flores in: **Claro Enigma**. Rio de Janeiro: Record, 1996. 127p.

ASSIS, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas in: **Machado de Assis – Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. V. 1. 1214p.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 205p.

\_\_\_\_\_. **A Terra e os Devaneios do Repouso – Ensaio sobre as imagens da intimidade**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 256p.

BARTHES, Roland. O Vestuário Escrito in: **Sistema da Moda**. Tradução Lineide do Lago Salvador Mosca. São Paulo: Editora Nacional/EDUSP, 1979. 301p.

\_\_\_\_\_. A significação in: **Elementos de Semiologia**. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1977. 116p.

BOARETTO, Rita Maria Macedo Lima. **Os Cantos e a Sedução: do desencanto às formas de re-encantamento na Escola Pública**. São Paulo, 2003. (Dissertação de Mestrado em Educação – Departamento de Cultura, Organização e Educação da Faculdade Educação da Universidade de São Paulo). 108p.

**Bhagavad Gita**. Tradução Rogerio Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 221p.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. Volume I. 405p.

\_\_\_\_\_. **Mitologia Grega**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. Volume II. 335p.

\_\_\_\_\_. **Mitologia Grega**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. Volume III. 407 p.

**Brihadaranyaka Upanishad IV 4.5** apud in: **Pensador. INFO**. Disponível em <http://www.pensador.info/>, 2010.

BUARQUE, Chico. As vitrines in **Almanaque**. Rio de Janeiro: Ariola, 1981.

CAMÕES, Luiz Vaz de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Melhoramentos, 1957. 401p.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. Tradução Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Associação Palas Athena, 2009. 242p.

\_\_\_\_\_, Joseph. **O Herói de Mil faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007. 414p.

CARONTINI, Enrico et alii. A Língua e a Fala. In: **O Projeto Semiótico**. Tradução Alceu Dias Lima. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1979. 134p.

CARVALHO, Letícia Lopes de. A ciência: um possível caminho. **Hermes**. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae. Número 4. pp 75-84. Ano 1999. 122p.

CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Tradução Vera da Costa e Silva et alli. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. 995p.

DIAS, Gonçalves. Deprecação in: **Rua da Poesia**. Disponível em <http://www.ruadapoesia.com/content/view/139/45/>, 2009.

DICIONÁRIO ESCOLAR DA LÍNGUA PORTUGUESA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1964. Tradução: Carlos Aboim de Brito. 111p.

\_\_\_\_\_. **O Imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Tradução: René Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004. 122p.

\_\_\_\_\_. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. Tradução: Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fonte, 2002. 551p.

ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**. Tradução José Antonio Ceshin. São Paulo: Mercuryo, 1992. 175p.

FERNANDES, Reynaldo e GREMAUD, Amaury. Qualidade da Educação: avaliação, indicadores e meta. in: **Seminário Metas da Educação**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009. Disponível em : <http://www.fgv.br/cps/metas>.

FERREIRA SANTOS, Marcos. O Espaço Crepuscular: Mitohermenêutica e Jornada Interpretativa em Cidades Históricas in: **Ritmos do Imaginário**. (org. ROCHA PITTA, Danielle Perio). Recife: Editora Universitária UFPE, 2005, 209p.

\_\_\_\_\_. **Crepusculário**. São Paulo: Zouk, 2005-A. 207p.

FELICIO, Vera Lucia G. **A imaginação simbólica**. São Paulo: EDUSP, 1994.140p.

FORSYTH, Frederick. **O dia do Chacal**. Tradução Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1974. 442p.

GIBRAN, Os mais belos pensamentos de Gibran. Seleção e Tradução de Mansour Challita. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, s.d. 111p.

GOGH, Vincent Van. **O escolar (O Filho do Carteiro – Gamin au Képi)**. 1888 Pintura em óleo sobre tela número 112 P. disponível em : [http://www.masp.art.br/masp2010/acervo\\_detalheobra.php?id=279](http://www.masp.art.br/masp2010/acervo_detalheobra.php?id=279).

GONZAGA JÚNIOR, Luiz. Um homem também chora (Guerreiro Menino) In: **Alô Alô Brasil**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1983.

GUTHIRE, W.K.C . Protágoras in: **Os Sofistas**. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995. 240p.

GUSDORF, Georges. **Professores para quê? Para uma Pedagogia da Pedagogia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Tradução M.F. 257p.

HENDERSON, Joseph L. Heróis e Fabricantes de Heróis. In: JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Tradução. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964. 316p.

HJELMSLEV, Louis. Expressão e Conteúdo in: **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1975. 147p.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2007. 503p.

\_\_\_\_\_. **Odisséia**. Tradução Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1993. 223p.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922p.

IANNI, Octavio. **A metáfora da viagem**. São Paulo: Cultura Vozes, v.90 n.2. março/abril.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação do Brasil. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/>. Acesso em: 03 de janeiro de 2010.

JAKOBSON, Roman. Os pólos metafórico e metonímico. In: **Linguística e Comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1995. 162p.

JOYCE, James. **Finnegans wake**. New York: Viking Press, 1939. Apud CAMPBELL, Joseph. O Herói e o Deus. In: **O Herói de Mil Faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.

JUNG, Carl Gustav. A importância dos sonhos. In: **O Homem e seus Símbolos**. Tradução. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. 316p.



\_\_\_\_\_. **Fundamentos da Psicologia Analítica**. Tradução Araceli Elman. Rio de Janeiro: Vozes, 1989. 177p.

\_\_\_\_\_. Instinto e Inconsciente. In: **A natureza da psique**. Tradução. Padre Dom Mateus Ramalho Rocha. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. 402p.

KRISTEVA, Júlia. **História da linguagem**. Tradução Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1969. 375p.

LISPECTOR, Clarice. Os Desastres e Sofia. In: **Legião Estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 100p.

\_\_\_\_\_. **A Paixão Segundo G.H.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

LOPES, Edward. O “Quadrado Lógico” (Semiótico) de Greimas e Rastier in: **Fundamentos da Lingüística Contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1995. 346p.

MARTINS, Geraldo Vicente. **Semiótica e Imaginário: Caminhos Convergentes para a apreensão do(s) sentido(s)**. São Paulo, 2006. (Tese de Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral – Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo). 119p.

MEIHY, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. **História Oral – Como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007. 175p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O entrelaçamento – o quiasma in: **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MOISÉS, Massaud. Luís Vaz de Camões in: **A literatura portuguesa através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1997. 575p.

MORAES, Vinicius de. Samba da Bênção in: **Poesia Completa e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. 1571p.

NIMUENDAJÚ, Curt. Habitação dos Timbira in: **Leituras de Etnologia Brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. 527p.

PAULA CARVALHO, José Carlos de. **Imaginário e Mitodologia: Hermenêutica dos Símbolos e Estórias da Vida**. Londrina: Editora UEL, 1998. 409p.

PESSANHA, Camilo. **Clepsidra**. São Paulo: Núcleo, 1989. 80p.

PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960. 814p.

POIRIER, Jean et alii. A história de vida. In: **Histórias de Vida**. Tradução João Quintela. S.l.: Celta, 1999. 454p.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Click, s.d. 175p.

PRAMAD, Veet. **Curso de Tarô**. 1992. Texto Mimeografado. 350p.

RICOEUR, P. **Le conflit des interprétations: essais d'herméneutique**. Paris, Seuil, 1969.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 560p.

\_\_\_\_\_. O espelho. In: **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 160p.

RUBIO, Katia. **O imaginário esportivo contemporâneo: o atleta e o mito do herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 225p.

RUBIRA, Fabiana de Pontes. **Contar e ouvir estórias: um diálogo de coração para coração acordando imagens**. São Paulo: 2006. (Dissertação de Mestrado Educação – Departamento de Cultura, Organização e Educação da Faculdade Educação da Universidade de São Paulo). 241p.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **Dom Quixote**. Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Nova Cultural, 1993. 604p.

SAIANI, Cláudio. O arquétipo do professor/aluno in: **Jung e a Educação: Uma análise da relação professor/aluno**. São Paulo: Escrituras, 2003. 210p.

SAMPAIO, Teodoro. **O Tupi na Geografia Nacional**. São Paulo: Editora Nacional, 1987. 359p.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995. 279p.

SIMONINHA, Wilson. É bom andar a pé. in: **Melhor**. São Paulo: Brazil Musica, 2008.

STRÔNGOLI, Maria Thereza de Queiroz Guimarães. Língua, imaginário e narratividade in: **Imaginário, Cultura e Educação**. São Paulo: Plêiade, 1999. 203p.  
TAGORE, Rabindranath, **Pássaros Feridos**. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulinas, 1991.

WHITMONT, Edward C. A Abordagem Simbólica. in: **A Busca do Símbolo: Conceitos Básicos de Psicologia Analítica**. Tradução Eliane Fittipaldi Pereira e Kátia Maria Orberg. São Paulo: Cultrix, 1995. 301p.

## 9. ANEXOS

### 9.1 ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma.

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: MESTRES E HERÓIS: MITOHERMENÊUTICA DA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DE PROFESSORES

Pesquisador Responsável : Antônio Roberto Giraldes

Telefone para contato : XX-XXXXXXXX

Orientador Responsável: Professora Doutora Katia Rubio

◆ O objetivo da pesquisa é compreender como se constrói a identidade do Professor a partir de seu universo simbólico.

◆ A metodologia da pesquisa será a análise de entrevistas de histórias de vida. Cabe salientar que haverá sigilo total em relação ao entrevistado, ou seja, qualquer expressão que possa mostrar a identidade do entrevistado ou a identidade das instituições que trabalhou será excluída da transcrição.

◆ Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_

#### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, \_\_\_\_\_, RG: \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo: MESTRES E HERÓIS: MITOHERMENÊUTICA DA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DE PROFESSORES, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador Antônio Roberto Giraldes sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data \_\_\_\_\_

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável: \_\_\_\_\_

## 9.2 ANEXO 2 – NARRATIVA A

*ENTREVISTADO - ( ) Minha relação com a escola sempre foi um tanto quanto traumática eu não gostava de escola, eu tinha um sentimento de ser abandonado lá que a minha mãe me deixaria lá e não me iria buscar me lembro até hoje de cenas, eu gritando assim em torno da grade ela indo embora, em uma idade que já não era mais para fazer isso porque eu lembro que meus colegas não faziam, né, aí porque isso, não, talvez por causa de minha história familiar de fato: não tenho pai...*

*ENTREVISTADOR Isso foi com quantos anos?*

*ENTREVISTADO – Ahh ... Isso ... ainda ... olha ... As reações mais histéricas elas datam da ... do jardim da infância, eu me lembro claramente...*

*ENTREVISTADOR Pequeninho...*

*ENTREVISTADO – Pequeninho ... era uma coisa que ... não era a questão da escola, era o medo de ser abandonado, lembro quando meu padrinho me pegava, ia fazer compra em algum lugar, ele me deixava no carro, ia fazer compra e eu ficava no carro( ... ) mas se ele demorasse muito, tinha a sensação automática de estar sendo abandonado, aí ficava fazendo planos de como eu faria para voltar para casa, de que eu ia vender o carro vender...e essa questão dura até o momento em que eu consigo já ter, saber me locomover no espaço, quer dizer, consigo pegar ônibus, porque, prá você ter uma ideia, até a segunda série portanto eu aí estou falando uma coisa de, por volta de nove anos, ainda tinha, ou mais até, foi até a terceira série, como andar sozinho para a escola, quando eu saía da escola, eu não via esse problema de chegar, mas quando eu saía e não via ninguém, eu tinha medo que , que tinha sido abandonado, essa questão era motivo de chacota por parte do professor,mas é uma questão, realmente, é interna, porque eu tive uma história familiar um tanto quanto tumultuada, não tinha a figura de pai, enfim, mas, enfim, então a minha relação com a escola não era muito agradável, eu nunca gostei muito de escola isso toda minha vida escolar ... e até tem um quadro do do Van Gogh no MASP que é o filho do carteiro que (...) idade (...) o escolar, ele está com o rosto crispado, que parece uma sensação de dor da uma sensação de dor e quando eu vi eu falei, nossa me dá uma sensação de incômodo frente a situação escolar que me lembra a mim ... ahh ... aí (...) transferências foram feitas, eu sou muito tímido, quer dizer, novamente criar um círculo de amigos, ser aceito, isso tudo fez com que eu tivesse uma situação não muito de dedicação, agora o curioso é que ... eu acho que eu tenho uma tendência a gostar de teoria, né essa coisa de você poder organizar o mundo, com algumas, algumas, alguns esquemas, ou algumas coisas me seduzem muito... ehh ... eu lembro que primeiro eu tive um pequeno fervor religioso quando caiu nas minhas mãos uma bíblia de testemunha de Jeová, eu achava aquilo o máximo, né, porque, então tem Deus, as coisas funcionam desse jeito, e como eu tinha uma família que não havia uma educação de formação, desses princípios então, aquilo veio ocupar o espaço, mas, por incrível que pareça, na quinta série, ao descobrir a teoria atômica de Dalton, eu fiquei fascinado com aquilo, nossa, então, tudo o que existe aqui, essa diversidade, se resume a alguns elementos que combinados formam tudo...*

*ENTREVISTADOR – Química...*

*ENTREVISTADO – Química era aula de ciências, então tinha ahh ... o começo de química então tinha essa questão da teoria atômica então, é, eu não sei porque, mas na quinta série isso causou um impacto muito grande, achei muito interessante.*

*ENTREVISTADOR – Foi a teoria atômica e essa teoria atômica tinha relação com alguma pessoa ahh... algum professor ...*

*ENTREVISTADO – Então, havia um professor que, o professor era o professor ... (trecho retirado para evitar identificação) era um professor já antigo que de uma época da escola ainda áurea de bons professores, porque eu estudei no Estado, eu só estudei em escola particular no final da minha vida éhh ... escolar ... mas ele era uma figura muito conservadora ehh ... muito disciplinador ... um bom professor ... né ... mas eu tive problemas com ele no começo porque eu era muito irrequieto, eu sou muito estabonado e então eu lembrei ( ...) por causa da roupa que eu estava utilizando ia com a mesma roupa para o colégio à tarde, chegava sujo e tal...*

ENTREVISTADOR- *Quinta-série isso...*

ENTREVISTADO – *Isso quinta-série, foi quando eu tive contato com ele pela primeira vez ... então os primeiros contatos não foram tão ... interessantes, mas aí eu acho que ele me lançou um desafio, que ele falou assim, olha, vai ter prova e eu acho que você, você, você, você não irão bem na prova e eu era uma das pessoas que tava lá e eu (...) fiquei meio puto né e aí acabei estudando, então eu não sei exatamente o que foi que levou ao que ...*

ENTREVISTADOR – *O desafio era que não ia bem ou que ia bem?*

ENTREVISTADO – *Que não iria bem.*

ENTREVISTADOR – *Que não iria bem.*

ENTREVISTADO – *Porque eu não era um bom aluno,(...) eu era irrequieto. (...) como ele era um professor disciplinador e conteudista, né, então ele já supôs que havia alguns alunos que pelo comportamento demonstrado (...) eu e o (trecho retirado para evitar identificação) que era um colega que eu tinha a gente não a gente vai estudar pra ir muito bem na prova, o (trecho retirado para evitar identificação) não estudou mas eu estudei, e eu fui bem, tirei dez na prova, uma nota surpreendente química (...) ... então eu fui bem na prova e claro que isso mexeu com o meu ego ... né ... porque houve uma certa aclamação da parte dos alunos (...), então eu não sei o que precede o que, se foi na verdade o fascínio pelo saber em si ou se foi (...) em termos de respeito e a admiração com essa nota, ínfima, né, quer dizer, uma realização pequena mas por um lado eu tive muito a sério, é alguma coisa porque eu acho que foi a única nota dez, enfim (...) ah ... porque no fundamental eu não era um aluno de destaque, eu lembro que a professora dava, sempre um brinquedinho para quem ia bem no ditado e eu nunca ganhei a porra do brinquedinho e eu ficava muito chateado porque eu gostava do brinquedinho, na época eu queria ir bem assim eu gostava do brinquedinho, (...) ... então ... mais ... ehh ... mas havia, (...) não sei, embora, eu seja muito indisciplinado talvez até por isso há uma demanda por organização muito forte, eu lembro que um garoto também tinha um relóginho de plástico de brinquedo que mostrava, em vez de as horas, mostravas as atividades do dia, um garoto rezando, um garoto almoçando, eu achei aquilo o máximo, né porque, nossa imaginei a vida toda regradinha, a minha, pela questão da família era tudo um caos, não tinha hora certa para nada, enfim, mas a teoria atômica trouxe a questão da...*

ENTREVISTADOR – *Organização...*

ENTREVISTADO – *De que o mundo tem uma lógica, né, não é uma coisa ... e isso afetou minha fé incipiente, tava crescendo ali porque tava vendo, mas como, Deus não fala de átomo?... Né fala da criação mas não fala dessas coisas então ha pequeno problema ali e eu tive uma pequena crise religiosa (...) Aí tinha medo de ser castigado e tudo por conta própria não havia nenhuma mãe me guiando ninguém me educou com uma educação religiosa e o professor tinha um contato mas não um contato muito forte, mas seja como for eu acabei ficando muito amigo desse professor então acabei estudando muito aqui porque eu tenho irmãos muito mais velhos do que eu, tem muito livro didático aqui então eu acabei estudando, então, eu pesquisava (...) mas aí começou então na quinta-série uma coisa que era ausente antes, que era um apreço pelo conhecimento, eu achava aquilo interessante, eu (...) imaginava que eu seria químico, que ia fazer química (...) bom ... minha vida escolar é tumultuada, eu depois comecei a trabalhar, fui estudar à noite, o colégio tinha muitas pessoas barra pesada, e tudo o mais, sempre fui um aluno de destaque mas nada assim brilhante, mas não é difícil você conseguir ir bem em colégio de estado, mas aí surgiu uma figura, se o (nome do professor retirado para evitar identificação, porém, é o professor de ciências/química citado antes) foi uma figura que com certeza me marcou, surgiu um professor que me marcou muito mais. Na sétima série, (...) no Estado eu tive professores muito ruins, muito mesmo de não conhecerem a matéria, de não ensinarem, de ficarem fazendo outras coisas um professor de matemática fazia crochê na sala de aula, né, ah ... então, de forma alguma aquilo me tocava, tive um professor curioso, que não dava aula, mas ele instigava alguma coisa em mim porque ele fazia sociais, ele era formado em sociais na USP, ele foi para quebrar um galho para aumentar a renda dele ele não era professor profissionalmente falando mas como ele tinha um conhecimento (...) um professor de História então ele estava ali para ocupar espaço, então ele não dava aula no sentido de ohh nós vamos cumprir esse programa, vamos ver, essa aula, como professor de cursinho faz, né, ter uma aula planejada para poder passar a programação, ele não fazia isso, mas ele falava coisas que me seduziam, eu ficava curioso, né, então ele falava ele foi a primeira pessoa que falou da Inês de Castro para mim que eu desconhecia, a primeira pessoa que falou de Maquiavel, ele colocou aquela frase que é atribuída a Maquiavel ... ah... aquela ...*

ENTREVISTADOR – *Os fins justificam os meios...*

*ENTREVISTADO – Os fins justificam os meios, na verdade não está em Maquiavel, mas enfim, ele colocou essa frase e a gente ficava discutindo, eu ficava surpreso pelo fato de que uma pessoa que eu só tinha visto em televisão, que ele não é, ele era uma pessoa culta mas não era erudito de fato, mas, naquele meio era uma pessoa que se destacava e aquilo eu achava o máximo, achava muito interessante e aí por conta disso eu comecei a ler sobre história, eu tentei ler as mensagens do partido comunista, ah... porque ele era comunista e tudo o mais, a gente tinha discussão sobre ... sobre, política porque como eu tinha essa demanda por organização, eu acabava ficando atraído por regimes totalitários, né ... uma coisa assim e ele obviamente era o oposto mas a gente brincava, ia lá, brigava, mas sempre aquela coisa eu devo muito a ele, e eu sou uma pessoa, eu gosto de quem eu sou e com certeza ele foi uma pessoa que me fez tomar um encaminhamento completamente diferente porque ele me despertou o gosto pelas humanidades porque até então eu pensava em fazer uma coisa na área de exatas, eu estava ainda na...*

*ENTREVISTADOR – Sétima ...*

*ENTREVISTADO – Agora eu já estava na oitava, estava na oitava série ainda, ele surge no colégio, porque eu faço transferência, na sétima série,(...) eu peguei uma sala que era a pior sala do colégio, cheio de gente com problemas de violência (...) eu conheci um colega que ...também bastante ... é difícil falar mas vou falar era mais inteligente que em geral os outros e aí a gente começava a discutir sobre coisas e o professor esse pro esse professor de história em geral ele dividia a sala em dois grupos e o meu colega era evangélico na época e eu não era, e eu era ateu,(...) sabe assim tolo, mas enfim ... oitava série né eu era um garoto... bom ... mas aí começou então a ideia de fazer uma coisa ligada à área de humanidades ... ah ... mas naquela época eu queria ser militar ... na época eu queria ser militar, curioso né ... ehh ... por causa dessa questão dessa ...*

*ENTREVISTADOR – Organização...*

*ENTREVISTADO – Organização ... exatamente ... E aí eu lembro que na oitava série eu fui fazer um cursinho preparatório para a academia militar mas aí eu vi o quanto estava aquém do conhecimento que eu deveria ter porque no cursinho (cursinho não citado para evitar identificação) e os alunos que vinham de lá alguns eram de colégios muito bons ... né ... então, nossa não conseguia competir, não dava porque ritmo de cursinho é uma coisa muito avançada e eu não conseguia acompanhar ... eu lembro que eu teve uma prova, que eu fiquei muito mal colocado, uma outra que era mais de ... de raciocínio, mas ... de qualquer maneira ... eu não estava muito bem ... e eu desisto muito fácil, ... então aconteceu que eu acabei saindo e eu tinha parado o colégio, né, ... então eu parei o colégio, fui fazer ... me frustrei ... parei também e lá fiquei uns três, quatro meses sem estudar, aí começou um período meio negro da minha vida (...)*

*ENTREVISTADOR – Mas você chegou a terminar o ginásio ...*

*ENTREVISTADO – Isso, ... terminei a oitava série é quando eu fui para o colegial porque o que acontece ..) mas aí ficou um vácuo porque eu trabalhava desde a sétima série,... isso me fez estudar à noite, mas o colégio não tinha mais porque o colégio... que tinha eu tinha largado para poder fazer cursinho preparatório, tinha me frustrado no cursinho eu simplesmente ... abri mão ... acabei não fazendo nem uma coisa nem outra e aí ficou um período em que eu fiquei só trabalhando né e aí me envolvi com um pessoal daqui que era um pessoal de classe média que usava droga ... mas levava uma vida meio sem sentido ...*

*ENTREVISTADOR -Porque você trabalhava e...*

*ENTREVISTADO – (...) Trabalhava em farmácia como balconista, então ... não é nenhuma carreira isso mas aí veio o período militar em que eu fui voluntário ... servi o exército lá em Brasília e aí já voltou essa questão de fazer alguma na área de humanidades e tudo o mais e por um problema que eu tinha no quartel minha carreira militar estava encerrada ... então quando eu dou baixa fui voltar a fazer o colegial aí já fui com a intenção de fazer filosofia, a ideia era essa, fazer filosofia ...*

*ENTREVISTADOR – A ideia era fazer filosofia ou era dar aula ou as duas coisas...*

*ENTREVISTADO – As duas coisas, a carreira que mas aula no estado uma carreira na filosofia, uma área, um campo do conhecimento que eu nem conhecia né, que eu nunca tinha contato (...) eu tinha uma ideia do que seria, mas ...*

*ENTREVISTADOR – Isso por influência daquele professor...*

*ENTREVISTADO – Sim ... Porque eu gosto de humanidades, é engraçado, porque ele era formado em sociais mas eu nunca me interessei em fazer ciências sociais ... é uma coisa muito curiosa isso eu logo*

para ... porque me parecia uma coisa mais genérica algo das respostas (...) é, como fala, estatística para chegar a tentar equacionar a filosofia parecia ser uma coisa mais interessante aí ... bom ... fiz um colegial do estado, péssimo (...) porque tirando aquele professor de química que era muito bom que também era um professor que foi para a área de cursinho, saiu, os outros muito ruins em termos de dominar aquilo que era uma coisa que me rustrava muito era isso o professor não sabe, eu tinha uma professora de geografia que se tirava o livro dela ela não dava aula, ela lia para dar aula então, e outra ia lá para fazer atlas, tinha que fazer mapa mundi né e eu no terceiro ano preocupado com vestibular tinha que parar para fazer mapa mundi porque ela tinha que dar uma nota de qualquer jeito então era uma coisa que me incomodava muito eu ficava muito puto da vida com isso ahh ... e eu tive uma professora de português essa foi muito importante também ... ahh ... quando eu fui para o quartel porque eu sabia que eu ia eu queria levar algumas coisas para ler aí eu fui na livraria é ... como é que chama aquela do coquetel a ediouro, você conhece? Na época tinha agora não tem mais livraria ediouro, tinha a editora mas não a livraria pelo menos em São Paulo não tem, lá tinha a série prestígio que eram vários clássicos da literatura brasileira e eu fui lá, imagina, tinha parado na oitava série eu ainda não tinha feito colegial e eu fui lá para escolher alguma coisa para levar para Brasília, só eu não sabia o que escolher para levar então fui escolher aleatoriamente eu não tinha lido nenhum livro do Machado, levei um livro de contos do Machado e levei muita coisa ... então quando eu entrei no colegial e eu comecei a fazer ah... ahh ... fiz o colegial primeiro em particular, foi péssimo e ainda tinha que pagar, assim, era muito ruim e ainda tinha que pagar e aí eu voltei para o estado (...) aí no estado, uma professora de português me impactou muito porque também ela era uma pessoa que não sei porque ela foi dar aula no estado mas logo no ano seguinte ela foi embora também passou num concurso para dar aula num colégio em Brasília e aí foi para lá e ela tinha bastante conhecimento e aí que ela começou a dar aula de literatura aí comecei a sentir porque primeiro ano foi um fiasco aí começou com romantismo e eu lembro, nossa, em uma das primeiras aulas ela mandou a gente levar um poema acho que é deprecação do Gonçalves Dias, analisou o poema ... aquilo ... sabe ... uma coisa interessante eu falei nossa ... eu gostaria de ser como ela assim ...

ENTREVISTADOR – O poema é deprecação ...

ENTREVISTADO – Deprecação, não é poema em si que interessa é a questão de de de pegar um texto literário e analisá-lo, vivenciar aquilo, entendeu?, ter tesão por aquilo...

ENTREVISTADOR – E aí você pensou, puta, gostaria de ...

ENTREVISTADO – (...) Porque ela falou uma coisa que, engraçado, eu lembro de uma coisa, um dado pontual que eu tive no curso dela, que ela falava que ela se sentia uma pessoa realizada, porque uma das coisas que ela queria na vida que era ser professora de literatura ela tinha conseguido ... então .... ela era uma professora muito boa, uma professora muito ... assim ... casada com um professor de educação física e que ela gostava muito dele ... tinha por volta de uns cinquenta anos, tinham filhos e ela não era uma mulher atraente e o professor de educação física tinha muito carinho pela mulher ... eram seres humanos bons, pessoas realizadas e felizes assim ... você sabe que eu nunca pensei tanto nisso ... terminado o colégio eu prestei vestibular passei para filosofia com ... tinha estudado para caramba, tinha estudado muito fora do colégio porque no colégio ahh (...) essa professora eu tive só no segundo ano, no terceiro entrou uma professora muito fraquinha, muito amiga, muito bem intencionada mas muito ... o problema do professor do estado é em geral, pelo amor de Deus há exceções mas o comprometimento com aquilo que eles ensinam é praticamente nulo, quer dizer, parece, parece que eles escolheram uma faculdade por escolher a pessoa é um professor de ciências sem ler uma revista de ciências você é um professor de literatura mas não lê porra nenhuma ... para mim é uma relação de descomprometimento com o saber que no meu caso ...

ENTREVISTADOR – É que nem um burocrata ...um cara que não ...

ENTREVISTADO – É tem uma relação muito epidérmica com aquilo que não é aquilo que não ocupa uma posição que para mim deveria ocupar principalmente alguém da área de humanidades porque humanidades implica porque para mim uma pessoa que assiste bons filmes que lê bons livros que discute, que vai a museu não é só a questão das dificuldades econômicas que eles têm, que também há mas é uma questão de repente eles, aquilo ocupa um espaço pequeno na vida deles, eles vão casar ter filhos e aí o tempo livre deles eu falo por outras questões que não é a questão de sala de aula e como o colégio, o Estado pelo menos não exige que você tenha conhecimento né porque o que eles querem é que você esteja dando aula, mas estar dando aula de fato isso é um outro problema então o que que você tem, você tem alunos que não querem assistir aula, (...) eu lembro que os alunos queriam que o professor contasse história e não desse aula, os alunos não querem ter aula, uma direção que quer que você esteja com os alunos dentro da sala de aula, agora o que você está fazendo lá, desde que não seja



nada escandaloso, tudo bem, se você está dando aula ou se você está brincando então não tem problema nenhum ... então o que acontece o professor acaba não sendo requisitado em termos de conhecimento, (...) como a pessoa não tem uma motivação própria aquilo o toca muito superficialmente, então e aí para mim é muito decepcionante, eu gosto de pessoas que são profissionais né, o dia do chacal é um livro defini ... que mexe comigo porque ele mostra pessoas que são profissionais que o que eles exercem é uma extensão quase que da personalidade deles, você leu o livro?

ENTREVISTADOR- não não ... mas sobre o que fala?

ENTREVISTADO – É um ... um... o presidente de Gaulle enfrentou oposição do pessoal da Argélia, porque ele concedeu a independência da Argélia, senão tinha que aceitar argelino no parlamento francês porque a população da Argélia é muito grande, então ou ele colocava igualdade ou dava independência e ele deu a independência e aí um grupo de oficiais, principalmente da legião estrangeira, se revoltaram e quiseram tirá-lo do poder através de golpe, isso é histórico, agora não conseguiram, aí um grande jornalista decide fazer um romance pensando como seria um expert em assassinatos como é que ele bolaria um esquema para matar o de Gaulle e ele teve que criar o que, um expert em segurança e investigação para neutralizar porque o de Gaulle não foi assassinado no fim das contas então o romance parece um romance policial um romance de de espionagem, espionagem não mas de de de polícia a gente sabe qual é o desfecho, o de Gaulle não vai ser assassinado então para onde tá o interesse da trama, está justamente nas coisas que o cara vai criando para poder tentar chegar lá e é fantástico porque são duas pessoas cerebrais ao extremo ...

ENTREVISTADOR – E o Chacal é o cara que ...

ENTREVISTADO – O Chacal é o codinome do assassino então você tem principalmente no livro, a riqueza de detalhes é um livro que não é alta literatura que as personagens são planas não tem profundidade psicológica, eles não pensam o máximo que o Chacal pensa no livro que eu me lembro é quando a identidade dele fura que ele fala eu estou comprometido com vocês até o momento em que as forças de segurança da França não souberem que há um assassino, isso é o meu trunfo, é a surpresa, se eles descobrirem que há um assassino, eu me considero descompromissado com vocês, ele só vai receber metade do dinheiro então não pode escapar a informação só que a informação escapa a única informação que a França tem é que há um cara chamado Chacal que vai matar o presidente, quer matar o presidente então no momento em que ele viu que a identidade dele furou então ele sai da cidade onde ele está e ele vai para uma via que é uma bifurcação aí ele pensa, no filme que é maravilhoso, o primeiro (...) ele para e pensa assim e agente não sabe no que ele está pensando no livro ele fica imaginando que se ele fizesse esse serviço era a independência dele porque a quantidade de dinheiro que ele ia receber permitiria que ele ficasse o resto da vida sem trabalhar gozando de um padrão de vida excelente, né, de milionário porque ele exigiu uma quantia absurda, eles tiveram que assaltar banco para conseguir juntar o dinheiro então ele fica pensando, pensando, pensando então o que é que ele faz ele vai para o interior da França, porque o caminho, ia para a Itália então ele sairia da França e iria para o interior é o único momento que ele tem uma ... uma ...

ENTREVISTADOR – Mas ir para o interior da França é fazer efetivamente ...

ENTREVISTADO – Exatamente ... mas percebe não é um tipo de questionamento o que eu faço né ... questões morais existenciais passam longe da personagem, são questões práticas ... então o romance ... é um romance plano ... um romance

ENTREVISTADOR – Então, comparando isso que você falou com o professor sério, o profissional é aquele que vai para o interior da França ...

ENTREVISTADO – É, e aí o professor sério que eu falo é aquele que tem profundidade entrar na sua profissão, questionar, o Chacal é, ele me atrai, por ser uma pessoa extremamente organizada e metódica, né agora, eu gostaria que ele pensasse ...

ENTREVISTADOR – Não, não a gente está falando da parte ... está pegando exemplos, então ... o modelo da pessoa que decidiu e ...

ENTREVISTADO – O romancista ele fala o seguinte, o Chacal prevê até as contingências ele procura prever as coisas que podem acontecer (...)

ENTREVISTADOR – Ele se envolve totalmente com a ... com a ...

ENTREVISTADO – Com a atividade que ele está ... no filme ... no livro a gente não conhece a pessoa na sua vida privada como é uma personagem plana e não esférica, a gente não sabe do passado dele se

*ele tem namorada, o que a gente conhece é ver ele atuando como ... ele tem um objetivo e ele vai atrás daquele objetivo até tem uma cena interessante que ele está no hotel então ele seduz uma baronesa aí não sei se é simplesmente para dormir com a baronesa ou para criar uma situação que ele vai utilizar depois quando ele (...) outra identidade então ele vai atrás da baronesa (...) ele quer ganhar o dinheiro para poder curtir uma boa vida uma vida de luxo o ideal dele é esse, então ele vai lá, quando a baronesa descobre ele pega e mata sem nenhum tipo de dor na consciência, destronca o pescoço dela e vai embora como ele está em Paris e novamente ele está perseguido, então ele vai para um banho turco porque com certeza ele vai ser cantado por algum homossexual que vai levá-lo para casa (...) magrinho, esbelto, loiro, olho azul então ele chega lá ele vai receber uma cantada ele vai para a casa do homossexual no livro, no filme, não mostra a coisa sugerida no filme mo., no livro mostra ele saindo todo já, cheio de maquiagem, uma bicha louca e ele passando por uma barreira francesa e aí o cara olha e manda ele seguir aí o outro diz: escuta é para a gente investigar todos os carros esse cara que a gente está procurando dormiu com uma baronesa você acha que ele vai estar aí, nesse carro? E o Chacal está, percebe ... e aí não há um tipo de limite para poder seguir seu plano ... mas enfim ... mas aí a associação é que eu nunca imaginei num professor tão perfeito assim, isso é uma coisa que me seduz em termo de organização ... me admira uma pessoa que conhece o metier ... porque aí ... no filme ... ou no livro ... nos dois na verdade ... o Chacal vai contratar o serviço de uma série de profissionais ... vai contratar um armeiro para fazer uma arma especial ... vai contratar um falsificador de passaporte para fazer o documento ... e todas são pessoas por aqui no livro o cara para para contar a história da pessoa porque se tornou um traficante, porque se tornou um armeiro ilegal ... entendeu? e nesse motivo então é contato com pessoas que são profissionais porque o romance do Frederick Forsyth me lembra um pouco também os romances do século XIX, sabe que é pesquisar como é o funcionamento de uma gráfica para poder descrever a gráfica, então ele mostra um conhecimento enciclopédico até de detalhes e tudo o mais, né, muito interessante, mas enfim olha que nos saímos né...*

*ENTREVISTADOR - Não o interesse mesmo é a imagem ... é isso mesmo ... por isso que eu fiquei dando corda ...*

*ENTREVISTADO – Mas seja como for ele é um profissional, veja, não é um profissional que ofusque a humanidade dele, como um homem que tem sentimentos mas na sala de aula não interessa a figura do professor, como é que é a vida dele ele é um indivíduo que é o transmissor do conhecimento que ele tem e ele tem que ter tesão por aquilo são duas coisas, quer dizer, o que eu quero de um professor é que ele conheça o que ele está ensinando, né e que ele tenha tesão por aquilo, porque senão, como que ele vai conseguir passar uma coisa que ele próprio demonstra um certo tédio ... enfim ...*

*ENTREVISTADOR – E você via isso de alguns caras ...*

*ENTREVISTADO – O professor de história, por exemplo, embora não fosse um professor porque era desorganizado , mas ele instaurava uma discussão ele agiria assim como Sidnei Pottier aqui não dá para dar conteúdo regular e nem ele era professor então ele ia lá e falava sobre diversas coisas como a gente não sabia nada o universo era muito pobre entre os alunos ali, mas pouca gente era tocada, eu ficava seduzido ...*

*ENTREVISTADOR- Pra você o que é ser um bom professor?*

*ENTREVISTADO- Você me falou o que que eu acho que é um professor, tem que ter conhecimento, tem que ter domínio técnico... tem que ter é ... saber usar os recursos pedagógicos saber ... ter um comprometimento de passar o programa saber controlar a questão dos alunos ... isso tem que ser um grande comunicador coisa que eu não sou ... isso eu reconheço a minha deficiência tem professores que têm uma facilidade para poder é ... isso é um dom inato, uma facilidade no contato com as pessoas é um absurdo inclusive eu encontrei muita gente assim porque tem pessoas que dão muito certo , mas tem que ter isso, tem que ter conhecimento tem que ter comprometimento e domínio técnico né ? o (nome suprimido para evitar identificação) usava um termo acho que é “domínio de tablado”, quer dizer é saber realmente passar e aí as outras coisas, se você vai influenciar a vida da pessoa ou não ... uma menina falou em um e-mail que ela queria ser quem eu era como professor e eu tinha brincado só não engorda né? Eu brinquei com ela e ela me escreveu isso, eu falei: nossa não me lembro de ter falado isso para ela então ... Ahh tem o professor (nome suprimido para evitar identificação) ele foi importante porque tava em greve o colégio de Estado e eu tava sozinho para o vestibular e ele me ajudava eu ia lá e ele ficava dando, ele não dava aula mas ele ficava resolvendo exercício e a gente conversava bastante sobre vários assuntos, ele era uma pessoa interessante, ele era um professor muito frustrado ... não dava certo ... tinha um puta conhecimento de matemática, ele fez PUC, fazia mestrado na USP só que ele era uma pessoa cuja vida pessoal tinha dado muito errado, ele tinha casado, se divorciado, economicamente vivia muito mal porque o colégio de Estado paga muito pouco, ele tinha*

*um fusquinha que até roubaram, sabe, e ele era muito formal, então ele tinha muito problema com os alunos, ele era muito formal porque ele testava, quando eu o peguei, ele estava testando um tipo de relacionamento completamente distante com o aluno e da matéria, só que ele é fora da realidade né porque eu fazia o segundo ano com ele ele tinha que dar trigonometria, ele queria dar trigonometria, como tem que ser dado e a sala não acompanhava ... ele chegava a fazer a circunferência trigonométrica com o braço sem usar é ... como que chama? o compasso, então ele era um professor muito bom mas os alunos não conseguiam acompanhar e como ele mantinha uma certa distância então fizeram um abaixo-assinado para tirá-lo do colégio ... até falaram, ele é muito bom, a gente reconhece, mas ele tem que dar aula para faculdade e aí começou a passar o abaixo-assinado e eu me recusei a assinar porque eu era mais velho eu tinha independência, dizia não, não concordo com os termos aí e aí quando foram levar o abaixo-assinado para a diretora, a diretora foi falar com ele e ele foi lá na sala e ele conversou com a gente e ele quebrou as queixas dos alunos com uma facilidade tão grande né, porque ele falou, vocês reclamaram que eu falo baixo é só vocês sentarem mais para frente a sala não é tão ampla assim e eu tenho problema no meu aparelho fonador, se eu falar alto, a minha voz fica esganiçada, vocês falaram que eu falto com o respeito com os alunos, eu posso discutir um caso especificamente que tinha ocorrido com uma aluna que tinha ficado, que ficou nervosa que não conseguia fazer a prova, ele falou, eu posso discutir um caso, né, de de de desrespeito, mas é um indivíduo que talvez por não saber, por ter jogo de cintura, então, ele se divorciou, acaba não sendo, os alunos acabam não gostando dele, depois desse desse desse incidente, mas para frente, ele acabou quebrando o gelo ele tinha entrando no colégio aí depois passou a fazer amizade com os alunos, os alunos até brincavam né, que você vai passar de ano de qualquer jeito, né, mas ele queria dar aula e não conseguia, ele tinha frustrações que acabava levando para a sala de aula né, ele também queria ser um grande matemático e, ele sabia que nunca iria ser professor da USP porque ele falava, como eu não fiz USP eu não vou conseguir ser professor lá e não sei se isso é verdade mas é o que ele falava em relação à Matemática, fazia mestrado lá, mas não, não conseguiria, ele tinha problema com o pai dele, eu me tornei, não digo amigo, mas a gente conversava bastante, então ele tinha essa coisa da da, ele queria dar uma aula, uma puta aula, isso era por orgulho, pela autoestima dele e gostaria que o público gostasse, o público não gostava e aí ele se alienava sabe, ele ficava dando aquela aula maravilhosa mas que a compreensão das pessoas era pequena então esse era o indivíduo que tem tesão por aquilo que ele faz, ele gostava de matemática de fato, conhece o assunto né, mas não tem domínio de palco né saber adequar aquilo, eu entendo ele perfeitamente, se eu tivesse que dar aula no Estado, nossa, eu ficaria muito frustrado, principalmente hoje das histórias que eu ouço né porque é aí, falando sobre a profissão, você vai, o que que um professor que é bom, essas coisas que eu falei para você, você vai para certos colégios a demanda é outra né, é completamente diferente aí você consegue segurar a moçada é que nem um filme que eu assisti que o cara falou assim acho que foi ... que ele fala assim escuta eu sou o terceiro professor que eles têm esse ano, eu estou sobrevivendo, minha especialidade é judô, não é língua francesa é uma caricatura mas é verdade que nem o professor que tem que ir lá é o professor que consegue segurar aquela situação ou porque eles são muito violentos até ou porque o cara tem que ter uma paciência de Jó, né porque tem ficar aturando que nem num colégio que lecionei em certas salas, tinha que entrar lá, senta, não levanta, desce daí, sabe, tem que ficar administrando a inquietude, inquietude não, isso é muito elevado para falar, é ... , eles estão irrequietos, indisciplinados, tem que ficar administrando esse tipo de coisa, aí nesse caso eu me questiono se eu sou um professor de ensino médio aí eu já não sei se eu quero ser, entendeu, porque eu quero lidar com outras coisas, graus, no colégio lá, tem mas é pouco, mas você dar uma bronca já enche o saco, no cursinho, ainda tem algumas salas só que o aluno, tem total liberdade de colocar o cara para fora e o cara ta f... no (curso para diplomatas) isso nem pensar ...*

### 9.3 ANEXO 3 – NARRATIVA B

*ENTREVISTADOR – Inicialmente a ideia e você contar a história da sua vida, mais relacionada com essa parte de magistério, por exemplo, como é que você se tornou professor, o que fez você ter vontade de ser professor ...*

*ENTREVISTADO – Acho que eu sempre gostei de ajudar as pessoas ... quer ver ... minhas lembranças de escola ... não são lá muito boas eu acho... então ... o que acontece ... eu entrei cedo na escola ... então eu entrei eu tinha quatro anos ... eu aprendi a ler com quatro anos ... com a minha mãe ... eu entrei na primeira série com cinco anos ... primeiro ano ... eu lembro que vieram até uns psicólogos ... o pessoal do MEC para dar autorização para eu cursar o primeiro ano ... e até tem uma história engraçada que essa minha professora do primeiro ano eu não ia com a cara dela e eu lembro de um episódio que acho que ela tava ensinando parágrafo e a pessoa fala põe dois dedos tal né ... e acho que eu faltei ou não prestei atenção e o que que eu fazia né eu ... olha gente dois dedos para começar eu fazia assim na folha (mostra-me a folha da seguinte forma:*

*Chegava assim colocava os dois dedos e começava daqui sei lá será que é algum ritual né de por dois dedos (risos) eu lembro que ela me detonava essa mulher aí e eu sabia ler já né e ela meio que me ... não bateu muito o santo com o dela né e o que que acontece né acho que aqui no Brasil em outros países também mas no Brasil a sua popularidade na escola está ligada a esporte né e eu era o mais novo o menor né que criança em um ano né desenvolve muito e eu nunca fui bom em jogar bola nunca e aí eu lembro assim que não que eu não gostava de ir na escola mas eu não tinha uma lembrança assim boa né de escola assim não tem sei lá seu eu parar para pensar até tem mas me perguntando assim em uma primeira lembrança não tem muita coisa boa e eu lembro que assim, chegou uma época ... que eu sempre fui bom aluno ... sempre ... sim ... tirava notas boas e ... chegou uma época que eu gostava assim de explicar para os meus amigos a matéria tinha vezes que assim ... eu estudava a matéria antes sozinho para eu explicar para eles não não com a intenção de me aparecer assim, conscientemente falando, mas eu gostava de, dizer assim, explicar né ...*

*ENTREVISTADOR – Mas em que sentido você quer dizer que você não gostava da escola?*

*ENTREVISTADO – Não era necessariamente que eu não gostava era assim, eu gostava da escola, mas eu não tenho assim boas lembranças assim, vai, de coisas heroicas que eu tinha feito na .... aquela coisa de puta o cara fez um golaço do campeonato o gol do título nossa o cara é ...*

*ENTREVISTADOR – Admirado assim ...*

*ENTREVISTADO – É nossa ele namorou a menina mais bonita da escola, nunca aconteceu isso comigo eu lembro ... quando escolhia time né ... fica aquela “renca” de moleque aí os dois que jogam melhor falam assim – você, você – eu era sempre o último ou penúltimo né ... isso para criança é um negócio meio ... meio “punk” né – aceitação assim, do do grupo né ...*

*ENTREVISTADOR – E você falou de uma professora que ... que não batia muito o santo.*

*ENTREVISTADO – Isso na primeira série, mas eu sabia ler já – a professora teoricamente de alfabetização não ... não ... eu gostei de várias professoras ... dela em particular não sei o que aconteceu que que não bateu muito né e ... então ... e aí ... como eu fazia isso para muitas pessoas acho que eu comecei a ganhar uma popularidade nesse sentido ... assim ... nunca fui visto como “nerd” por exemplo, tinha um moleque lá na sala que ela tido assim bom aluno, que tirava notas boas mas que não conversava com ninguém. ... não ajudava ninguém e eu ajudava todo mundo ... sabe ... então comecei a ter uma popularidade assim minhas origens de professor estão ligadas a isso assim e aí o que aconteceu ... entrei na faculdade também novo dezesseis anos não tinha a menor assim como eu sempre gostei muito de exatas e humanas né gostava muito de história e redação ... queria fazer jornalismo ... estava em dúvida entre engenharia e jornalismo mas como todos os jornalistas que eu gostava não eram formados aí eu achei a faculdade de jornalismo meio não ia me acrescentar muito né fui fazer engenharia porque eu era bom de exatas mas não sabia o que fazer entrei na POLI ... não gostei daquilo mas “pô” você chegar e falar “ eu vou sair da POLI “ e aí, nossa, foi terrível e aí o que que acontece nossa eu falei eu preciso começar a trabalhar para ganhar um dinheiro o que que eu sei fazer*

, eu não sei fazer nada ahh ... acho que eu sei fazer sim ... aula ... explicar a matéria para os outros ... aí comecei a dar aula particular ... eu assim imaginando que seria um bico ... uma coisa assim ... temporária ... uma coisa e ... sempre meus alunos falam bem de mim ... não ... “pô” você explica bem ... aí eu comecei a trabalhar em um cursinho pequeno ... foi até interessante ... né ... que eu tava ... tem um dia que eu estava assim, não eu preciso arrumar aula tinha dezoito anos

ENTREVISTADOR – e o que te levou foi ganhar dinheiro ...

ENTREVISTADO – foi assim, ganhar dinheiro mas acho que por uma independência do dinheiro não era o objetivo final aí ...aí tem uma história interessante eu lembro que eu andei até perto desse supletivo aqui (nome do colégio suprimido para evitar identificação) procurando aula , fiz ficha , fiz ficha em vários lugares, vários lugares aí eu vi no jornal lá um cursinho pequeno chamava (nome suprimido para evitar identificação) e , o que que aconteceu, eu peguei eu fui lá, meti as caras e fui lá, chego lá, ah o dono está , não está, mas estava a mulher dele, eu não sei por que eu comecei a conversar com essa moça, com essa mulher e,nossa a gente ficou batendo papo umas duas horas rolou uma conversa lá, a gente ficou conversando tal tal não é o dono é meu marido, tal e não sei o que olha faça o seguinte, quando ele voltar, acho que ele estava viajando coisa assim, ele vai te ligar e vocês conversam mas eu senti que ela estava zoando com a minha cara e dito e feito, ele voltou me chamou falou é você é muito novo e tal aí depois eu descobriu que ele começou a dar aula e não sei se rolou essa identificação, como eu comecei a dar aula muito novo e ,aí ele me deu essa oportunidade, comecei a dar aula lá ,e foi muit legal assim né começou a dar uma oportunidade para você eu era muito moleque né, na época ... e lá foi engraçado porque o cursinho era um cursinho pequeno e os alunos eram muito próximos e aí formou uma turminha lá com balada no fim de semana sabe foi ... saímos íamos viajar juntos foi uma coisa muito ... e era assim mais popular e pequeno assim, então foi bem legal ... e nessa a POLI indo cada vez pior eu odiando aquilo falando “o que é que eu estou fazendo aqui nesse lugar” e aí assim “ eu tenho que ir trabalhar” porque até então não era um dinheiro para me sustentar e aí eu tive a oportunidade de ir para o (nome do curso suprimido para evitar identificação) que era um curso maior que também foi uma história doida demais :

Eu. Um dia estava na POLI assim , meio deprimido falando: “PUTA o que eu estou fazendo aqui ,preciso tomar uma cerveja , encontro um, não muito amigo meu, um colega “vamos tomar uma cerveja?” “vamos” e ele dava aula no (nome do cursinho suprimido para evitar identificação) e aí a gente conversando tal e ele perguntou se eu dava aula em cursinho também e eu :

”não”

“você não quer pegar as minhas aulas?”

“como assim pegar as suas aulas?”

“eu vou ser mandado embora de lá”

”você vai ser mandado embora?”

“é minha aula é muito ruim”

(risos dele)

“a minha aula é muito ruim, eu vou ser mandado embora de lá”

Falou assim, na boa ele falou , ele era assim de uma família pobre, ele tinha vindo acho que do nordeste, um lugar assim, morava no CRUSP , sofrido né , ele precisava do dinheiro mas ele não

eu “eu não nasci para dar aula (ele falou) , vou ser mandado embora, mas, eles estão, se eu indicar você ,você entra e pega as minhas aulas

“ah, mas você tem certeza?”

“não, não, vamos lá tal”

Fui com ele lá, me apresentou para o dono, o cara fez uma aula teste, me bombardeou, me encheu o saco, terminou a aula meu nome estava no horário, tava meu nome no horário já da semana que vem e aí eu comecei no (nome do cursinho suprimido para evitar identificação) lá eu conheci minha esposa, aquelas coisas assim, né que, as pequenas coisas da vida como tiveram grandes efeitos né, eu tenho filhos hoje, então, eu fico imaginando se naquele dia eu não tivesse tomado aquela cerveja, será que eu teria conhecido minha esposa, será que eu teria, então vem muitos acontecimentos que, que o início foi aquele lá né

*ENTREVISTADOR – Então parece para mim que você está dizendo que você meio que se tornou professor por acaso ...*

*ENTREVISTADO – Eu acho que foi um pouco por acaso sim ... é como se eu estivesse em uma fase meio perdido e a única coisa que eu sabia fazer e gostava era isso, não tenho, não tive um planejamento foi meio sabe, eu gostava de explicar, me sentia bem, achava que fazia bem feito, mas eu não tive um projeto para ser professor, dizendo vou ser professor, estou me preparando para isso, não muito por intuição assim, nunca estudei, assim pedagogia sempre achei meio chato essas coisas e nessa altura do campeonato eu já encarava como uma profissão minha e aí foi se tornando interessante no (nome do cursinho suprimido para evitar identificação) porque foi assim, eu entrei lá no lugar dele, realmente o pessoal não gostava muito desse meu amigo acho que a aula dele não era muito boa e entrei lá, era novinho, fazia sucesso assim, as menininhas tal né e o pessoal falava né tal sua aula é boa a do outro não era tão boa e tal e eu não tinha muita responsabilidade, tinha vinte anos nessa época e às vezes chegava atrasado, faltava, sabe, saía para balada com aluna, perdia aula no outro dia assim, tava bem, bem desregrado né e chegou o fim do ano, no último dia de aula tinha um plantão que os professores davam e eu fui para o Paraíso, tinha uma turminha que tomava cerveja, saía com umas meninas lá fui para lá e eles estavam me esperando não para o plantão e sim para tomar cerveja e tal eu fiquei meia hora lá falei, não vai vir ninguém sai né só que eu tinha um outro plantão em Santana depois, que era outra unidade e Santana era uma unidade bem menor que o Paraíso, então o que eu pensei, se Paraíso não veio ninguém, eu não vou para Santana dia trinta de dezembro, sendo que eu estou com um pessoal aqui tudo animado as menininhas tal, sabe, não vou, peguei dei o cano, nem fui, o ano novo tal, começo do ano, quando começou o ano, dia três, quatro de janeiro, o dono me chama, me mandou embora, falou que teve gente, que teve três alunos que apareceram lá em Santana, atrás de mim, que não teve plantão e ele falou para mim assim ele falou uma coisa muito legal, ele falou para mim:*

*“(nome do entrevistado suprimido para evitar identificação), você é um ótimo professor, não tive problema com você quanto à aula, só que você é muito irresponsável, vou te dar um conselho, se você quiser continuar nessa profissão, tem que mudar esse eu lado, você é muito bom, mas do seu jeito você não vai parar em lugar nenhum, você vai só se queimar”*

*E aquilo para mim foi uma bomba eu me achava O CARA no (nome da instituição suprimido para evitar identificação), o gostoso e aí eu, o chão abriu, eu pensei nossa, e agora.*

*ENTREVISTADOR – você fazia sucesso lá.*

*ENTREVISTADO – eu fazia sucesso, era novinho bonitinho, dava aula bem, sabe e eu achava que era intocável por causa disso, que podia faltar, que podia atrasar.*

*ENTREVISTADOR – Você gostava desse dono assim ou você tinha uma relação distante com ele?*

*ENTREVISTADO – tinha uma relação distante, até na época que ele falou isso para mim eu fiquei meio puto da vida com ele, mas hoje eu digo que um dos maiores professores que eu tive na vida foi esse cara essa conversa que ele teve comigo também mudou assim minha maneira de pensar sobre a profissão, porque o que aconteceu, isso foi em janeiro, logo depois, fevereiro, me chamaram num outro cursinho e fiz prova, fiz processo seletivo e entrei para dar aula no cursinho e eu entrei com uma cabeça bem diferente de quando eu saí do cursinho anterior ...*

*ENTREVISTADOR – Então aquela conversa fez isso com você ...*

*ENTREVISTADO – Assim fez porque puta eu falei esse cursinho novo é maior ainda e se lá eu me ferrei eu tenho que mudar esse meu lado, não posso ser um moleque mais ... então eu entrei já bem diferente do jeito que eu tava lá, sabe, brincava tudo, mas eu não fazia aquelas coisas que eu fazia lá se eu tivesse tido a postura que eu tive no cursinho anterior no cursinho novo eu não teria durado ... não mesmo então lá foi um aprendizado, eu tive que passar por lá, por aquilo para falar não é aqui que ... não é porque você é bonitinho .. sabe não sei o que ... que você pode fazer tudo o que você quiser ... sabe ... hoje eu vejo uma experiência muito valiosa assim né falei puta né, que perfeito que o cara falou aquilo e lá depois o lugar decaiu, já era meio decadente na época, então não era o lugar para eu fazer minha vida lá, então foi certinho, foi uma experiência que eu tinha que passar para falar não, espera aí e aí vim para cá e estou há quinze anos*

*ENTREVISTADOR – O que que você acha que seria um bom professor*

*ENTREVISTADO – Hoje minha visão de professor é uma coisa mais ... assim no sentido de propor aos alunos questionamentos , fazer eles evoluírem, acho que é isso , uma pessoa que ajuda o outro a evoluir ...*

*ENTREVISTADOR – E você ajudava a evoluir quando você estava no começo da carreira ?*

*ENTREVISTADO – Acho que eu ajudava sim mas acho que em outra instância , em uma instância menor , eu acho ... eu tenho uma visão acho ... acho que mais geral das coisas ... evoluir não só na matéria mas sim procurar evoluir em atitudes ,... assim no enxergar coisas diferentes , ampliar a visão ... eu penso assim , mesmo não sendo da área, eu sou da área de física , dou aula de física aqui, mas eu , por exemplo, estou na aula minha , por exemplo, eu tenho a frase da semana né , sei lá, para o pessoal pensar em alguma coisa, não ficar somente na área da física*

*ENTREVISTADOR – Essa frase da semana não é sobre física .*

*ENTREVISTADO – Não é assim para o cara refletir sobre alguma coisa ...*

*ENTREVISTADOR – O para você o que é ser um professor ruim*

*ENTREVISTADO- Eu acho que o pior professor para mim é o cara que não está a fim de fazer o que ele está fazendo, quando ele vê a coisa só por dinheiro só por ... que não tem assim afinidade sabe , quando ele vê aquilo de uma forma puramente financeira , sabe, não pensa que está lidando com seres humanos lá , que pode fazer a diferença para aquelas pessoas ... esse negócio de missão, acho que eu tenho uma missão ... durante a minha vida eu sempre tive uma coisa de ser o pioneiro , o primeiro pelotão que entra na mata fechada , sou sempre eu , então assim, eu vou lá , com a peixeira, abro o caminho , reconheço o ambiente, faço o levantamento , volto e falo podemos ir , isso para mim acontece muito na minha vida ao mesmo tempo que, de certa forma me fortalece , muitas vezes eu me sinto só também , puta eu queria ter alguém aqui para perguntar as coisas , os outros perguntam para mim as coisas, para quem que eu pergunto ? Os trabalhos que eu faço, sempre que eu vou na frente e faço para os outros , viajar para fora do Brasil com a minha família eu fui um dos primeiros , entrar na faculdade eu fui um dos primeiros , sair de casa eu fui o primeiro comprar apartamento eu fui o primeiro , eu nunca tenho uma pessoa para eu perguntar para me falar: - olha faça isso , mas eu já faço isso para muita gente já que nem agora, eu estou em uma fase que tá difícil eu achar pessoas para eu conversar é muito complicado, eu não tenho muito assunto com as pessoas ...*

*ENTREVISTADOR – E hoje você trabalha com coaching para vestibular...*

*ENTREVISTADO – É ... o coaching na verdade trabalha com motivação, trabalha com organização , trabalha autoconhecimento , tem vários aspectos lá né , não é só motivacional é ... aqui onde eu trabalho ninguém tinha ouvido falar e aqui eu sou pioneiro nisso também , eu que comecei aos pouquinhos tal e tal então é um evento recorrente na minha vida assim ser o primeiro*

## 9.4 ANEXO 4 – NARRATIVA C

*ENTREVISTADO - eu nunca pensei que eu fosse virar professor algum dia na vida, eu acho até que o fato se eu ter virado professor foi um acidente, porque assim, eu fiz faculdade de engenharia, em nenhum momento eu imaginava que eu fosse dar aula algum dia, mas o que aconteceu, eu dava aula particular enquanto eu fazia faculdade, lá em São Carlos, mesmo aqui em São Paulo, antes de ir para São Carlo,... eu dava aula particular como um bico pra ganhar um dinheiro tal e me ... lá em São Carlos, durante um tempo eu fui plantonista de física de um cursinho de São Carlos, então eu ia duas vezes por semana dar aula à noite lá ... aí assim ... nada voltado a ... assim. Eu quero fazer isso da minha vida, na verdade, era uma grana que eu ganhava ... quando eu voltei para São Paulo, formado, eu trabalhava nas empresas e eu comecei a dar aula assim, esporadicamente, eu anunciava na vejinha essas coisas para dar aula particular só ... e um dia eu tava indo na Paulista (Avenida Paulista) visitar um cliente, eu tava de terninho gravatinha, porque eu andava assim, eu trabalhava na área comercial, já era formado, tal ....*

*ENTREVISTADOR – Você fez engenharia ...*

*ENTREVISTADO- Eu fiz engenharia de produção, mas eu trabalhava com embalagem nessa época, eu trabalhava no mercado de embalagem, eu vendia ... a empresa que eu trabalhava vendia e desenvolvia embalagem para cliente, embalagem com alimento ... eu até vou te falar, eu tava indo na Johnson e Johnson que tinha um escritório na Paulista, que era um dos clientes lá da empresa, só que cara, eu já tava num estresse muito grande no trampo lá, eu não gostava do meu trabalho, não era nem do meu trabalho, eu não gostava da empresa em que eu trabalhava, principalmente eu não gostava do meu chefe, tinha muito problema com ele ... é eu fui saber o que era bullying quando eu fui trabalhar lá, que eu vi o que que é mesmo ...*

*ENTREVISTADOR – Assédio moral ...*

*ENTREVISTADO – Assim, o conceito de assédio moral, porque todo mundo fala assim:*

*“-Assédio moral, mas você não sabe o que é Assédio Moral”*

*. Assédio moral existe e é sério, porque ele fazia isso com todo mundo, ele era muito, assim, grosseiro e estúpido e mau caráter também, porque ele dava umas pisadas de bola feias comigo e mais um monte de cara... e eu tava muito puto... eu queria sair de lá de qualquer forma ... só que assim ... eu queria sair de lá tendo alguma coisa na mão né e um dia eu passei na porta do colégio em que eu fui aluno, eu tava indo visitar o cliente, eu tinha acabado de discutir com meu chefe no celular e eu parei o carro no estacionamento e fui andando para a Paulista para tomar um ar para respirar, por que eu falei, não, eu vou a pé, porque se eu chegar no cliente do jeito que eu to eu vou perder o cliente ...*

*ENTREVISTADOR- Você tava muito nervoso ...*

*ENTREVISTADO- Eu tava muito nervoso, eu já sou um cara nervoso por natureza assim ... e aí eu passei na porta do colégio e entrei e aí eu falei, eu perguntei para a Tia lá, a inspetora, eu falei:*

*“ Como é faz para dar aula aqui.”*

*“Você tem que trazer o currículo.”*

*“Mas o meu currículo não tem nada de aula assim. Se eu trouxer um currículo aqui ninguém vai me chamar.”*

*“Ah. Mas então você não vai entrar aqui, porque aqui só entra gente muito experiente.”*

*Aí eu fiquei conversando com ela tal, perguntei dos meus antigos professores ...*



*“Ah você conhece o professor (nome retirado para evitar identificação), ele não está ... Ah você conhece o professor ( outro nome retirado para evitar identificação) ele só atende com hora marcada”*

*Aí eu fiquei falando com ela, ela me perguntou do que eu dava aula, falei ah, Matemática, Física, aí ela disse:*

*“Aqui você tem que escolher, ou é Matemática ou é Física.”*

*ENTREVISTADOR – Ela te orientou bastante então ...*

*ENTREVISTADO- Não, no começo ela deu uma espinafurada, tipo entendeu, você não vai entrar aqui nem a pau, aqui não é para você e deu uma ... mas depois eu comecei a conversar com ela e aí a gente começou meio a trocar ideia ali e eu fiquei um quinze minutos conversando com ela ali aí ela falou:*

*“Pera aí ... que eu vou ver se o coordenador de Matemática ou de Física tão aí”*

*Aé ela voltou e falou:*

*“Olha o de Física não tá mas o de Matemática tá”*

*Eu falei assim:*

*“Ah, então tá bom, então eu dou aula de Matemática”*

*Eu falei para ela, aí veio o (nome do funcionário excluído para evitar identificação) e ele lembrou de mim aí ele falou assim:*

*“Você foi aluno aqui”*

*Eu falei:*

*“Eu fui mas você não lembra de mim porque faz quinze anos”*

*Ele falou:*

*“Não, eu lembro você namorava uma menininha assim baixinha, mestiça”*

*Essa moça é a mãe do meu filho. E eu falei:*

*“Pô, você lembra mesmo, sou eu, como é que faz para dar aula aqui”*

*“Faz uma prova agora”*

*“Agora?”*

*“É, vai ter uma prova aí para professor, faz aí!”*

*“Agora, agora também é ruim né?”*

*“Não, não, faz aí, se você não passar você pode fazer outra”*

*Aí eu fiz a prova, aí eu liguei para o cliente e desmarquei, inventei uma mentira lá e fiz a prova, aí passei na prova, me chamaram para a aula-teste, passei na aula-teste, fui passando aí quando chegou na hora da entrevista com o coordenador, ele perguntou para mim assim:*

*“Quando é que você pode começar?”*

*“Ontem” (risos)*

*Isso começou o semi, isso era final de julho, ia começar o semi lá para agosto.*

ENTREVISTADOR- *Quer dizer você tava desesperado ...*

ENTREVISTADO- *Eu tava aceitando qualquer coisa para ganhar metade, porque eu queria sair de lá de qualquer jeito ...aí fui trazendo documento, ele falou assim:*

*“Não, eu quero que você comece daqui a uma semana, no semi”*

*Eu falei:*

*“Tudo bem ...começo”*

*Aí fui trazendo documentação papapa ... papapa ... mas a minha ideia era entrar no cursinho para continuar ganhando uma grana, eu me lembro de quando ele fez o cálculo de quanto eu ia ganhar era elas por elas, quer dizer, eu ia ganhar a mesma coisa, eu ia perder alguns benefícios porque lá eu tinha carro da empresa, eu tinha computador da empresa, eu tinha celular da empresa, eu não pagava absolutamente nada, se furasse um pneu do carro, a empresa pagava, mas isso para mim já não era mais importante do jeito que eu tava e aí eu trouxe a documentação tal e a minha ideia era começar a trabalhar no cursinho mas continuar procurando outra coisa ... só que ... eu até fui nas entrevistas depois, né, que foram aparecendo aí, mas depois de um tempo eu não queria mais sair, eu gostei ... aí teve até uma época eu me lembro que uma mulher me ligou de Campinas, perguntando se me interessava trabalhar lá em Campinas eu falei:*

*“Não ...”*

*“Mas você não quer ouvir o salário, o salário é compensador viu ...”*

*“Olha se o salário for menos que (aí eu falei um número absurdo né) eu sei que não vale a pena mesmo.”*

*“Olha, não é maior que isso, mas tá quase lá”*

ENTREVISTADOR – *Nossa !!!!*

ENTREVISTADO – *Eu falei, ô loco, cara não é possível, eu falei um salário assim absurdo assim tipo vinte pau, por menos de vinte pau eu não vou nem ver o que é aí ela falou:*

*“Não é mais que vinte mas tá quase lá, tá bem perto desse valor que você quer aí”*

*Eu pensei, pô, não é possível cara, aí, mas a mulher começou a falar o que que era, não falou o nome da empresa mas falou o que que era ela falou assim:*

*“Não, você vai ter carro da empresa, também ...”*

*Só que eu ia ter que ir para Campinas todo dia, ou morar lá, mas eu falei ahh, que saber, eu tinha acabado de casar, eu falei ah não aí eu falei:*

*“Oh, obrigado, não quero ...”*

*E aí eu acabei ficando, meio que num acidente eu caí na escola. Se existe destino, o destino quis que eu desse aula porque eu tava passando na porta do lugar, na hora, certa, no dia certo, na hora da prova cara e foi tudo muito rápido porque eu fiz a prova, três dias depois me ligaram para fazer a aula-teste, três dias depois me ligaram para trazer a documentação, para fazer a entrevista ...*

ENTREVISTADOR – *Meio por acaso, parece ...*

ENTREVISTADO- *É sei lá, tem épocas na sua vida que você até pensa, legal dar aula em cursinho, né, mas assim, como você pensa assim, deve ser legal ser alpinista, deve ser legal ser paraquedista, deve ser legal ser piloto de automobilismo, mas você nunca vai pensar, não, quero ser isso tal, vou preparar a minha vida para essa profissão, deve ser legal você ser jogador de futebol, mas daí para você realmente parar sua vida para ser jogador de futebol tá bem distante e foi isso, quer dizer, deve ser*

*legal dar aula em cursinho, mas daí eu falar quero ser professor, nunca passou pela minha cabeça e hoje em dia virou minha profissão porque em nenhum outro lugar desde que eu me formei, nenhum outro lugar na minha vida eu fiquei exercendo a mesma coisa tanto tempo ....*

*ENTREVISTADOR – Você acha, por exemplo, que os seus colegas da faculdade, que poderia acontecer o que aconteceu com você da mesma forma com eles ...*

*ENTREVISTADO – Eu acho que sim, mas eu acho também que não é todo mundo que ia encarar esse trabalho, eu acho que esse trabalho, apesar de ser legal, você lida com jovem ... por exemplo, uma coisa que ninguém, não é que ninguém, mas assim tem pouca gente que talvez enxergue eu dou um puta valor é o seguinte é eu poder sair da minha casa vestido deste jeito, de moto, chegar na escola em dez minutos e trabalhar ... entendeu? Eu trabalhava de terno e gravata, com um monte de amostra de embalagem, ia visitar cliente em Alphaville, em Sorocaba, às vezes eu ia para Araraquara ...*

*ENTREVIATADOR- Tem gente que gosta de um terninho ...às vezes nem precisa e o cara põe né ...*

*ENTREVISTADO- Tudo bem, pode ser bonito você usar o terno, mas todo dia, quando isso vira obrigação, você pode ter certeza que logo logo você vai enjoar, entendeu, por exemplo, ano passado eu fui num casamento de um amigo meu e o outro amigo que ia também falou assim:*

*“Você vai de terno”*

*“É lógico”*

*“Como é lógico?”*

*“Meu, eu tenho que usar nessas horas, senão eu não vou usar nunca”*

*Então eu pus o terno e falei nossa tou bonito a mulher bateu foto.*

*ENTREVISTADOR- O que que representa um terno para você?*

*ENTREVISTADO- Nada, Eu acho que é uma roupa bonita, pronto. É uma coisa que te dá um ar sóbrio e em algumas atividades exige-se que você use o terno ou porque você vai representar alguma coisa ou alguém então, a política da empresa ou a cerimônia no casamento, você não representar uma empresa, uma cerimônia, tudo lá muito bem arrumado, é uma festividade, então é até um sinal de respeito que você compareça de acordo, claro, desde que todo mundo esteja igual, não adianta, o cara vai casar na praia, todo mundo de havaiana e você de terno, você está desrespeitando a cerimônia ...*

*ENTREVISTADOR- O terno você acha que é o que, assim ...*

*ENTREVISTADOR- Eu acho que o fato de eu não precisar usar terno me dá um conforto muito grande, entendeu, me dá um conforto, pô, você tá de camiseta também, você tá de calça jeans, tênis e isso é um conforto para mim, pelo menos, o terno pode ser assim é uma indumentária que é diferente para quem não usa todo dia, por exemplo, você, eu, você põe um terno, pô, que diferente que você tá, da mesma forma que um cara que usa terno todo dia, vestido de astronauta, está diferente, porque a roupa, ela reflete a identidade da pessoa, ah mas se o cara for obrigado a usar uniforme, mesmo o uniforme reflete a identidade da pessoa, eu acho, porque por traz do uniforme tem um monte de outras coisas, aqui todo mundo usa avental, mas você reconhece o estilo de cada um, apesar de tá todo mundo com aquela indumentária padrão, por baixo daquilo, os apetrechos que você carrega junto com aquilo refletem a sua identidade.*

*-ENTREVISTADOR. Então uma das coisas que te fez gostar foi não precisar usar terno ...*

*-ENTREVISTADO – Não, isso contribuiu mas é uma coisa que ...*

*--ENTREVISTADOR – Que mais então...*

*-ENTREVISTADO – Poder andar de moto ...*

*-ENTREVISTADOR – Você gosta pra caramba de andar de moto ...*

*-ENTREVISTADO – Eu gosto, quanto mais eu ando de moto mais eu odeio andar de carro, a verdade é essa, então assim, quando eu entrei aqui eu não tinha moto, tinha carro, e vinha de carro, as aí eu pensei, eu sempre gostei de moto, já tinha tido moto antes, mas naquela ocasião eu não tinha aí eu pensei, acho que eu vou comprar uma moto porque vou ter que ficar indo para outros prédios e às vezes você sai naqueles horários alternativos, eu não moro tão longe, moro relativamente perto porque, mas eu pensei, porque que eu não tinha moto antes, não dava [...] eu acho que isso tudo que eu falei contribui mas não é decisivo, isso contribui mas não decide, porque se você não gostar do dia a dia, você pode dar um milhão de benefícios para o cara, ele não vai agüentar, ele não vai querer ficar lá, se eu te falar os benefícios que tu tinha lá na empresa que eu trabalhava, mas se eu te falasse os benefícios que eu tinha lá você vai me falar, mas você é maluco, só que eu não tava agüentando por que, porque o dia a dia era muito desgastante para mim até minha esposa me disse que eu estava irreconhecível ... minha melhora foi gradual, não é uma varinha de condão, mas assim, você vai se ambientando e aqueles problemas que eu tinha, eles sumiram, só que mesmo quando os problemas vão sumindo, não sei se isso é uma coisa minha, ou coisa do ser humano, de uma maneira geral, mas a gente demora para se acostumar bem né assim as coisas vão, por exemplo, eu deixei de ter problema com o meu chefe, claro, não trabalhava mais lá, não tinha nenhuma ligação com ele, com a empresa então eu não tinha mais esse problema, mas parece que aquilo assim, na sua cabeça vai saindo aos poucos, as coisas vão assim meio que voltando ao normal após poucos, eu ainda ficava um pouco preocupado com algumas coisas que eu nem sabia o que era e eu ficava tentando descobrir qual era a causa daquilo, por que que eu tô tenso? Por que eu tô preocupado? O que que é que me incomoda e aí você vai puxando assim aquela linha, você vai puxando, vai puxando, vai puxando, quando você vê, você está preocupado com um problema que não existe mais, não existia mais para mim então as coisas demoraram um pouco, poucos meses até eu me ambientar legal aqui ...*

*-ENTREVISTADOR – Teve alguma pessoa que te aconselhou a você procurar outra coisa ou ...*

*- ENTREVISTADO – Ninguém ... ninguém me aconselhou, aliás, pelo contrário, eu tive muito mais gente descendo a lenha em mim do que me aconselhando nisso aí, não vou dizer para você que eu só tomei porrada, não é verdade, por exemplo, quando eu falei para a minha esposa que eu ia trabalhar aqui, minha esposa disse:*

*“Mas você vai virar professor?”*

*Porque, quer queira, quer não, a palavra professor ela virou pejorativa no Brasil.*

*“Mas você vai virar professor? Você é engenheiro, você não é professor!”*

*“O que é que tem, eu vou lá e outra, eu vou dar aula lá até uma outra coisa, depois arrumo uma outra coisa, beleza, vou sair fora.”*

*Então assim, ela não me criticou, mas ela ficou com um pé atrás sabe aí depois eu comecei a gostar, aí eu falei para ela e ela me disse:*

*“Ah, se você está gostando, então fica lá.”*

*Mas depois que um tempo já tinha se passado, a minha mãe também não me criticou não, a minha mãe até me deu apoio, falou, legal dá aula, tal, deve ser bacana né, mas tirando essas duas pessoas, quando eu falava que eu ia dar aula, os caras:*

*“Putá, se é louco, você largou isso, você largou aquilo”*

*Depois de um tempo o pessoal aceita, parece não sei, aliás, aconteceu uma coisa engraçada, depois de um tempo, eu comecei a perceber que muita gente começou a ter meio que uma certa inveja:*

*“Putá, mas como é que é dar aula?”*

*Aí você fala:*

“Dar aula é assim, tem uma galera, duzentos ...”

“Duzentos !!!”

(risos)

ENTREVISTADOR – Para você, o que é ser um bom professor?

ENTREVISTADO – Ser bom professor vai muito do perfil de quem está do outro lado, às vezes você se acha um bom professor porque você tem os seus valores e você está querendo ir a favor dos seus valores, mas se os valores do cara que está sentado do outro lado do balcão não forem parecidos com os seus, ele vai olhar para você e vai pensar: - esse cara é uma bosta! Eu acho que legal é o cara que vem vestido de palhacinho e imita coelhinho e faz isso e isso e isso, esse cara para mim é ruim, eu acho assim, eu acho que ser bom profissional, independente de ser professor ou ser qualquer outra coisa é você ir a favor dos seus valores é você não se prostituir e você não se vender não no sentido de a gente, todo mundo aqui se vende porque a gente vende a nossa força de trabalho, mas você não se não se trair, não trair as suas convicções em prol simplesmente do que : - Eu preciso trabalhar. Então se o cara me mandar imitar uma galinha eu vou imitar uma galinha mesmo achando isso ridículo, não se você se sente à vontade imitando galinha e acha que isso faz parte da aula, e tem um contexto super didático, ótimo, faça isso, os caras vão adorar, talvez alguns não gostem, mas alguns sempre vão não gostar né, mas assim, respondendo sua pergunta pra mim, ser um bom professor, principalmente de uma matéria operacional como é matemática, física, eu acho que é você estimular o cara a pensar, mas não o pensar assim de ficar filosofando sobre o assunto, é pensar assim: - Quais são as opções que eu tenho para resolver um problema? Eu acho que isso eu aprendi muito na faculdade de engenharia porque na faculdade de engenharia você aprende a resolver problema só que aí você tem um monte de variável lá, inclusive uma delas, que é uma das principais é o bom senso, não adianta você ser um calculista extremo conhecedor da teoria, se o que você quer fazer não é viável perante, que você está lidando com pessoas, você está lidando com egos, então você tem que saber driblar um pouco essas coisas, mas eu acho que se você conseguir estimular o cara a enxergar as coisas por diferentes tópicos de tal maneira que você abra um leque de opções para ele: -Ah. Eu não consigo enxergar aqui, mas eu consigo enxergar assim. Ótimo, então, você, pelo menos mostrou para ele que tem vários caminhos e que tem escolhas e se ele conseguir achar uma que esteja de acordo com ele, você atingiu seu objetivo, você conseguiu fazer com que ele se virasse com as ferramentas que ele tem e ele conseguiu enxergar isso através de você, então você abra portas para o cara chegar onde ele quer.